

SEBASTÃO LOURENÇO DOS SANTOS

REVISITANDO O CLÍTICO <SE> EM ESPANHOL:
UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES PASSIVAS,
IMPESSOAIS E REFLEXIVAS

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Letras, Área de concentração Estudos Lingüísticos, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Orientadora: Professora Doutora Elena Godoi



PARECER

Defesa de dissertação do mestrando SEBASTIÃO LOURENÇO DOS SANTOS para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

As abaixo assinadas ELENA GODOI, ELIANE RONCOLATTO e SANDRA LOPES MONTEIRO argüiram, nesta data, o candidato, o qual apresentou a dissertação:

“REVISITANDO O CLÍTICO <SE> EM ESPANHOL: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES PASSIVAS, IMPESSOAIS E REFLEXIVAS”

Procedida a argüição segundo o protocolo aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que o candidato está apto ao título de **Mestre em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	Aprovado Não aprovado
ELENA GODOI		Aprovado
ELIANE RONCOLATTO		Aprovado
SANDRA LOPES MONTEIRO		Aprovado

Curitiba, 07 de julho de 2004.

Prof.^a Marilene Weinhardt
Coordenadora

CURITIBA
2004
TERMO DE APROVAÇÃO

SEBASTIÃO LOURENÇO DOS SANTOS

REVISITANDO O CLÍTICO <SE> EM ESPANHOL:
UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES PASSIVAS,
IMPESSOAIS E REFLEXIVAS

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Letras, Área de concentração Estudos Lingüísticos, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Orientadora: Prof. Doutora Elena Godoi
Departameto de Letras Estrangeiras Modernas, UFPR.

Prof. Doutora Sandra Lopes Monteiro
Departameto de Letras Estrangeiras Modernas, UFPR.

Prof. Doutore Eliana Roncolatto
Departameto de Letras PUC-PR

Curitiba, 07 de julho de 2004

DEDICATÓRIA

Aos sonhadores
À minha mãe, Rosa

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Elena Godoi, pela orientação, pelos incansáveis instantes que levaram às discussões esclarecedoras, pelo vasto conhecimento que me permitiu amadurecer como aluno e como pesquisador. Agradeço, principalmente, por haver-me ensinado a crescer intelectualmente, ao mesmo tempo que me mostrou o prazer de ver o lúdico, fazendo lingüística.

À Claudete, Priscila, André e Gabriel, pelos momentos roubados.

À Luzia Shalkoski, pelo apoio, pelos conselhos, pelas leituras, por dividir o Mestrado comigo e pelo companheirismo incentivador.

Às colegas do Mestrado, Dione Gollo e Marcelia Percegon, pelas tardes de estudos.

À Ana Cristina, pelo apoio logístico.

À Maristela Gabardo, pela valiosíssima ajuda com o inglês.

Às pessoas que colaboraram, direta ou indiretamente, na pesquisa.

Nunca ande pelo caminho traçado,
pois ele conduz até aonde os outros já foram.

Walter Waeny

RESUMO

Este estudo analisa as construções espanholas passivas, impessoais e reflexivas de clítico <se>, a partir de dez gramáticas espanholas. A análise parte da verificação de certa inconsistência terminológica manifesta nas gramáticas tradicionais, uma vez que não são muito claros os critérios adotados pelos autores para distinguir as construções de clítico. A falta de clareza conceitual reflete o quão distante está a uniformização terminológica dessas construções, resultando um panorama distintivo caótico. A análise enfoca algumas propriedades léxicas da língua espanhola que permitem uma abordagem interpretativa a partir da de-transitivização sintática, o que possibilita uma aproximação dessas estruturas com as estruturas ergativas, tendo por base os verbos intransitivos. Nesse sentido, a reflexividade é vista sob o prisma de uma relação correferencial, em que o reflexivo *si*, o adjetivo *mismo* e o clítico <se> mantêm uma relação anafórica de elementos coindizados, que formam a semântica composicional da oração. Baseando-se nos dados do corpus oral da Real Academia Espanhola (RAE), que contém transcrições orais retiradas de entrevistas, conversas telefônicas, reportagens, debates, documentários, etc. este estudo analítico parte para o diagnóstico de possíveis critérios sintáticos e semânticos que possibilitem distinguir, interpretar e caracterizar, as construções espanholas de clítico <se>. O resultado é a elaboração de um quadro analítico que conjuga as propriedades sintático-semânticas intrínsecas de cada construção de clítico e que serve de panorama metodológico a um campo de estudo confuso: a análise das construções espanholas de clítico <se>.

Palavras-chave: passiva – impessoal – de-transitivização – ergatividade e reflexividade.

ABSTRACT

This study analyzes the Spanish constructions of the passive, impersonal and reflexive of the clitic (se), having ten different Spanish grammars to start it. The analysis comes from the verification of a certain lack of constancy in the terminology in the traditional grammars, once that the criteria that were adopted by the authors to distinguish the constructions of the clitic are not very clear. The lack of conceptual clearness reflects how distant it is the terminology regularization of these constructions, resulting in a chaotic distinctive view. The analysis focuses on some lexical properties of the Spanish language that allows an interpretive approach based on the syntactic <<destransitivization>>, which possibilities an approach from these structures with the ergative structures, having as a basis the intransitive verbs. In this sense, the reflexivity is seen under the prism of the correferential relation, in which the reflexive *sí*, the adjective *mismo*, and the clitic <se>, keep an anaphoric relation of <<coindexados>> elements, that form the compositional semantic of the phrase. Basing it in the data of the oral corpus of the *Real Academia Española* (RAE), that contains oral transcriptions taken from interviews, telephone talks, articles, debates, documentaries, etc. This analytic study goes to the diagnostic of possible syntactic and semantic criteria that make the distinction, the interpretation and the characterization of the Spanish constructions of the clitic <se> possible. The result is the elaboration of an analytic picture that conjugates the intrinsic syntactic-semantic properties of each construction of the clitic and that also serves as a methodological view of a confusing study area: the analysis of the Spanish constructions of the clitic <se>.

Key words: passive - impersonal - <<destransitivization>> - ergativity and reflexivity

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 DAS CONSTRUÇÕES COM <SE>	10
1.1. Introdução.....	10
1.2. Um terreno movediço.....	11
1.3. A concepção passiva.....	13
1.3.1. A passiva e a impessoal na visão dos gramáticos espanhóis.....	14
1.4. Metodologia.....	15
1.5. Os autores e as construções com <se>.....	15
1.5.1. Um pouco de história.....	15
1.5.2. Elio Antonio de Nebrija (1ª ed. 1492).....	16
1.5.3. Um pouco mais de história.....	20
1.5.4. Andrés Bello (1ª ed. 1847).....	21
1.5.5. Rafael Seco (1ª ed. 1930).....	24
1.5.6. Gili Gaya (1ª ed. 1943).....	28
1.5.7. Esbozo de la Real Academia Española (1ª ed. 1973).....	39
1.5.8. Emilio Alarcos Llorach (1ª ed. 1995).....	43
1.5.9. Molina Redondo (1ª ed. 1974).....	49
1.5.9.1. A impessoal.....	50
1.5.9.2. A passiva.....	53
1.5.10. Leonardo Torrego (1ª ed. 1992).....	59
1.5.11. Antonio Quilis et al (1989).....	66
1.5.12. Amaya Mendikoetxea (1999).....	69
1.6. Conclusão.....	82
2 A DESTTRANSITIVIZAÇÃO	84
2.1. Corpus.....	84
2.2. Metodologia.....	85
2.3. A destransitivização.....	87
2.3.1. Um olhar sobre a transitividade.....	87
2.3.2. O processo da destransitivização.....	92
2.3.2.1. Dois tipos de verbos intransitivos.....	96
2.3.2.2. Um paralelo ao caso brasileiro.....	98
2.3.2.3. A destransitivização nas Gramáticas Tradicionais espanhola e brasileira	101
2.4. A questão da agentividade.....	104
2.5. Conclusão.....	109
3 UMA REFLEXÃO SOBRE A REFLEXIVIDADE	110
3.1. O reflexivo <i>si</i> espanhol.....	110
3.2. O reflexivo <i>mismo</i>	116
3.3. Expressões anafórica reflexivas com e sem o clítico <se>.....	117
3.3.1. A reflexividade espanhol.....	117
3.3.2. A reflexividade no PB.....	120

3.4. A ergatividade nas reflexivas de clítico <se>	122
3.5. O dilema de Ahmed.....	126
3.6. Considerações finais.....	129
4 UMA PROPOSTA DE INTERPRETAÇÃO	131
4.1. Introdução.....	131
4.2. Terminologia.....	131
4.3. O corpus.....	134
4.4. A metodologia.....	134
4.5. A análise interpretativa.....	135
4.5.1. Conceitos de passiva e de impessoal com <se> na Gramática Tradicional.....	135
4.5.2. Dois níveis de interpretação.....	138
4.5.3. Uma proposta de análise.....	141
4.5.3.1. Critérios sintáticos.....	143
4.5.3.2. Critérios semânticos.....	144
4.6. A análise interpretativa.....	145
4.7. Conclusão.....	151
4.8. Considerações finais.....	153
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	158
ANEXOS	162

INTRODUÇÃO

O trabalho que ora apresentamos é resultado de algumas reflexões teóricas que fizemos no transcorrer do curso de Mestrado na área de lingüística da UFPR. O conteúdo deste estudo, dado a complexidade do tema, é uma pequena resenha do que poderá vir a ser o início de um processo que servirá de base a futuras pesquisas. Enfatizamos, no entanto, que os estudos existentes em português, referentes à língua espanhola, em nada se assemelham ao que aqui se discute e se propõe, ou seja, não existe em português um estudo analítico, descritivo, nos moldes que aqui propomos e apresentamos.

Ao iniciarmos a presente pesquisa, tínhamos em mente a análise contrastiva da oração *passiva* espanhola e *média* portuguesa, cuja finalidade seria descrever o uso destas construções. A intenção primeira era coletar dados a partir de uma pesquisa de campo em jornais impressos, uma vez que pressupúnhamos que neste meio de comunicação de massa encontraríamos nosso objeto lingüístico, já que uma de nossas hipóteses era de que a passiva analítica espanhola seria privilegiada por este veículo de informação, mas não no português do Brasil.

Baseados na experiência de docente de língua espanhola, verificamos que esta língua é lingüisticamente mais conservadora que a portuguesa brasileira (PB), ou seja, a língua espanhola mantém um contato muito próximo entre a realidade oral e a linguagem escrita dita padrão, se comparado com o PB, que marca um distanciamento entre o que se diz e o que se deveria escrever, conforme a norma culta.

Escolhemos, então, o jornal espanhol “El País” em oposição ao brasileiro “Tribuna do Paraná”, pois nossas concepções originais eram de que sendo jornais populares - dirigidos a classes B, C e D - expressariam uma amostragem significativa de nosso objeto lingüístico, ou seja, trariam uma amostra muito próxima da oralidade. Após análise prévia do material de pesquisa em PB concluímos que havia um equívoco quanto a nossas

concepções teóricas. A suposição equivocada com o PB deveu-se a que, mesmo se tratando de jornal popular, a Tribuna do Paraná mantém a linguagem padrão em seu noticiário, ou seja, verificamos que o jornal Tribuna do Paraná apresenta traços de oralidade somente em sua coluna diária “Triboladas”. O mesmo se verificou no diário espanhol; este também é escrito na linguagem padrão.

A partir daí decidimos redirecionar nosso objeto de estudo para não mais às passivas e médias, senão àquelas orações que usam o clítico <se> nestas duas línguas, usando como referência expressões retiradas do repertório oral dos falantes de ambas as línguas. Portanto, a área de interesse da pesquisa estava restrita ao campo sintático-semântico, tendo em vista a estreita relação da ordem canônica das orações das línguas espanhola e portuguesa brasileira (PB). Um dos objetivos era analisar o sistema lingüístico da língua espanhola, no que diz respeito às orações que empregam o clítico <se>, no intuito de proceder-se uma análise de contraste com o PB, cuja finalidade seria estabelecer uma sistematização teórico-descritiva de uso destas construções.

Porém, ao redirecionarmos nosso trabalho para um foco lingüístico mais amplo, à medida que íamos caminhando nos deparamos várias vezes com fatores que não estavam bem claros - pelo menos do ponto de vista lingüístico - entre os autores. Por exemplo: como se analisariam construções do tipo *a porta se fechou, se fechou a porta e a porta fechou* ou *o bosque se queimou, se queimou o bosque e o bosque queimou*, em ambas as línguas? O que ocorre com o verbo nestas construções? Onde está o complemento dos verbos das primeiras e das terceiras orações? Estes verbos seriam intransitivos?

Assim, para a realização daquele trabalho nos fundamentamos na hipótese de que no espanhol as construções com <se> teriam uso freqüente, enquanto que no PB estas construções teriam um uso mais específico, para uma mesma interpretação. Ocorre, porém, que para que realizássemos um estudo nessas proporções teríamos que, obrigatoriamente, dispormos de um tempo relativamente ajustado a essa demanda. Além

do mais, nosso caminho foi-se complicando à medida que íamos descobrindo, na prática, que nas teorias que abordavam o tema não havia clareza na definição dos termos constantes na literatura tradicional, bem como os critérios lingüísticos quanto aos conceitos ali adotados eram vagos. E por último, havia uma inconstância quanto aos paradigmas assumidos pelos autores.

Focalizamos, então, nosso trabalho à análise das construções de clítico <se> - passivas, impessoais e reflexivas - em língua espanhola. Para dar cabo à nova empreitada, consultamos os textos de Nebrija (1492), Bello (1847), Gili Gaya (1943), Esbozo de la Real Academia Española - RAE - (1973), Llorach (1995), Seco (1968), Molina Redondo (1994), Torrego (2000), Quilis et al (1989) e Mendikoetxea (1999).

Primeiramente, é preciso dizer que muitas vezes encontramos alunos ou até mesmo professores de espanhol, brasileiros, que demonstrando excelente pronúncia, conhecimento de gramática e léxico riquíssimo, uma fluência enfim nesta língua, se denunciam como “estrangeiros” ao expressar-se em espanhol. Por exemplo: ao usar a forma passiva numa conversa direta formal ou informal um brasileiro falante de espanhol diria: *El documento fue dejado al portero del edificio hoy por la mañana* ou então *En la reunión del colegiado fue discutido el caso de María*.

Assim, este falante brasileiro, por melhor que domine as formas gramaticais espanholas se equivoca ao comunicar-se em espanhol, porque em sua concepção lingüística portuguesa o emprego da passiva perifrástica pode aparecer livremente, independente de restrições de uso. Verificamos que este processo é decorrente do fato de que a interpretação de uma língua não se processa da mesma maneira que a outra e que talvez dependa de fatores lingüísticos e/ou, principalmente, extralingüísticos, do que fatores gramaticais correntes.

Diremos então que a passiva é tradicionalmente caracterizada partindo-se da interpretação de que algo ou alguém sofre a ação de algo ou de alguém. Nossa hipótese é

de que no espanhol a passiva pode estar restrita a certos contextos: a língua espanhola parece preferir a passiva com <se> para expressar a mesma idéia concebida pelo falante brasileiro, que usa a perifrástica. Portanto, as respectivas orações acima se diriam em espanhol: *Se dejó el documento al portero del edificio hoy por la mañana* e *En la reunión del colegiado se discutió el caso Maria*. Nosso objetivo é verificar que e quais fatores contribuem para esse processo lingüístico.

Porém, nos assusta um pouco o fato de que as teorias tradicionais espanhola converjam a um mesmo ponto e se voltem a analisar frases soltas, adaptando-as ao seu discurso comum, sem o mínimo de respeito ao texto ou ao contexto de uso da língua. O resultado é que temos a casa um tanto “em desordem”, com nomenclatura, terminologia, critérios e propriedades sintáticas e semânticas espalhados pelos quatro cantos. Pode parecer assustador também o fato de que o assunto – o trato das construções de clítico <se> - seja extenso. De início, foi-nos sugerido fazer um recorte nestas construções e escolher para análise somente uma destas construções. Porém, não somos ingênuos a ponto de querermos abordar um único tipo de construção de clítico <se> sem ser possível referenciá-la às outras formas.

Dessa forma então, devido a essa “desordem” a qual nos referíamos no parágrafo anterior, não é muito produtivo, ao menos neste momento, isolar apenas uma dessas construções sem referenciá-la a um levantamento geral das demais construções de clítico <se>, não com o panorama existente. Talvez, a partir das discussões e reflexões aqui apresentadas nos capítulos subseqüentes seja possível para futuros estudos, a análise em separado destas construções.

Assim, este estudo se justifica pelo fato de ir além da simples analogia aos critérios definitórios tradicionais e levantar algumas reflexões, dentre elas a ergatividade, que acenam com alguma possibilidade de tentar arrumar um pouco a casa, à luz desse quadro caótico que se descortina atualmente. Portanto, não nos apoiamos em nenhuma teoria

famosa que sirva de referência a este trabalho teórico-prático. Pretendemos aqui, isso sim, retirar o que existe debaixo do tapete, fazer uma boa faxina e apresentar uma proposta de “decoreção” a casa, apoiando-nos em critérios sintáticos e semânticos da língua espanhola, a partir de alguns gramáticos espanhóis.

Desse contexto depreendemos que a interpretação das construções com <se>, nas línguas românicas, ocorre num limite muito próximo e tratar de questões formais e semânticas que caracterizam cada uma dessas formas de expressão é tarefa das mais insólitas, uma vez que estas têm propriedades lingüísticas próprias. Portanto, analisar e interpretar estas construções de clítico <se> significa buscar nos contextos lingüísticos, e extralingüísticos, concepções interpretativas reais, pois os conceitos da tradição não dão conta de interpretá-las lingüisticamente.

Talvez seja desta realidade última a razão principal que advém a incompreensão destas construções. Como exemplo citamos o fato de que ao participarmos, recentemente, de alguns congressos lingüísticos que tinham a língua espanhola como objeto, pudemos perceber a aversão que muitos estudiosos têm por estas construções de clítico <se>. Ao tomarem conhecimento do nosso objeto de pesquisa alguns desses catedráticos confessaram-nos, ao seu turno, que as construções alvo deste estudo são analisadas por eles como impessoais e/ou reflexivas, por causa do clítico <se>. Outros destes, menos sensíveis, disseram-nos que ao se depararem com construções de clítico “viram rapidamente” as páginas. Outros, ainda, demonstraram repulsa em um ligeiro arrepio acompanhado de um “ui”.

Porém, é esse obscurantismo dogmático que amedronta e causa arrepios a esses estudiosos que deve servir de estímulo aos pesquisadores que partem em busca de respostas sérias, coerentes e convincentes quanto ao uso do clítico <se> nestas construções. Tais investigadores devem buscar explicações lógicas, reais e verdadeiras que instiguem e alimentem a reflexão do uso das construções de clítico.

Desejamos, contudo, que este trabalho que ora apresentamos seja uma proposta prática e inovadora no âmbito do estudo destas construções espanholas com clítico <se>. Esperamos também que esta proposta sirva de material de apoio e de pesquisa a alunos e professores e que possa, também, de alguma maneira contribuir à reflexão e discussão do tema, enquanto assunto da lingüística.

No entanto, como o trabalho de um pesquisador é fugir do tradicional e ir além do óbvio, ele deve buscar caminhos alternativos que possibilitem ver algo onde os outros não vêem. Ao estilo do escultor, nas palavras de Eduardo Galeano, que olha um bloco de pedra bruta e percebe que ali dentro do bloco há um belo cavalo, enquanto que para outros, o bloco de pedra não passa de um bloco de pedra, é dever do pesquisador ver no bloco de pedra não só o cavalo, mas um touro, um elefante, um alce, uma zebra, enfim, infinitas possibilidades.

Desse modo, nossos objetivos neste trabalho são: i) através de textos de gramáticos renomados da língua espanhola, levantar um panorama dos – ou falta dos – critérios lingüísticos que justifiquem a caracterização das construções de clítico <se> como *passiva, impessoal e reflexiva*, a partir de critérios sintáticos e semânticos; ii) analisar as características da transitividade em língua espanhola; iii) analisar a reflexividade espanhola e confrontá-la com a reflexividade do PB, a fim de estabelecer um quadro teórico de uso e iv) apresentar uma proposta de análise que permita caracterizar as construções de clítico <se> em língua espanhola a partir de critérios sintático e semânticos.

Nosso terceiro objetivo se abre, ainda que superficialmente, à forma reflexiva e se estende ao PB porque, a partir de um caso concreto, sentimos a necessidade de tentar esclarecer alguns pontos obscuros que coexistem à interpretação destas construções por falantes espanhóis e brasileiros. Porém, a reflexão não se delongará pois nosso objetivo neste estudo não é a análise contrastiva entre as duas línguas.

Antes de tudo queremos esclarecer que o que aqui discutimos visa unicamente contribuir para um aprofundamento do debate temático, enquanto buscamos promover uma reflexão sobre a língua espanhola. Nossa intenção é mostrar que estas construções não são estruturas fechadas, únicas e que analisá-las lingüisticamente não significa agregar nomes, ao modelo de uma etiqueta ou de um rótulo. Acreditamos que a interpretação das construções de clítico <se> vai além desta simples “etiquetagem” lingüística que se apóia numa terminologia incipiente, que não serve para outra coisa senão confundir a interpretação da língua.

Para isso escolhemos o corpus da Real Academia Espanhola – RAE – pois o conteúdo deste insere-se em contextos orais reais da língua espanhola, como entrevistas televisivas e radiofônicas, bate-papos informais, conversas telefônicas, debates dentre outros. A opção por este corpus encontra justificativa no fato da língua espanhola – como manifestação social e cultural - manter-se, de alguma maneira, próxima de certa regularidade, a qual é resultante do discurso tomado como referência pela comunidade que a emprega.

A metodologia se baseia na análise comparativa entre construções com <se> e através de critérios sintáticos e semânticos buscamos caracterizar tais construções como passivas, impessoais ou reflexivas. Precisávamos, para tanto, um suporte teórico que nos dessa a base à pesquisa e que fosse, ao mesmo tempo, capaz de fornecer um número considerável de exemplos. Dentre os autores e gramáticas consultadas, enumeramos dez textos gramaticais que, no geral, abrangem em torno de cem construções de clítico <se>. A partir dessa investigação teórica foi possível levantar as características e propriedades que possibilitam distinguir construções passivas de impessoais e estas de reflexivas, de clítico. O resultado dessa investigação nos permitiu elaborar um quadro geral que contém, de forma clara e objetiva, as propriedades sintáticas e semânticas distintivas das construções de clítico <se>, o qual apresentamos no capítulo IV.

A pesquisa está dividida em 4 capítulos. No primeiro capítulo mostramos a problemática em se caracterizar as construções de clítico <se> em espanhol, uma vez que os gramáticos espanhóis não têm muito claros os conceitos sintáticos e semânticos que distinguem as construções de clítico <se>. O fato dos termos distar muito de ser homogêneos entre os autores, nos leva a refletir sobre a necessidade de se levantar um panorama sobre a tipologia das construções de clítico <se> em espanhol. Este capítulo trata, portanto, de mostrar que a falta de critérios distintivos obscurece a compreensão destas construções de clítico.

No capítulo dois, que além da transitividade aborda o Aspecto verbal, apresentamos o processo de detransitivização unindo-o ao conceito de ergatividade. A detransitivização é um processo que possibilita a um verbo transitivo ser analisado como intransitivo-ergativo, no nível sintático, mas não no nível semântico. Para que ocorra tal processo é necessário conceituar agentividade, assim como conceituaremos o sujeito e objeto sintático e sujeito e objeto semântico.

No capítulo três faremos uma reflexão sobre a reflexividade. Como dissemos no terceiro objetivo da página 6, este capítulo se abra à reflexividade do PB, a partir de um fato concreto, por entendermos que se faz necessário o esclarecimento de alguns pontos obscuros que coexistem nas duas línguas. E para entender a reflexividade inicialmente recuperamos e conceituamos *anáfora*, pois é a partir da relação entre dois termos que advém a reflexividade. Iniciamos, portanto, este capítulo pela análise da reflexividade do pronome espanhol *si*, sua relação anafórica na sentença e nos referenciamos, ainda, ao seu complemento modificador *mismo*, o qual tem a função enfática de reforçar o sentido do pronome reflexivo *si*. Este processo introdutório será a base ao estudo das construções de clítico <se>, as chamadas reflexivas.

O capítulo quatro traz toda a análise das construções de clítico <se>. Mostramos neste capítulo que a interpretação destas construções se dá a partir de propriedades

formais e/ou semânticas, as quais associadas a outros e variados fatores, por exemplos pragmáticos, podem intervir no desempenho interpretativo dos falantes de espanhol. Aqui é discutida a caracterização de cada umas destas construções que se valem do clítico <se> e que tradicionalmente não são bem definidas pela tradição gramatical, porque estão em um limite muito próximo de interpretação, ou seja, analisamos aqui que e quais são as propriedades sintáticas e semânticas que permitem diferenciar e classificar uma construção *passiva* de uma *impessoal* ou de uma *reflexiva* com <se>. A intenção é provisionar o leitor, de propriedades características (critérios sintáticos e semânticos simples, de fácil aplicação) definitórias das construções com <se>.

E por último, faremos algumas considerações finais em torno do uso das construções com <se> na língua espanhola. Fecharemos este estudo com uma reflexão sobre a passiva perifrástica e a passiva com <se>.

CAPÍTULO I – DAS CONSTRUÇÕES COM <SE>

1.1. Introdução

De início, quando traçamos nossos primeiros objetivos, verificamos que, ao enfocarmos a análise das construções com <se> em espanhol, a bibliografia existente sobre estas construções é extensíssima e variada e que na sua maioria, está voltada a analisar os valores e funções gramaticais do clítico <se>. A partir do momento que constatamos que a terminologia adotada pelos gramáticos de língua espanhola dista muito de ser uniforme, podemos afirmar com todas as letras e com toda segurança que o que existe na literatura tradicional, e até contemporânea, espanhola é uma nomenclatura incipiente e vazia que em nada ajuda a entender o fenômeno que distingue estas construções de clítico <se>.

Neste estudo não temos a pretensão de esgotar o tema, pois para isso teríamos que redimensionar nosso tempo de pesquisa. Assim sendo, num primeiro momento, procuramos mostrar como as construções que empregam o clítico <se> são abordadas pelas gramáticas tradicionais, incluindo-se aí as mais modernas e atualizadas como a *Gramática descriptiva de la lengua española*, organizada por Ignacio Bosque e Violeta Demonte (1999).

Estabelecemos, inicialmente, um panorama que focaliza a caracterização das construções de clítico <se> passivas, impessoais e reflexivas, ao mesmo tempo em que pretendemos refletir sobre a fragilidade quanto aos conceitos adotados pelos gramáticos sobre estas construções. O que verificamos na prática é que existe uma certa confusão generalizada na definição desses conceitos, quer pela falta de critérios lingüísticos convincentes quer pela falta de clareza dos textos e/ou contextos de uso, cujo resultado mais atrapalha do que ajuda a entender esse fenômeno. Baseamos, portanto, nosso estudo

nos gramáticos mais renomados da língua espanhola, gramáticos que vêm a ser as atuais autoridades, das quais nenhum pesquisador/investigador poderá escapar-se de referenciá-los ou ignorá-los.

Parece, no entanto, que muitos destes estudiosos têm a pretensão única de obscurecer a discussão, atribuindo a estas construções parâmetros determinantes dos mais incoerentes, enquanto que outros se preocupam mais em nomeá-las, cada um a seu modo, *ad hoc*, do que realmente analisar estas construções lingüisticamente.

1.2. Um terreno movediço

Com efeito, uma das dificuldades que verificamos ao iniciarmos a análise destas construções é que as pesquisas e/ou textos disponíveis em espanhol, mesmo quando buscam entrar em alguma perspectiva mais sólida, se mantêm sob a ordem imperiosa da tradição. Para os olhos de um lingüista brasileiro pode parecer curioso ou até mesmo irritante o peso que nessas pesquisas continua ocupando a corrente dos gramáticos tradicionalistas. Contudo, não podemos esquecer que estas referências teóricas são obras da qual vive, não as escolas, mas a própria lingüística espanhola.

Portanto, distinguir, caracterizar e interpretar as construções de clítico <se> em espanhol, a partir destes gramáticos, não é um processo tão simples, levando-se em consideração o fato de que nem eles próprios têm bem definidos os termos e critérios distintivos destas construções. Para tornar prática nossa reflexão, vejamos as construções abaixo retiradas do corpus da RAE¹:

(1.1)

¹ Sobre o corpus da RAE, veja-se o capítulo II.

a) [...] porque a lo mejor *un año que llueva mucho* el día veinticinco, el día veintiséis de diciembre, [...] *se venden los paraguas buenos de cinco o seis mil pesetas* [...] (91, Tele 5, Entrevistas).

b) *Cuando se llega a México hay que saber beber*, porque el tequila te puede dar el mate (86, TV1, Magazines).

c) Sin embargo, y a pesar de las apariencias, *el sida no se contagia fácilmente, si con la información necesaria se toman las adecuadas precauciones* (87, TV1, Debates).

Tradicionalmente se afirma que as sentenças acima se interpretam como orações com um sujeito implícito, ou um sujeito indeterminado, ou um sujeito que se desconhece, ou um sujeito que se sobreentende ou, ainda, que não interessa mencionar. Verificamos, que essa conceituação tradicional-funcionalista está associada à noção hermética dos valores do clítico <se>, o qual é visto nesse ambiente como pronome passivo, pronome reflexivo ou como índice de indeterminação do sujeito. No entanto, se nos detivermos sobre a forma e o significado destas construções verificamos que o evento denotado pelos verbos não se processa da mesma maneira nas três construções.

Assim, partindo-se do pressuposto histórico-tradicionalista que vê neste tipo de orações o sujeito como agente da ação verbal, a questão que levantamos é: A qual sujeito se refere a tradição gramatical, sujeito sintático ou sujeito semântico²? Quem são os sujeitos destas construções? Ou são construções sem sujeitos? Qual é o status do clítico <se>? A primeira impressão que se tem é que realmente nestas construções não há um sujeito.

Os questionamentos que levantamos partem do princípio da existência de certa homogeneidade³ da língua espanhola atual e que se faz presente, de uma forma ou de outra, na modalidade oral. Sabe-se, no entanto, que nenhuma língua viva se mantém

² Sobre tipos de sujeitos, veja-se o capítulo IV – Terminologia.

³ Conforme Moreno Fernández (2000).

homogênea no tempo e no espaço e que interagem para essa heterogeneidade fatores sócio-culturais, dialetais, regionais e individuais.

1.3. A concepção passiva

Antes de iniciarmos a leitura dos gramáticos espanhóis, se faz necessário lembrar que o termo *passivo* (*pasivu*) tem a mesma raiz latina de *paixão* (*passio, passionis*) e está relacionado ao significado de *sofrimento, padecimento*. Daí o termo *passiva* significar, conforme a tradição e em sentido lato, *a voz que expressa a ação sofrida pelo sujeito* (Almeida, 1997).

Historicamente, a língua espanhola se caracteriza por apresentar três formas de construções: i) ativa, ii) média ou medial e iii) passiva. Na construção ativa tem-se tradicionalmente um sujeito agente, na média um sujeito, ao mesmo tempo, agente e paciente e na passiva um sujeito paciente. Historicamente, também, (cf. Redondo, 1994) se define que a passiva se organiza a partir da voz média e não da voz ativa como querem muitos gramáticos. Pela tradição, então, se diz que determinada oração está na voz ativa quando o verbo transitivo direto dessa oração está na voz ativa e a ação verbal é praticada pelo sujeito, ou seja, o sujeito é o agente da ação verbal.⁴

Resumidamente, podemos dizer que, segundo a tradição, a passiva se caracteriza por estar associada à noção de um sujeito como sendo paciente da ação verbal e que tal relação é definida pela *passividade*. Portanto, em sentido amplo, uma oração se diz *passiva* quando o sujeito é paciente da ação verbal.

1.3.1. A passiva e a impessoal na visão dos gramáticos espanhóis

⁴ Considerando a relação de orientação entre agente e paciente da ação verbal, Godoi (1988) esclarece que na oposição ativa/passiva, o agente e o paciente têm orientações contrárias: na ativa a relação é orientada do agente para o paciente; na passiva a relação é orientada do paciente para o agente (quando este se realiza).

Quando se pensa “gramática” geralmente se atribui ao termo uma noção de um conjunto de regras e estruturas fixas e complicadas que devem ser respeitadas sob a condição de um falar e escrever certo ou errado. Sabemos, no entanto, que a gramática de uma língua e, por conseguinte a dos falantes dessa língua, é muito mais que esse dualismo simplista que alguns teóricos nos querem fazer crer. Do ponto de vista chomskyano, todos os falantes dominam, ou possuem interiorizados, noções de comunicação e fazem entender-se usando estruturas orais abstratas da língua que dominam. Para um falante nativo não existem problemas nocionais, porque ele não pensa na língua, com toda sua complexidade composicional, na hora de comunicar-se, ou seja, ele está “automatizado” em sua língua e faz uso não só da sintaxe, mas da semântica e da pragmática, sem saber que, e como, o faz.

Os problemas começam a aparecer no momento em que nos aprofundamos no estudo das gramáticas⁵ dessa língua. As gramáticas tradicionais, de modo geral, são opacas em muitos assuntos, ou seja, deixam obscuros determinados conceitos porque não conseguem dar conta de explicar o que não lhes convém. Verificamos que o caso se torna complexo quando temos por objeto de estudo as gramáticas normativa e descritiva de uma língua estrangeira, como o que nos propomos a fazê-lo sobre a espanhola. É o caso de se dizer, por exemplo, que em espanhol que se trata de sujeito “indeterminado”, construções como as que aparecem em (1.1), página 12.

É com vistas à análise e interpretação das construções espanholas de clítico <se> que pretendemos discorrer a seguir sobre algumas questões teóricas, das quais muitos gramáticos espanhóis não têm os conceitos de construções com <se> muito claros. Neste capítulo faremos uma explanação teórica de como estas construções são analisadas sob a ótica de alguns teóricos espanhóis mais conceituados, no estudo da gramática.

⁵ Veja-se Possenti (1999).

Este capítulo se ocupará de analisar como os autores espanhóis concebem cada uma destas construções com <se>, que e quais critérios cada autor adota para caracterizá-las como passiva, impessoais ou reflexiva.

1.5. Os autores e as construções com <se>

1.5.1. Um pouco de história

Ao final do século XV a Espanha medieval estava envolta por idéias de um nacionalismo unificador, cujos princípios comungavam a expulsão dos mouros do território espanhol. Tal objetivo viabilizou-se com o casamento dos reis católicos Isabel, do reinado de Castilla, e Fernando, do reinado de Aragón, que uniu toda Espanha sob um único regime político-administrativo. Em 1492, Isabel e Fernando, baseados nos ideais humanistas do saber, reconquistam a cidade de Granada, até então sob o domínio dos mouros, e estendem seus domínios até a América, com Colombo.

Nesse mesmo ano, o humanista Antonio de Nebrija, que estudara Humanidades na Itália - não por coincidência, elabora a primeira gramática em língua castelhana⁶. Nebrija dedica sua gramática à rainha Isabel, a quem, não sem interesse, recomenda que, “Después que Vuestra Alteza metiesse debaxo de su iugo muchos pueblos barbaros e naciones de peregrinas lenguas e con el vencimiento aquellos ternían necesidad de recibir las leies quel vencedor pone al vencido e con ellas nuestra lengua, entonces por este mi Arte, podrían venir en el conocimiento della⁷.”

Historicamente, observamos que Nebrija era um homem ambicioso e que ganhou notoriedade na corte espanhola porque Isabel era dada à leitura, o que fez com que sua

⁶ Até então as gramáticas se ocupavam das línguas mortas, como o grego e o latim. Deve-se, portanto, ao cultismo sintático dos escritores Renascentistas as transposições da estrutura latina à sintaxe castelhana.

⁷ Conforme Diaz-Plaja (1953).

gramática servisse de base à formação e manutenção da língua espanhola através dos séculos.

1.5.2. Elio Antonio de Nebrija (1ª ed. 1492)

Quanto à natureza gramatical do verbo, Nebrija o amarra a dois gêneros, conforme observamos no seguinte fragmento:

Gênero *enel* verbo es aquello por *que* se distingue el *verbo* activo del absoluto. Como diciendo io amo a dios. Esta obra de amar passa en dios. Absoluto verbo es aquel *que* no passa en otra cosa como diciendo io vivo. io muero. Esta obra de vivir r morir no passa en otra cosa después de si: salvo si figurada mente passasse enel nombre que significa la cosa del verbo, como diciendo io vivo vida alegre. tu mueres muerte santa. (NEBRIJA, 1992, p. 245).

Como podemos notar, o conceito de verbo ativo e absoluto em Nebrija, reflete a transitividade destes verbos. Então, “io amo a dios” é transitivo-ativo porque, segundo o autor, ‘pasa en dios’ enquanto que “io vivo, io muero” é intansitivo-absoluto porque ‘esta obra de bivar o morir’ no passa en otra cosa después de si’.

Apesar do autor ter empiricamente os conceitos de ativo e absoluto bem claros, verificamos que ele joga com a semântica e com a pragmática, quando atribui sentido completivo da ‘coisa significada do próprio verbo absoluto’, ainda que isto ocorra num nível figurado ou metafórico da linguagem.

Quanto às vozes do verbo, Nebrija afirma que o castelhano tem uma só, enquanto que no latim existiam três vozes: ativa, passiva e impessoal. Segundo o autor, o espanhol mantém a voz ativa latina na forma como a conhecemos hoje. Já o verbo impessoal latino ocorre no espanhol, conforme Nebrija, pela terceira pessoa plural do verbo ativo, de mesmo tempo e modo.

Fazendo-se, então, a transposição do impessoal latino *correr* ao impessoal espanhol, teremos;

(1.2)

- a) *Curritur, curribatu* (latim)
- b) *Corren, corrían* (espanhol)

Como podemos verificar em (1.2), o verbo *correr* denota uma atividade aspectual com certa duração recuperada pela flexão verbal de terceira pessoa plural. cremos, no entanto, que a semântica do verbo *correr* – se comparamos com o verbo *dizer* – não se presta a exemplificar a impessoalidade espanhola, como quer Nebrija, ainda que ambos denotem uma atividade agentiva. Para explicarmos melhor a agentividade e impessoalidade, vejamos as construções espanholas abaixo:

(1.3)

- a) *Pedro y Juan corren / corrían todas los días*
- b) *? corren / corrían todos los días*
- c) *Dicen que lloverá en los próximos días.*

Como podemos notar, é duvidosa a interpretação de “b” como impessoal devido à semântica do verbo *correr*, que é intransitivo-agentivo e necessita, semanticamente, explicitar o agente. Já em “c”, não ocorre agramaticalidade porque o verbo *dizer* admite a impessoalidade semântica, fazendo referência a um agente genérico⁸.

A impessoalidade verbal espanhola também ocorre, segundo o autor, pela terceira pessoa do singular “*haziendo en ellas reciprocación y retorno con este pronombre.se.*”. Tracemos, portanto, um paralelo com o espanhol moderno e vejamos como a impessoalidade espanhola ocorre com o verbo *correr*, segundo Nebrija:

⁸ Veja-se capítulo IV.

(1.4)

- a) Correse, corriase (espanhol medieval)
- b) Se corre, se corría (espanhol moderno)

Depreendemos que, a construção impessoal de clítico, segundo a interpretação impessoal de Nebrija, ocorre em função da presença do clítico <se>, que indica reciprocidade à terceira pessoa do singular. Depreendemos, também, que o clítico <se> é responsável por atribuir sentido impessoal à terceira pessoa do singular do verbo ativo.

Por outro lado, a passiva latina, segundo Nebrija, ocorre no espanhol por meio do verbo “so.eres y el participio del tiempo pasado dela pasiva mesma”. Como podemos notar, a idéia de passiva mantém-se no espanhol e se estabelece na língua moderna na presença do verbo “so.eres” medieval, que no espanhol moderno muda para “ser”. Assim, paralelizando a passiva latina com a espanhola moderna, temos:

(1.5)

- a) *Ámor, amabar, amabor* (latim)
- b) Io so amado, io era amado, io sere amado (espanhol medieval)
- c) Yo soy amado, yo era amado, yo seré amado (español moderno)

A presença do clítico <se> ocorre, segundo Nebrija, “por las mismas personas de boz activa haziendo retorno con este pronombre .se. como deziamos del verbo impersonal diziendo amase dios. amase las riquezas por es amado dios. son amadas las riquezas” (p. 151).

Se olharmos mais detalhadamente o conceito empírico do autor verificamos que o critério entre impessoal e passiva é que a primeira ocorre com verbos intransitivos, como *correr*, e a segunda ocorre com verbos transitivos, como *amar*. Outro critério que tiramos de Nebrija é que a passiva de clítico <se> pode ser representada pela passiva perifrástica.

Veja-se, no entanto, que em nenhum momento o autor estabeleceu como critérios conceituais, que diferenciam as passivas das impessoais, as observações que fazemos acima. Estabelecemos tais critérios com base nos conhecimentos que possuímos da lingüística atual e que em 1492 nem se cogitavam como conceitos, uma vez que os estudos gramaticais se inspiravam no estudo das línguas mortas.

Portanto, é importante notar que há grande vagueza na conceituação dos termos de Nebrija, principalmente no que se refere à construção impessoal. Por outro lado, querer que Nebrija possuísse conceitos lingüísticos bem claros, naquela época, é querer demais. Mesmo assim, podemos dizer que a gramática de Nebrija representa o primeiro passo na elaboração de uma gramática de língua viva e é, igualmente, importante no sentido de que representa um contexto lingüístico-histórico que se firma após Isabel e Fernando, uma vez que na Espanha medieval se falavam vários dialetos no território espanhol. A gramática de Nebrija serviu, então, como um elemento unificador da língua de um país: a Espanha que conhecemos hoje.

1.5.3. Um pouco mais de história

Andrés Bello (1847) elaborou sua gramática em um modelo que se aproxima muito dos moldes tradicionais das gramáticas que encontramos hoje. Vivendo e estudando na França e Inglaterra, Bello teve a influência européia da geração chamada “geração libertadora”, como Decartes, Hegel e outros, que atribuiu ao século XVIII a alcunha de “século de ouro” cujas idéias filosóficas, literárias e lingüísticas serviram de base à afirmação do pensamento do século XIX. É portanto, no período da “ilustração romântica” que surge a “Gramática de la lengua castellana”, de Andrés Bello, influenciada por um nacionalismo-romântico mesclado com erudição e afã estruturador.

Prefaciando a edição de 1984, Francisco Abad, enfatiza que,

Decidido a elaborar una Gramática castellana por razones de índole histórico-cultural, Bello necesitaba para su empresa efectuar unas concretas opciones de lógica de la investigación lingüística adecuadas a lo que se le aparecía como realidad de los hechos idiomáticos. Determina entonces llevar a cabo un análisis del buen uso que desvele las regularidades a que tal empleo obedece, para lograr así su visión teórica. Bello encontraba la legalidad de los hechos lingüísticos, su regularidad y sistematismo, en la configuración opositiva que caracteriza al código comunicativo, y en su recurrente trama sintáctico-funcional. (In BELLO, 1984, p. 16)

O que Bello faz é usar os conceitos da lógica da investigação baseando-se no bom uso da língua, a fim de determinar a regularidade e sistematicidade que caracteriza a trama sintáctico-funcional, ou seja, Bello elabora sua gramática em cima do uso regular e sistemático da língua. A ciência da linguagem é para o autor uma parcela de fenomenologia empírica, fundamentada na legalidade e realidade da língua.

1.5.4. Andrés Bello (1ª ed. 1847)

É interessante notar que Bello faz uso da pragmática e da sociolingüística sem saber que o faz quando no § 278, ao tratar dos artigos demonstrativos, diz que é oportuno advertir que algumas formas pertencem mais à “urbanidad que a la gramática” (p. 106). Outras vezes atribui um “puro accidente de la lengua” casos como,

(1.6)
El avestruz no puede volar

não ter sua correspondente gramatical passiva, já que uma suposta passiva de verbo *ser* de (1.6) seria igual a # *volar no es podido por el avestruz*.

Para Bello, a noção de construção passiva se imbrica ao que ele chama “cuasi-refleja” (quase reflexiva). Vejamos os critérios do autor às construções de clítico <se> no fragmento abaixo:

En la proposición refleja, según lo dicho, una misma persona es agente y paciente; pero hay varias especies de construcciones en que la reflexividad no pasa de lo material de la forma, ni ofrece al espíritu más que una sombra débil y oscura. Las llamaremos construcciones *cuasi-reflejas*; y entre ellas señalaremos en primer lugar aquellas con que solemos expresar diferentes emociones o estados del alma,[...]. (BELLO, 1984, p. 234)

Respeitando o contexto histórico do autor, observe-se que atribuir como critério conceptual algo como a reflexividade não passa “do material da forma” nem oferece ao “espírito” mais que uma “sombra débil e escura”, ou que expressamos nestas construções “diferentes emoções ou estados da alma” é algo por demais romântico e carregado de certa vagueza lingüística. Denotamos do fragmento acima que Bello detinha alguns princípios lingüísticos, sobre a língua espanhola, princípios estes baseados na experiência empírica, dada sua formação erudita-romântica-estruturalista.

Construções quase reflexivas são, então, para o autor, aquelas de verbo ativo (transitivo), que admite “acusativo oblíquo”⁹ (complemento diferente do sujeito), em que o “sujeito” significa seres animados ou que representamos como tais, como se pode notar abaixo:

(1.7)

a) Se acobarda a la vista del peligro

b) Las olas azotadas por el viento se embravecieron.

Estas construções, segundo Bello, são quase reflexas de “toda pessoa” (não só de terceira) porque - gramaticalmente - parece dizer-se que o “sujeito obra en sí mismo” produzindo a covardia ou o embravecimento. Mas, completa o autor, esta é uma imagem fugaz que desaparece rapidamente porque denota simplesmente certa emoção ou estado de espírito. Assim, são quase reflexivas de toda pessoa construções como,

⁹ Veja-se Terminologia no capítulo IV.

(1.8)

Ellos se horrorizan; se amedrentan; se regocijan; se asombran; se pasman; se enfadan; se irritan...

A concepção de impessoalidade é, em Bello, expressa por meio de construções com verbos que predicam fenômenos da natureza, como *amanhecer*, *anoitecer*, *chover*, *nevar*, *trovejar*, entre outros. Um critério, igualmente, estabelecido pelo autor para a construção impessoal é de que, nestas construções, o verbo é sempre de terceira pessoa singular, ainda que apareçam em plural, como,

(1.9)

Cantan en la casa vecina.

Veja-se que o autor recorre ao conhecimento de mundo para explicar e estabelecer critérios conceituais a esta construção, quando diz que manifestamente é um só o agente, ou uma só pessoa que canta.

A impessoal com <se> é chamada por Bello de construção “irregular cuasi-refleja” ou “anômala cuasi-refleja”, que são as que têm “el acusativo reflejo <se>”¹⁰ e todas pertencentes à terceira pessoa singular, como se vê abaixo:

(1.10)

a) Se duerme

b) Se canta

c) Se baila

d) Aquí se pelea por el caballo, allí por la espada (Cervantes).

¹⁰ Veja-se Terminologia no capítulo IV.

Para Bello, nas construções acima “o único sujeito que se oferece à mente” é a ação em si do verbo, como se pudéssemos dizer que se executa *o dormir, o cantar, o bailar* ou *o pelear*. Parece, no entanto, que os conceitos de reflexiva, passiva e impessoal não são muito claros em Bello, pois para ele, as construções acima são “reflexivas en la forma, pasivas en el significado”. Veja-se, no entanto, que Bello ignora a transitividade e a agentividade destas construções, traços que, lingüisticamente, são imprescindíveis para caracterizar este tipo de construção de clítico <se>.

A falta de clareza dos critérios conceituais dos termos destas construções reflete certa subjetividade lingüística, quando o autor se contradiz ao afirmar que o verbo de construção impessoal pode levar seu “acostumado regime” (entenda-se *uso*), como em,

(1.11)

- a) Se pelea por el caballo
- b) Se vive con zozobra
- c) Se trata de un asunto importante.

A questão básica que levantamos é: Como é que construções como *Se pelea por el caballo* podem ser reflexivas na forma, passivas no significado e impessoais por acostumado regime de uso? Basear-se no estado de espírito do falante, representando a emoção *ad hoc*, é um critério a ser discutido lingüisticamente. Observe-se que Bello se perde entre os conceitos de reflexiva, passiva e impessoal, pois para ele tais critérios são conclusivos, empíricos, sem nenhum embasamento lingüístico.

Bello, como dissemos anteriormente, usa os conceitos da lógica da investigação baseando-se no bom uso da língua. Portanto, os conceitos dos termos que permitem distinguir uma passiva de uma reflexiva, ou ambas de uma impessoal, advém de aspectos fenomenológicos de caráter puramente empírico, adequados à realidade dos fatos lingüísticos da língua espanhola.

1.5.5. Rafael Seco (1ª ed. 1930)

A construção passiva, segundo Rafael Seco, é uma oração ativa de verbo predicativo em voz passiva. No entanto, se pensarmos em termos lingüísticos, esse conceito não nos ajuda muito, não nos diz nada, porque reflete, assim como em Bello, muita vagueza conceitual. O autor, constrói seu conceito de passiva a partir de uma construção ativa, numa relação de equivalência semântica, conforme se vê em construções como,

(1.12)

- a) El labrador esparce la semilla (ativa)
- b) La semilla es esparcida por el labrador (passiva).

O autor discorre que na primeira expressamos nosso juízo a partir daquilo que vemos (quando nos deparamos com esta cena bucólica), ou seja, do lavrador plantando a semente. Segundo Seco, a expressão parte do sujeito (el labrador) e termina no objeto (la semilla). Por outro lado, podemos expressar nosso juízo partindo do objeto, e aí teríamos a segunda construção acima.

Seco conceitua, então, a passiva dizendo que,

En ella aparece de sujeto el que antes era objeto; esto es, aquello que completaba, que recibía - en términos de la Gramática tradicional - la acción del verbo; por eso, a este sujeto - *la semilla* - se le llama *paciente*. En cambio, el antiguo sujeto, el que de hecho realiza la acción verbal, lo encontramos con la preposición *por* en caso ablativo se llama por ello *ablativo agente*. (SECO, 1968, p. 180)

Veja-se que Seco, para sustentar sua teoria, recorre à equivalência semântica entre ativa e passiva, ao mesmo tempo que mantém-se fiel à tradição ao preferir o termo ablativo ou aquele que pratica a ação ou aquele que recebe a ação verbal. Observe-se que na afirmação acima, Seco conceitua a passiva perifrástica, para a partir daí conceituar a construção de clítico <se>.

Outro fato relevante em Seco é que ele reconhece não só traços sintáticos, mas também traços semânticos nas construções acima, sem, contudo, analisá-los lingüisticamente ou aproveitá-los em suas explicações. Esses traços serão termos essenciais para conceituarmos as construções com <se>, conforme nos propomos a fazê-lo no capítulo IV.

A passiva com <se>, Seco entende como “passiva refleja” com características de que o sujeito leva nome de coisa, o verbo está em voz ativa e há sintaticamente a presença do pronome “reflexivo” <se>. Note-se que Seco ainda se mantém preso à tradição, por isso não consegue livrar-se do termo “refleja”, atribuindo-lhe um caráter reflexivo (daí o termo *pasiva-refleja* seguido por tantos gramáticos tradicionais).

Outra característica interessante em Seco, e quiçá uma das mais importantes sintaticamente, é que estas construções oferecem de ordinário o fato de que o “sujeito” está em marcada preferência de ser posposto ao predicado verbal. Observamos com isto que Seco atribui, pela primeira vez, uma nova visão de análise gramatical das construções com <se>, principalmente às passivas, baseando-se nos conceitos estruturais da língua. Ou seja, Seco atribui à sintaxe a análise interpretativa deste tipo de construção, conforme podemos observar abaixo no exemplo tirado do autor.

(1.13)
Se alquilan locales

Segundo Seco, este fato - à semelhança das construções impessoais francesas com o pronome *on* francês e o marcado sentido objetivo que se atribui ao sujeito - marca uma dupla corrente lingüística espanhola: o lado erudito em oposição ao popular. No lado popular, ou seja, na língua falada, o tipo de construção acima começa a ser interpretada como impessoal e o sintagma nominal pós verbal, como complemento.

O grande “pecado” de Seco, neste ponto, e ao nosso parecer quiçá o mais grave em sua gramática, é não dar mais e melhores detalhes desse fenômeno lingüístico. A explicação fica vaga porque não há maiores detalhes de como a *pasiva-refleja* passa a ser interpretada como impessoal; o autor aponta o fenômeno, mas não diz como o fenômeno se processa. A explicação fica incompleta, “pela metade”, vaga.

O lado erudito de Seco – tradicional nos moldes latinos – está atrelado a propriedades sintáticas e diz respeito ao processo histórico. O lado erudito vem atender a estrutura SVO da oração e joga com a concordância, ou seja, analisa a concordância entre sujeito e predicado.

A construção (1.13) alude que, historicamente e sintaticamente, o verbo *alquilar* está em concordância com o predicado *locales*, ou seja, ambos estão no plural. Então, a construção acima será interpretada, segundo Seco, como passiva.

Quanto às construções impessoais com <se>, Seco as tem como “passivas-reflexivas”. Assim, a “impessoalidade passiva-reflexiva”, segundo o autor, aparece em construções como (1.14).

(1.14)
Se cuentan verdaderos horrores de su crueldad.

Veja-se que Seco estabelece como critério lingüístico de oração impessoal o fato de que esta se caracteriza em função da indeterminação do sujeito¹¹, indeterminação que,

¹¹ Veja-se capítulo IV.

segundo o autor, pode proceder da natureza da ação verbal, do desconhecimento do falante ou da falta de interesse deste falante em expressá-lo. A única observação de Seco sobre este tipo de construção é que, nestes casos, “hay sujeto gramatical, no lo hay agente, y por ello equivalen a oraciones transitivas impersonales” (p. 189).

No entanto, se observarmos mais detalhadamente a construção (1.13) *Se alquilan locales* e a compararmos com (1.14) *Se cuentan verdaderos horrores de su crueldad* ficamos num impasse: estas construções são passivas ou são impessoais? Observamos que, sintaticamente, são idênticas. Como saber que a primeira é passiva e a segunda “impessoal passiva-reflexiva”? Note-se que, basicamente, para o autor, não existem mais ou melhores critérios sintáticos, tampouco semânticos, já que em ambas construções o predicado aparece marcadamente detrás do verbo - ambos em concordância - e em presença do clítico <se>.

Percebemos em Seco que a diferença entre passiva e impessoal não está bem formada, uma vez que o autor não consegue fazer distinção entre as construções acima. Isso fica patente quando o autor afirma que,

La segunda de pasiva refleja, con sentido impersonal, se convierte, pues, en activa impersonal, que puede emplearse con cualquier verbo, transitivo o no: *se bailó hasta las tres; se es cristiano o no se es cristiano; se vive bien en Madrid; aquí no se respira; se habla de un nuevo Gobierno*. El pronombre *se* equivale en estos casos a *uno, alguien, la gente*. (como el francés *on* y el alemán *man*). Esto explica el uso vulgar moderno de *no se admite propinas*. (SECO, 1968, p. 190)

As construções neste fragmento são passivas ou são impessoais? Quais seriam os fatores e critérios que permitiriam diferenciar umas das outras? Existem tais critérios? Em caso afirmativo, seriam sintáticos ou semânticos? Ou seriam ambos?

Note-se que nos exemplos do fragmento acima o verbo concorda, de alguma maneira, com o sintagma. Porém, em *no se admite propinas*, o autor joga com uma construção na qual o verbo não concorda com o sintagma posposto. Seria acaso esta

construção passiva ou impessoal? O autor não dá maiores detalhes e deixa o leitor à mercê das dúvidas.

1.5.6. Gili Gaya (1^a ed. 1943)

Como dissemos na introdução, é impossível fazer-se referência a uma construção passiva sem referenciá-la à impessoal e estas à reflexiva, e vice versa. Desta maneira, tradicionalmente, as construções passivas podem ser classificadas, segundo Gili Gaya (2000), e outros autores, em dois tipos: *perifrástica* - com verbo *ser* - e passiva *refleja* - com <se>. Por razões óbvias, não analisaremos a primeira passiva; centraremos nosso foco na segunda forma, a qual será aqui entendida como “passiva com <se>”. No entanto, no decorrer deste nosso estudo faremos referência à perifrástica, quando e cada vez que seja necessário confrontá-la com a passiva de clítico <se>.¹²

A falta de critérios distintivos claros que possibilitem conceituar as construções com <se> entre passivas, impessoais ou reflexivas é visível em muitos autores. A confusão terminológica não é diferente em Gili Gaya (2000) que nos parágrafos 57, 104 e 105 de sua gramática trata a passiva com <se> ora como *pasiva refleja* ora como *pasiva impersonal* ou ainda como *impersonal pasiva*.

Sabemos que, lingüisticamente, uma construção terá propriedades ou de passiva ou de reflexiva ou de impessoal, conforme seus caracteres sintático-semânticos-pragmáticos textuais próprios. Observe-se, no entanto, que a acepção ao termo *refleja* (reflexa) – herdado da tradição latina e repetido em Gili Gaya - atribuído à passiva com <se> nos

¹² Vale notar que a forma passiva pode ser referenciada, nas línguas românicas, dependendo do autor e do enfoque lingüístico que este queira dar à construção a vários codinomes. Onofre (2003), enfatiza que para o português existem 12 formas passivas: plena, truncada, impessoal, sintética, pseudo-passiva, oblíqua, nocional, de estado, média, lexical, nominal e latente.

remete a reflexividade. A questão que levantamos, então, é: como é que uma construção pode ser, ao mesmo tempo, passiva e reflexiva ou, ainda, impessoal?

Dentro deste enfoque analítico, o texto de Gili Gaya (2000), cuja primeira edição, como dissemos, data de 1943, ocupa lugar de destaque e continua servindo de baliza lingüística a qualquer pesquisador, uma vez que a própria RAE seguiu esta gramática e a tomou como referência da língua no mundo hispânico. Gili Gaya começa por explicar a formação da *passiva*, conforme verificamos no seguinte fragmento:

El latín tenía una conjugación especial, distinta de la activa para expresar que el sujeto gramatical del verbo no es agente o productor de la acción, sino que es objeto de la acción que otro realiza. Se perdió en el romance toda la conjugación pasiva, con excepción del participio; pero aunque se hubiese perdido la forma, subsistía la idea del sujeto paciente, y para expresarla se formó una pasiva por perífrasis con el participio, única forma que había quedado de la pasiva latina, combinando con el verbo auxiliar *ser*. La pasiva puede ser considerada [...] como una frase verbal que modifica el concepto de la acción, [...] Las lenguas romances generalizaron la práctica del latín vulgar de formar tiempos compuestos de la conjugación activa por medio de los auxiliares *habere* y *esse* unidos al participio. La preferencia por uno u otro auxiliar depende del significado del verbo y de circunstancias propias de cada idioma a lo largo de su historia. [...] Tales vacilaciones desaparecieron pronto y ambos auxiliares deslindaron claramente su función propia: *haber* para la voz activa y *ser* para la pasiva.

La relación lógica entre sujeto y complemento no se modifica porque la oración con que se exprese sea activa o pasiva. [...]. (GILI GAYA, 2000, p. 121)

Como podemos verificar do texto, a concepção do autor se apóia na tradição latina de ver o sujeito gramatical como um elemento não-agente de uma ação. Note-se, no entanto, que a idéia original de passiva se perdeu no tempo porque era uma forma predominantemente usada pela língua culta.

Antes, porém, no parágrafo 56, o autor diz que,

Cuando el interés principal del que habla está en el objeto de la acción y no en el sujeto, suele expresarse el juicio por medio de oraciones pasivas. Estas constan esencialmente de sujeto paciente y verbo en la voz pasiva. Pueden llevar también expresado el agente productor de la acción, acompañado de las preposiciones *por* o *de*. Siguiendo la tradición de la Gramática latina, este tercer elemento se llama *ablativo agente*. (GILI GAYA, 2000, p. 72)

Observe que o texto de Gili Gaya se perde na definição dos termos sintáticos e semânticos de sujeito e objeto e de agente e paciente, respectivamente. O conceito de passiva do autor está centrado em cima da construção ativa que tem o verbo na diátese passiva, conceituação que torna o entendimento da passiva não muito claro. O que lhe falta clarear é se o sujeito, que centra o interesse principal, se trata de sujeito sintático ou sujeito semântico, os quais são termos essenciais na interpretação desta construção.¹³

Depreendemos, do fragmento, que a definição do autor se aplica à passiva perifrástica, uma vez que a aceção agentiva é feita a um terceiro elemento sentencial, o *ablativo* agente que, conforme o autor, pode desaparecer de cena segundo a importância dada a este elemento pelos interlocutores. Tratando-se da passiva com <se>, Gili Gaya argumenta que esta se forma com verbo de ativa e que sua marca léxica advém do fato de desaparecer o interesse pelo sujeito agente, fato que confere a esta construção o “limiar de gradação psicológica” entre uma passiva e uma impessoal, como se observa nas construções abaixo:

(1.15)

- a) Se firmó la paz
- b) Se han divulgado estas noticias

Estas construções, segundo o autor, são difíceis de ser caracterizadas porque o limite que as separa está muito próximo. No entanto, vejamos o que ocorre quando o autor opõe a perifrástica com a passiva reflexiva, correspondente:

(1.16)

¹³ Os gramáticos em seus conceitos de passiva e de impessoal fazem referência a um sujeito, sem defini-lo. Neste nosso estudo, como veremos no capítulo IV, o termo *sujeito* terá duas interpretações: sujeito sintático e sujeito semântico. Sujeito sintático será entendido como uma marca léxica e/ou morfológica de um elemento que se refere o verbo. O sujeito semântico será interpretado como elemento, implícito ou não, que participa, de alguma maneira, no evento verbal, desde o ponto de vista semântico.

- a) La paz fue firmada por los embajadores
- b) Se firmó la paz por los embajadores

Quando analisamos a primeira construção, temos três elementos sintáticos: o sujeito *La paz*, a perífrase verbal *fue firmada* e o sintagma agentivo *los embajadores*, preposicionado pelo sintagma *por*. Percebemos nesta construção, ainda que descontextualizada, que não há nenhum fator sintático ou semântico que possa trazer maiores complicações interpretativas. Por outro lado, observe-se que o autor explicita o sintagma agentivo na segunda construção.

Este último tipo de oração – que tem características sintático-semânticas próprias – ao explicitar o agente semântico, no entanto, é motivo de polêmica entre os gramáticos mais modernos. Em *Se firmó la paz por los embajadores*, observa-se uma construção no mínimo interessante, uma vez que o verbo é de uma construção ativa, como quer o autor, com o sujeito (sintático) paciente *la paz* e o sintagma agente preposicionado *por los embajadores*. Tudo seria perfeitamente normal não fosse o caso de aparecer na oração o clítico <se>, que muda toda a história. Percebemos que o clítico, neste caso específico, vem a consolidar ao sujeito (sintático) *la paz* a acepção semântica de paciente, atribuindo à sentença uma relação nocional tradicional de passiva.

Ocorre, porém, conforme os autores mais modernos, que a prática de construções de clítico <se> e de sintagma agentivo têm uma frequência baixíssima na língua oral e escrita espanhola atual.¹⁴ É aí que o texto de Gili Gaya confunde o leitor menos atento, ao definir que a suposta passiva de clítico <se> comporta o sintagma agentivo, uma vez que o próprio o autor diz que este tipo de construção tem lugar quando desaparece o interesse pelo (ou não interessa aos interlocutores o) “ablativo agente” (p. 126).

¹⁴ Veja-se Mendikoetxea (1999b) e De Miguel (1999).

Por outro lado, nos § 104 e 105, Gili Gaya divide a passiva com <se> em duas: a *pasiva refleja* e a *pasiva impersonal*. No § 104 o autor se refere à *pasiva refleja* de terceira pessoa singular e/ou plural, atribuindo ao clítico <se> a função de reflexivo (confirmando a terminologia *passiva reflexiva*). Este conceito tem a tradição de marcar os complementos diretos ou indiretos de terceiras pessoas, como em,

(1.18)
Los niños se lavan las manos

em que *las manos* é o objeto direto e o clítico <se> representa o objeto indireto. É como se pudéssemos dizer *los niños lavan las manos a sí mismos* ou *los niños se las lavan*, em que o objeto indireto *sí mismos* na primeira se faz representar pelo clítico “reflexivo” <se>.¹⁵

Segundo Gili Gaya, a passiva reflexiva se forma, ainda, com o “dativo ético”¹⁶ de terceira pessoa, como em,

(1.19)
a) el perro se comió toda la ración
b) mi vecino se ha muerto,

em que o sujeito, mais que receber indiretamente a ação, pode ou não participar desta mesma ação, se relacionando, assim, reflexivamente.

Observe-se que Gili Gaya, ainda que não se manifeste explicitamente, usa dois critérios sintáticos para definir a participação do agente ou do paciente: a primeira construção acima se apresenta com verbo transitivo, então o sujeito será agente, e a segunda se apresenta com verbo intransitivo, e o sujeito será paciente. Como conclusão, o

¹⁵ Veja-se capítulo III.

¹⁶ O *dativo ético* ou *de interés*, segundo Mozas (2000, p. 225), não tem função sintática e se utiliza em expressões que indicam que o sujeito realiza a ação em seu próprio proveito ou interesse, daí o nome.

autor inclui aqui um terceiro critério dizendo que neste caso o clítico <se> já não é reflexivo, mas passivo. Este critério de interpretação será melhor discutido no capítulo IV.

No entanto, se observarmos mais detalhadamente as construções acima veremos que as de verbo transitivo e, por conseguinte de complemento objeto direto, com sujeito [+ animado] são agentivas e não passivas. Portanto, entendemos que estas construções agentivas apresentam características de reflexivas (conforme veremos no capítulo três) e não de passivas, como quer o autor.

A segunda passiva com <se> de Gili Gaya recebe o nome de “passiva impessoal” e se caracteriza pelo fato dos interlocutores desconsiderarem o “ablativo agente”, quer porque o desconhecem, quer porque não lhes interessa mencioná-lo. Segundo o autor, conforme visto anteriormente, ao desaparecer este agente, a oração é, ao mesmo tempo, passiva e impessoal pelo fato de haver um “autor” oculto de terceira pessoa, recuperada na flexão verbal, mas de significação indeterminada, representada pelo clítico <se>. O clítico é agora, então, uma espécie de “dois em um”, ou seja, passivo e impessoal ao mesmo tempo, como se observa em,

(1.20)
Se cometieron muchos atropellos

Observemos que o sujeito gramatical *muchos atropellos* está em concordância com o verbo que, segundo a tradição, lhe atribui características de passiva, e como não há nenhuma referência ao “autor”, o <se> ganha, também, o status de impessoal.

Já em,

(1.21)
a) Se ha pedido refuerzos
b) Se vende astillas (restos, lascas, refugos),

observamos que não há concordância entre verbos e complementos. Gili Gaya (op cit) diz que estes elementos-complemento já não são os sujeitos passivos, mas os complementos diretos de uma oração ativa, cujo “sujeito” é o impessoal <se>.

Conforme veremos no capítulo IV, cada uma destas construções acima possui propriedades sintáticas e semânticas próprias, as quais permitem caracterizá-las como tais. O autor, no entanto, diz que, pela tradição, há “caráter passivo” quando o sintagma nominal sujeito está em concordância como verbo. Portanto, a construção (1.20) é passiva, por causa da concordância. No entanto, observe-se que Gili Gaya chama as orações de (1.21) de passivas-impessoais devido ao caráter lingüístico sintático - a falta de concordância. O que se pergunta é: quais os critérios usados pelo autor em *se ha pedido refuerzos* ou *se vende astillas* para caracterizá-las como passivas?

Observamos que estas construções detêm propriedades impessoais devido ao caráter semântico do agente, que nem sempre é o sujeito sintático, estar implícito. Ou seja, existe semanticamente um agente (lógico) que ha pedido refuerzos ou que vende astillas. O que importa nessa relação, isso sim, é o pedido de refuerzos e a venda de astillas, e não quem pediu refuerzos ou quem vende astillas. Por isso, o caráter de impessoalidade aparecer representado pelo clítico <se>, nestes casos.

Veja-se que os termos “passiva” e “impessoal”, para Gili Gaya, fazem parte de um mesmo fenômeno - daí que ele não consiga atribuir um limite interpretativo entre ambas as construções. O autor as “empacota” no mesmo fenômeno lingüístico e mistura propriedades de construções de clítico de três tipos na passiva: propriedades da reflexiva, da passiva mesma e da impessoal.

A oração impessoal de clítico é tradicionalmente caracterizada por estar relacionada a um verbo transitivo ou intransitivo que contém uma representação sintática sem agente explícito, embora haja uma representação subjacente de um agente semântico implícito. Sobre as construções impessoais vamos encontrar em Gili Gaya aquelas

relacionadas aos fenômenos naturais, como *chover, nevar, relampaguear, amanhecer, anoitecer*, etc. Porém, no § 60, o autor diz que,

Forman grupo especial las oraciones con *se*, emparentadas históricamente e psicológicamente con las de pasiva refleja. En toda oración segunda de pasiva, de cualquier clase que sea, se calla el agente o productor de la acción cuando pierde su interés para el que habla. *La paz fue aceptada por plenipotenciarios* o *La paz se aceptó por los plenipotenciarios*, se convierten en *La paz fue aceptada* e *La paz se aceptó* (segundas) en cuanto no importa el ablativo agente. En *La paz se aceptó* (pasiva refleja), si el sujeto pasivo estuviese en plural diríamos *Las paces se aceptaron*. La oración es impersonal en el sentido de que no hay determinación del sujeto agente; pero seguimos sintiéndola como pasiva, equivale a *Las paces fueron aceptadas*. (GILI GAYA, 2000, p. 76)

Observe que mais uma vez Gili Gaya incorre em falta de clareza ao desconsiderar a relevância que distingue ‘sujeito’ de ‘agente’. Conforme dissemos anteriormente que nem sempre o sujeito é agente, há que se distinguir entre sujeito sintático e sujeito semântico (sujeito agente-paciente).¹⁷

Gili Gaya ao desconsiderar as concepções sintáticas e semânticas do sujeito, confunde o leitor desavisado e dificulta o entendimento da língua. No entanto, se observarmos com atenção o texto de Gili Gaya, veremos que o sujeito passivo mencionado por ele se refere na verdade ao sujeito sintático, que é o determinante na construção passiva. Por outro lado, o sujeito agente a que se refere o autor é o determinante da construção impessoal. Então, já temos duas pistas para diferenciar passiva de impessoal, conforme veremos no capítulo IV.

Voltemos ao fragmento citado de Gili Gaya. Vejamos que a passiva perifrástica *La paz fue aceptada por plenipotenciarios* corresponde, estruturalmente, à mesma construção (1.16) usada para exemplificar a passiva reflexiva, com a única diferença que o autor substitui o sintagma preposicionado agentivo *los embajadores* de (1.16) por *los*

¹⁷ Em sentido lato, conforme veremos no capítulo IV, neste estudo o sujeito sintático corresponde ao SN – visível ou não na oração – que está em concordância com o verbo, enquanto que o sujeito semântico é o elemento – explícito ou implícito – que pratica (agente) ou recebe (paciente) em uma relação verbal.

plenipotenciários no fragmento acima. Entretanto, Gili Gaya altera a ordem dos sintagmas nominais *La paz* nas duas construções de clítico: na passiva “refleja” o SN está depois do verbo enquanto que na sua “impessoal”, este SN está antes do verbo. Isso foi proposital porque, para ele, intuitivamente é daí que advêm as propriedades sintáticas que permitem distinguir passiva de impessoal. No capítulo IV daremos maiores e melhores detalhes sobre estes critérios “não” discutidos por Gili Gaya.

Observe mais uma vez que a impessoalidade de Gili Gaya é uma propriedade sintática, não semântica. Portanto, *La paz se aceptó por plenipotenciarios* é impessoal em Gili Gaya, por este fator. Observe também que o autor insiste na explicitação do sintagma preposicionado com o clítico <se>, neste tipo de construção.

O autor salienta que, historicamente, quando os SNs se referiam a coisas [-animado] não havia problema em apassivar ou impessoalizar este tipo de construções. O problema semântico surgia nestas construções quando o “sujeito” era de pessoa [+animado], como em,

(1.22)
Se ayudan los estudiantes,

que podia tanto significar que *los estudiantes se ayudan a sí mismos* (reflexiva), *unos a los otros* (recíproca) ou que *son ayudados* (pasiva).

Para acabar com essa ambigüidade, desde o século XV a língua espanhola começa, então, a fixar a prática de pôr o verbo no singular fazendo-se acompanhar este ‘sujeito’ da preposição “a”. Assim, a construção (1.22) acima passa a,

(1.23)
Se ayuda a los estudiantes

em que o verbo no singular e a preposição *a* na oração extinguem toda interpretação reflexiva e/ou recíproca, ao mesmo tempo que o SN *los estudiantes* passa a ser, lingüisticamente, interpretado como “objeto direto de pessoa”, marcado pela preposição *a*.

Segundo o autor, este tipo de construção consolidado no idioma com ‘sujeito’ (sic) de pessoa e verbo no singular tende a propagar-se a toda classe de ‘sujeito’, sem preposição (observe que o termo ‘sujeito’ aqui detém uma conotação sintática).

O fato mais interessante acontece em Gili Gaya quando este não consegue explicar a construção com verbo transitivo singular e SN singular, do tipo,

(1.24)

- a) Se vende botella
- b) Se vende astilla

Aqui, o autor se omite, sai pela tangente e joga a interpretação para a pragmática, porque não consegue ver nenhum “signo gramatical”, determinante que expresse a representação ou intenção dominante do falante. Veja-se que, ao tomar esta posição analítica, Gili Gaya demonstra prender-se somente a critérios sintáticos da oração como sendo os únicos fatores distintivos entre as construções de clítico <se>. No capítulo IV, faremos a análise deste tipo de construção de clítico <se>.

Nos chama a atenção, também, na seqüência, o fato de que Gili Gaya, quando se refere ao par,

(1.25)

- a) se venden botellas
- b) se vende botellas

dizer que a vacilação entre uma e outra interpretação depende de que prevaleça a idéia de que *botellas são vendidas* (impessoal passiva), em que há concordância entre SN e verbo, ou de que um sujeito indeterminado *vende botellas* (impessoal ativa).

Pergunta-se: que e quais critérios sintáticos ou semânticos o autor usa para estabelecer as primeiras como impessoais e as segundas como passivas, ou vice versa? Atentemos para a terminologia adotada pelo autor, a qual em vez de ajudar a compreender melhor a língua se torna um fator complicador. Não há clareza na definição dos termos adotados por Gili Gaya, não encontramos aqui um terreno conceitual convincente; estes termos são contraditórios e vazios de explicação. Aceitar que estamos no limite de uma interpretação entre passivas e impessoais é muito pouco para quem estuda a língua espanhola com afinco. Parafraseando Eduardo Galeano, na Introdução, queremos ver mais que um cavalo onde os outros só vêm um bloco de pedras. No capítulo IV apresentamos algumas possíveis respostas para estas e outras questões.

1.5.7. Esbozo de la Real Academia Española – RAE (1ª ed. 1973)

Sobre a passiva *refleja*, a RAE no § 3.5.3 copia o § 57 da gramática de Gili Gaya, reproduzindo, inclusive os mesmos exemplos do autor. A única diferença no texto da RAE para o de Gili Gaya é que a Academia espanhola substitui em seu exemplo o SN de Gili Gaya *La radio*, de *Se han divulgado estas noticias por la radio*, pelo SN *Las agencias*, em *Se han divulgado estas noticias por las agencias*.

Observe que a RAE ao manter o termo “*pasiva refleja*” assume a idéia tradicional do clítico <se> como reflexivo. Esta postura da Academia diante da passiva com <se>, de manter a idéia fixa na tradição, consolida a idéia de repetir sem refletir. A RAE não faz outra coisa senão reimprimir sua “*nueva gramática*” desde 1973. No entanto, a língua, e suas manifestações, é viva e evolui de acordo com a necessidade de uso, e aquilo que não é de uso deve ser arquivado para ser consultado, não para fazê-lo valer como regra.

Já sobre a impessoal (§ 3.5.6), a RAE, no item *a*, desconsidera a aceção feita por Gili Gaya dos verbos que denotam fenômenos da natureza – que são tratados pela Academia nas orações unipessoais - e inicia seu texto com os de terceira pessoa plural¹⁸ do tipo,

(1.26)

- a) Llaman a la puerta
- b) Aquí cantan, allí rien

Não nos deteremos neste tipo de construção porque não é nosso foco lingüístico. No entanto, vemos que a Academia, ancorada na tradição, também confunde o leitor desavisado ao repetir, no item *b* (do § 3.5.6) a idéia de Gili Gaya que a impessoal também se forma com o verbo em voz passiva, quando é desconhecido ou não interessa mencionar ou se cala o agente ou o produtor da ação, como nos pares,

(1.27)

- a) La paz fue aceptada
- b) Se aceptó la paz

Contrastando, no entanto, o item *a* com o item *b* da RAE, no primeiro a academia se refere a um ‘sujeito desconhecido’ e no segundo a um ‘agente’ que não interessa mencionar. Vemos que ao que parece o problema da RAE é o mesmo de Gili Gaya, ou seja, é de concepção difusa dos termos lingüísticos “sujeito” e “agente”. Vale reproduzir

¹⁸ Embora o caráter indeterminado seja de um “sujeito” plural recuperado no verbo, este sujeito a que se refere a Academia deve ser entendido como sendo uma só pessoa.

aqui também a mesma indagação que fizemos quando nos referimos a estas construções em Gili Gaya: a que sujeito se refere a RAE, sujeito sintático ou sujeito semântico?¹⁹

Nos textos de Gili Gaya e da RAE, as construções do tipo,

(1.28)

- a) Se firmó la paz
- b) Se han divulgado estas noticias
- c) La paz se aceptó

são passivas-reflejas, devido à conversibilidade destas em uma passiva perifrástica ou da pluralização sintática de “a” e de “c”.

Gili Gaya atribui o fenômeno de antepor ou pospor o SN, ao efeito estilístico intencionalmente procurado pelo falante. Com efeito, então, é na sintaxe, segundo o autor, que vai se consolidar o efeito estilístico, e é na pragmática que se consolida a intenção enfatizadora. Assim, concluímos que a estilística é sintática e a intencionalidade é semântica-pragmática.

Observamos no texto da RAE que, ao final do item *b*, a Academia muda o discurso e adota o termo *complemento direto de pessoa* ao que anteriormente era *sujeito passivo*. Já no item *c*, está consolidado pela RAE o uso dos termos *complemento de passiva* e *complemento de coisa* ao termo *sujeito passivo*.

A RAE no § 3.12.9c, no intuito de dirimir suas responsabilidades lingüísticas, recomenda que ao se analisar as construções com <se> deve-se levar em conta o contexto e as circunstâncias, pois estes podem modificar a classe da ação, o aspecto do tempo que empregamos e suas referências recíprocas. Por isto, diz a RAE, não cabe regra fixa que preveja todos os casos que podem se apresentar.

¹⁹ De acordo com o que consta nos parágrafos que tratam desta passiva “refleja”, nos textos da RAE e de Gili Gaya, uma vez conceituado e entendido estes dois termos, conforme veremos no capítulo IV, os “limites” que separam as construções passivas das impessoais, estarão dissimilados.

As indagações que se levantam são: que critérios usam estas gramáticas para conceituar passivas e/ou impessoais? Dizer que quando o interesse da ação não está no sujeito e sim no objeto poderá até ser um critério (expressar um juízo) que utiliza a tradição para conceituar a construção passiva (conf. Gili Gaya, p. 72), mas a afirmação de que quando desaparece o interesse pelo sujeito agente - como em *se firmó la paz* - nos leva ao limite entre passivas e impessoais, é muito vago. Esta afirmação, ou critério, não se sustenta, pelo menos não lingüisticamente. Ou então, afirmar que uma intervenção (participação) passiva em um ato é, gramatical e psicologicamente, participar nesse mesmo ato, pergunta-se: o que vem a ser uma ‘intervenção (participação) psicológica’ em um ato? Ou em *se cometieron muchos atropellos* que mesmo que o clítico <se> seja conjuntamente um ‘signo’ de passiva e de impessoal e que ‘não há dúvida’ de que a oração é passiva, porque o verbo concorda com o sujeito, pergunta-se: o que é ‘ser conjuntamente um signo de passiva e de impessoal que não gera dúvida’ de que a oração seja passiva? Ou que em *se venden astillas*, “astillas” não é o ‘sujeito passivo’ e sim o ‘complemento direto’ de uma oração ativa cujo ‘sujeito’ é o ‘impessoal <se>’. Afinal, a que sujeito se referem estas gramáticas: passivo, impessoal, sintático, semântico, agente ou paciente? Ainda, que critérios lingüísticos nos permite analisar e interpretar *Las paces se aceptaron* como impessoal no ‘sentido’ de que o sujeito agente não está determinado, mas que ‘seguimos sentindo-a como passiva’? Por que passiva e impessoal? E mais, que em *se ha divulgado la noticia* versus *la noticia se ha divulgado* a ‘intenção dominante’ que segue o pensamento se deve ao ‘efeito estilístico’ do falante?. Por que só critério estilístico e não, também, prosódico, filosófico, cultural, religioso, etc? Que e quais seriam os verdadeiros critérios (lingüísticos e semânticos) para diferenciar, conceituar e classificar as construções com <se> como passivas ou impessoais?

Ao final e ao cabo, podemos, a partir das construções extraídas dos textos das gramáticas de Gili Gaya e da RAE, estabelecer um quadro sinótico que nos permitem uma

aproximação de classificação destas construções, como passiva ou como impessoal. Lembramos, no entanto, que a terminologia abaixo é de Gili Gaya e da RAE.

1. PASSIVA REFLEJA (1 e 2)

- a) Se firmó la paz por los embajadores
- b) Se firmó la paz (limite entre pasivas e impessoais, segundo os textos)
- c) La paz se aceptó / las paces se aceptaron

2. PASSIVA IMPESSOAL (1)

- a) Se cometieron muchos atropellos
- b) Se han pedido refuerzos
- c) Se cometió un atropello

3. IMPESSOAL ATIVA (1 e 2)

- a) Se ha divulgado la noticia / se han divulgado las noticias
(?) la ha divulgado (impessoal ativa) enfoque no divulgador
(la noticia) ha sido divulgada (impessoal passiva) enfoque na notícia
- b) Se vende botellas / se vende astillas / se ha pedido refuerzos
(um sujeito indeterminado *vende* botellas, astillas ou *pede* reforços)

4. IMPESSOAL PASSIVA (1 e 2) - (conversível em uma perifrástica)

- a) Se venden botellas (1) / se alquilan coches (2)
(las) botellas são vendidas / (los) coches são alugados

5. <SE> (com valor de 'sujeito' indeterminado) + VERBO INTRANSITIVO

Se vive tranquilo aqui / se duerme mal allí.

(1) Gili Gaya

(2) RAE²⁰

²⁰ Observe-se que para a RAE só existe uma construção passiva com <se> - *pasiva refleja*.

É com base neste quadro demonstrativo de passivas e de impessoais que retiramos das gramáticas de Gili Gaya e da RAE, neste capítulo I, que elaboramos nossa proposta de análise apresentada no capítulo IV.

1.5.8. Emilio Alarcos Llorach (1995)

Na *Gramática de la lengua española*, publicada pela RAE, Llorach, ao referir-se à *passiva* e à *impessoal* a partir do clítico <se>, salienta que, enquanto nas construções reflexivas a experiência da atividade verbal é desempenhada por um *ator* sobre si mesmo, a passiva e a impessoal “carecen de una referencia explícita al actor que desempeña la actividad denotada por el verbo, mientras muestran con otra palabra lo que ha sido afectado o efectuado por la dicha actividad” (p. 207). No entanto, Llorach enfatiza que o parentesco da construção passiva *refleja* e da impessoal radica na eliminação que ambas fazem do ator, fato que explica seu uso paralelo.

Sob o pretexto de uma “intenção normativa didática”, Llorach nos apresenta uma gramática orientada por uma metodologia tradicional funcionalista. Sua pretensão inicial era centrar-se na propriedade de mesclar a norma com a descrição dos fatos lingüísticos – de forma didática – sem que uma se sobrepusesse à outra.

No entanto, quando centramos o foco na interpretação das construções de clítico, principalmente nas passivas e impessoais, nos deparamos com alguns problemas conceituais do autor. São conceitos que a nosso entender não estão bem claros para Llorach e que acabam refletindo na (in)compreensão destas construções, embora Lorach reconheça o sujeito agente e o sujeito paciente.

O conceito de passiva e impessoal em Llorach é um pouco confuso. Vejamos que em,

(1.29)

- a) El campeón fue vencido
- b) El campeón fue vencedor

o autor afirma que a primeira é passiva porque nesta “hay un contenido pasivo”, enquanto que na segunda não há tal conteúdo. Observamos, que Llorach faz uso de conceitos semânticos sem saber que o faz; o faz de forma intuitiva, empírica.

Depreendemos destas construções que os predicado composto pela perífrase *fue vencido* e pela propriedade do sujeito, denotado pelo verbo copulativo com o predicativo atributivo *fue vencedor* são elementos chaves na interpretação de passiva ou de ativa. *Ser vencido*, segundo a interpretação tradicional, traduz a idéia de que *el campeón* sofreu a ação; portanto, a interpretação tradicional será de passiva (sujeito paciente). *Ser vencedor*, por outro lado, atribui uma interpretação reversa, ou seja, a interpretação tradicional é de que *el campeón* é agente.

No entanto, se refletirmos mais a fundo entendemos que a questão *ser agente* ou *ser paciente* implica noções muito mais abstratas e complexas, já que em ambos os casos de (1.29) os verbos accomplishments denotam aspecto com certa duração. A interpretação destas construções é mais complexa do que se pensa, uma vez que *sofrer a derrota* ou *causar a derrota* implicam, necessariamente, sujeitos semanticamente agentivos de um evento durativo (a luta).²¹

Para a passiva com <se>, Llorch (op cit) mantém o termo tradicional – *pasiva-refleja* – e apresenta como exemplo a construção que segue:

(1.30)

Se construyen casas

²¹ Sofrer ou causar a derrota reflete um resultado que, deportivamente, pode depender do somatório dos pontos atribuídos aos lutadores por um júri, durante o evento.

Segundo o autor,

El hecho de que el objeto designado por el sujeto explícito (*casas*) sea en la experiencia comunicada el paciente de la actividad denotada por verbo no impone en la estructura gramatical ningún rasgo particular. Se trata de una forma verbal incrementada por el “reflexivo” *se*, que alude a la misma persona designada por el sujeto gramatical (“tercera persona”) y el sujeto explícito (*casas*). (LLORACH, 1995, p. 141)

Observamos que Llorach, embora afirme que esta construção não apresenta nenhum traço gramatical particular que permita classificá-la como passiva, faz uso justamente desse traço gramatical para atribuir à oração o conceito de passiva. O autor não explica, porém, que critérios usou para concluir que *casas* é o sujeito explícito. Não está nada claro porque não há conceituação alguma.

Note-se que o critério passivo de Llorach recai sobre a noção tradicional de concordância incrementada com o “reflexivo *se*”, ou seja, o predicado *casas*, que o autor chama de sujeito explícito, está em concordância com o sujeito gramatical representado na oração pela flexão verbal de terceira pessoa plural.

Parece que Llorach não tem a noção conceitual das construções com <se> bem clara, conforme podemos comparar no seguinte fragmento:

En el uso reflexivo, la identidad de la referencia hecha por el sujeto gramatical y el incremento (esto es, la coincidencia de persona) señala que en la experiencia comunicada la actividad aludida por el verbo es desempeñada por un actor sobre sí mismo: en *Te lavas*, el actor de segunda persona designado por el sujeto realiza el “lavar” sobre sí mismo. En cambio, las construcciones pasiva refleja e impersonal carecen de referencia explícita al actor que desempeña la actividad denotada por el verbo, mientras muestran con otra palabra lo que ha sido afectado o efectuado por la dicha actividad. (LLORACH, 1995, p. 207)

Se a passiva e a impessoal não fazem referência explícita a um ator ativo/agentivo denotado pelo verbo, então o clítico <se> que aparece nestas construções não pode ser nominado “reflexivo”, já que o sujeito gramatical, nestas construções, não coincide com o

ator que desempenha a atividade, porque não existe tal ator. Se fôssemos atribuir valores ao clítico, seria o caso de conceituá-lo como passivo e como impessoal, respectivamente, não como reflexivo, como o faz Llorach.

No entanto, nas construções,

(1.31)

- a) Se espera el premio
- b) Se espera al delegado

Llorach afirma que a primeira é uma construção passiva-reflexiva e a segunda uma impessoal. No entanto, fica a dúvida: baseado em quais critérios pode-se fazer tal afirmação distintiva? Nem mesmo Llorach o sabe e nos apresenta.

Para a passiva com <se>, Llorach apresenta uma possível solução interpretativa quando faz a seguinte comparação:

(1.32)

- a) Se espera el premio
- b) Se esperan los premios

Estas construções seriam passivas, segundo o autor, porque “la concordancia en número del verbo con el sustantivo demuestra que este es el sujeto explícito” (p. 208). Seria, acaso, a concordância um critério lingüístico que denotam as construções passivas? Se sim, as duas construções seriam ou não passivas? Por outro lado, Llorach se perde no conceito atribuído ao <se> reflexivo em função de objeto direto, como em,

(1.33)

- a) Juan se lava / los niños se lavan
- b) La casa se hunde / las casas se hunden.

Observe-se que há diferenças semânticas entre as construções. Embora Llorach afirme o contrário, os sujeitos das primeiras detêm propriedades distintas dos sujeitos das segundas. Semanticamente, ambos sujeitos se distinguem pelos traços [+animado] e [+humano], traços indispensáveis para se distinguir as construções de clítico <se> em espanhol. Nos parece que os conceitos de transitividade em Llorach não estão muito claros porque, como a maioria dos gramáticos, não considera as propriedades do sujeito de coisa e de pessoa. Salientamos, no entanto, que estas e outras construções serão interpretadas e analisadas mais detalhadamente no capítulo IV.

Llorach atribui às passivas e impessoais uma propriedade de parentesco devido ao fato de que ambas não fazem referência ao um ator – explícito – por isso o uso paralelo. Em um fragmento de sua gramática o autor nos apresenta uma série de construções com <se>, afirmando que as impessoais apresentam o núcleo verbal no singular, enquanto que as passivas-reflexivas apresentam sujeitos explícitos que “aludem a realidades afetadas pela atividade que denota o verbo”. Vejamos este exemplo de Llorach (p. 211):

(1.34)

Allí se trabajaba, se holgaba, se bebía, se ayunaba, se moría de hambre; allí se construían muebles, se falsificaban antigüedades, se zurcían bordados antiguos, se fabricaban bañuelos, se componían porcelanas rotas, se concertaban robos, se prostituían mujeres.

Se observarmos com mais detalhes este fragmento percebemos claramente o problema de transitividade do autor. Note-se que para o autor, as primeiras têm o verbo no singular porque são intransitivas, enquanto que nas segundas há concordância gramatical porque são verbos ativos, ou transitivos. Seria a transitividade um critério distintivo entre passivas e impessoais?

Outro grande problema que encontramos neste autor é o fato do mesmo ignorar a natureza do sintagma objeto, que para ele é “adjacente”, afirmando que se confere “al adyacente que designa cosa la función de adyacente que denota persona”, como nas de (1.31), as quais reproduzimos abaixo:

(1.35)

- a) Se espera el premio
- b) Se espera al delegado

Para Llorach, “la diferencia entre pasivas reflejas y las impersonales depende del papel que desempeña el adyacente que acompaña al verbo. No se debe a que este se refiera a personas o a cosas: en ambos casos, las dos construcciones son posibles [...]” (p. 212). Isto, quiçá, seja o maior “pecado” do autor, porque, como vemos no capítulo IV, tanto passivas quanto impessoais se constroem com “adjacentes” de coisas e/ou de pessoas e, ainda, verbos transitivos e intransitivos.

Vemos que para Llorach, o exposto acima é irrelevante, ou pouco claro, uma vez que, para ele, é impossível substituir a passiva por uma impessoal, como nos apresenta o seguinte exemplo:

(1.36)

Se van sacando de un saco las fichas... y se las va colocando en tierra

em que a forma *refleja*, da primeira oração, se vê substituída na segunda pela impessoal. O autor não estabelece critérios distintivos entre as duas.

Llorach, encerra a discussão estabelecendo alguns critérios não muito claros, a partir das construções abaixo:

(1.37)

- a) Se busca secretaria / Se buscan secretarias
- b) Se busca a la secretaria / Se buscan a las secretarias
- c) Se corta el pino / Se cortan los pinos

- d) Se espera el premio / Se esperan los premios
- e) Se espera al delegado / Se esperan a los delegados
- f) Se habla de música
- g) Se habla de las elecciones
- h) Se dejó de trabajar en el almacén

Para Llorach, o <se> impõe ao substantivo adjacente a função de sujeito quando não leva preposição, e se trata, portanto, de *pasiva refleja*. Quando este adjacente leva preposição, o <se> confere ao adjacente o ofício de objeto indireto com verbo no singular, e a interpretação será de impessoal. Parece um pouco confuso isto, pois tais critérios não dão conta, por exemplo, de construções como:

- (1.38)
- a) Se vende pan
 - b) Se compra hierro viejo

em que o “adjacente” está indeterminado, ou seja, não aparece quantificado.

1.5.9. Molina Redondo (1ª ed 1974)

Seleccionamos o texto de Molina Redondo (1994) por reunir, sob uma perspectiva tradicionalista, análises referentes às construções impessoais e passivas, apoiando-se principalmente na Sintaxe. Nesta obra, o autor tenta formar um quadro teórico-descritivo que atribua a estas construções parâmetros classificatórios convincentes, a partir da explicação simplificadora, somada à lógica de uma sistematização sintática. A combinação de propriedades sintático-semânticas dá a Molina Redondo a possibilidade de caracterizar ou distinguir passivas de impessoais de forma clara, objetiva e descomplicada, se comparado a outros autores. Pela primeira vez um autor estabelece critérios lingüísticos que abrem a possibilidade de distinguir estas construções entre si. Sua análise carece de clareza sintática, semântica e pragmática, mas já é um primeiro

passo no sentido de clarificar o entendimento dessas construções espanholas, por quem quer que as estude.

Já na introdução de seu livro (p. 8) encontramos três critérios, dois semânticos e um sintático-semântico que nortearão a exposição do autor. Os critérios são:

- a) se o agente da ação verbal está expresso ou não,
- b) se o agente é humano ou não,
- c) se o agente coincide com o sujeito gramatical ou não.

É curioso notar que, conforme veremos mais adiante, Molina Redondo constrói sua teoria em cima, principalmente, de concepções estruturais das orações, ou seja, sobre a sintaxe oracional, ainda que os critérios acima sejam majoritariamente semânticos.

1.5.9.1. A impessoal

As construções impessoais estão distribuídas, segundo o autor, conforme propriedades do verbo e propriedades predicativas da oração. Sendo assim, o autor classifica a impessoal sob cinco critérios formais, a saber:

1) verbo transitivo + objeto direto inanimado
(1.39)

- a) Se compra hierro viejo
- b) Se vende pan.

2) verbo transitivo + objeto direto animado

(1.40)

- a) Se auxilió a los heridos
- b) Se desea un representante

3) verbo transitivo + oração subordinada

(1.41)

- a) Se espera que mejore el tiempo
- b) Se piensa que acudirán a los tribunales

4) verbo transitivo em uso absoluto²²

(1.42)

- a) Se lee poco en España
- b) Se escribe en abundancia en estos tiempos

5) verbo intransitivo

(1.43)

- a) Se baila
- b) Se trabaja mucho aquí
- c) Se vive mal en los tiempos actuales

A primeira observação do autor diz respeito ao fato de que nestas construções os nomes estão no singular, conforme se pode verificar no três primeiros itens. A segunda observação recai sobre o item dois e versa sobre o objeto direto animado. Para o autor, se o verbo da primeira construção estivesse no plural e não houvesse a preposição “a”, a interpretação desta construção poderia tomar o sentido reflexivo (*los heridos se auxiliaron a sí mismos*) ou recíproco (*unos a los otros*), mas não impessoal.

Segundo Molina Redondo, é inadmissível este tipo de construção - com verbo no plural e sentido impessoal. Portanto, a impessoal espanhola com objeto direto animado e determinado deve, obrigatoriamente, levar a preposição “a” e o verbo ir para o singular. Por outro lado, se o objeto direto animado não é determinado e sem a preposição, deve haver concordância, conforme se observa nas construções abaixo:

(1.44)

- a) Se desea un representante

²² O uso do verbo absoluto será tratado no capítulo II.

b) Se desean representantes

Neste ponto nos perguntamos: que tipo de determinação se refere o autor? Por que é inadmissível a construção de verbo plural, com SN animado e com preposição “a”? A que concordância se refere o autor, se as construções acima, aparentemente, preenchem tal critério? Estas construções são passivas ou impessoais? Ou uma é passiva e outra é impessoal? Se sim, qual é a passiva e qual a impessoal? Por quê? São pontos obscuros que o autor, em princípio, não esclarece.

Sob o item três, Molina Redondo engloba aquelas construções com verbos de estado e que denotam emoção (como *imaginar, intuir, considerar*) ou sensação (como *ver, notar, perceber, sentir*, etc.). Portanto, este tipo de construção é impessoal desde o ponto de vista semântico.²³

Sobre o item quatro – impessoais com verbo em uso absoluto – remetemos o leitor ao capítulo II, no qual abordamos a transitividade verbal.

Quanto ao item cinco – impessoais com verbos intransitivos – o autor salienta que este tipo de oração é tida, aos olhos da RAE, como construções que não admitam propriedades atributivas. No entanto, segundo o próprio autor, estas construções são cada vez mais correntes no espanhol atual, conforme se observa em (1.43b-c).

Encerrando a reflexão sobre impessoais, o autor enfatiza que com verbos pronominais, isto é, aqueles verbos que levam lexicalizados o clítico <se>, como *atreverse, jactarse, quejarse*, etc., não é possível a expressão impessoal com <se>. Para estes casos o autor sugere a alternância do clítico com a forma generalizante *uno, alguien, la gente*, etc. (*uno se queja mucho del trabajo*).

Observamos, desde uma perspectiva analítica, que os exemplos de Molina Redondo se encaixam dentro de sua proposta sistemática formal. No entanto, verificamos

²³ Abrimos um parêntese para que se compare este tipo de construção com a que sugere Torrego, mais adiante, quanta à estrutura desta oração.

que lhe faltam outros esclarecimentos sintáticos e semânticos que possam dar as estudo maior e melhor qualidade e mais confiabilidade. No capítulo IV apresentamos uma proposta de análise mais profunda e mais detalhada que vai complementar a proposta de Molina Redondo.

1.5.9.2. A passiva

Quanto às passivas, Molina Redondo enfatiza que algumas construções perifrásticas são possíveis em língua espanhola, porém de muito escassa frequência, enquanto que outras são totalmente inadmissíveis, como observamos a aceitabilidade ou não das construções abaixo:

(1.45)

- a) Los asistentes llenaron la sala / # La sala fue llenada por los asistentes
- b) El niño supo la lección / # La lección fue sabida por el niño

Veja-se que, em espanhol, nem sempre uma oração ativa corresponde a uma construção passiva. Este e outros fatores históricos contribuíram sistematicamente a que a língua espanhola preferisse o uso abundante da passiva com <se>, em detrimento da perifrástica, conforme veremos no capítulo IV.

Assim como na impessoal, Molina Redondo (op cit) tenta estabelecer a estrutura esquemática da construção prototípica passiva, a qual reproduzimos abaixo:

(1.46)

Se + verbo en forma activa (3 ^a persona) + sujeto de <<cosa>>
--

O autor relaciona algumas construções de clítico para que o leitor compare e comprove sua teoria. As construções são as seguintes:

(1.47)

- a) Se recibió el giro ayer
- b) Se han suspendido las negociaciones
- c) Se rechazará su propuesta
- d) Se alquilan casas

Se observarmos mais detalhadamente o esquema do autor, que em princípio deveria sintetizar todas as passivas com <se>, verificamos que há alguns problemas estruturais, uma vez que o mesmo não dá conta de sujeitos com traço [+ humano]. Além do que nem todos os verbos que se prestam a este tipo de construção são ativos, ainda que sejam transitivos (por exemplo *Se odia la vida / Se imagina la lucha*). Ademais, nos exemplos acima, conforme veremos no capítulo IV, existem propriedades sintáticas distintivas de passivas e de impessoais que o autor não explora.

Como Molina Redondo não consegue distinguir passivas de impessoais a partir da semântica, ele diz “que el énfasis de los hablantes se centra unas veces en lo impersonal y otras en lo pasivo” e que isto “nos parece una sutileza del análisis” (p. 20). Se nos aprofundarmos um pouco mais neste conceito veremos que o autor joga a interpretação do falante para a pragmática. Contudo, é na sintaxe que Molina Redondo vai buscar subsídios para distinguir passivas de impessoais.

A primeira consideração dele diz respeito à construção de SN animado. Em,

(1.48)

Se auxilió a los heridos en el accidente

o SN *los heridos* aparece com a preposição “a” e que este SN vem a ser o objeto animado, porque, segundo o autor, “no es posible en español un grupo nominal precedido de preposición en función de sujeto” (p. 20). Logo, a oração acima não pode ser passiva; é impessoal.

Continua Molina Redondo: “si un grupo nominal concuerda de manera obligatoria en número con el verbo, dicho grupo nominal es el sujeto del verbo” (p. 21). Logo, em

(1.49)
Se buscan representantes

representantes é o sujeito da oração porque está em concordância com o verbo. Portanto, a oração acima é passiva. Veja-se, contudo, que o esquema proposto pelo autor não dá conta de casos em que o sujeito não é de coisa.

Por outro lado, percebe-se que Molina Redondo constrói sua teoria em cima de dois traços sintáticos básicos: a) a presença ou ausência da preposição “a” e b) a existência ou não de concordância entre o verbo e o SN.

Logo, em,

(1.50)
Se amonestará a los infractores

o uso da preposição “a” se deve ao feito lingüístico-funcional de evitar a ambigüidade de sentido reflexivo ou recíproco, se o verbo estiver no plural. O autor salienta que não haverá ambigüidade quando o SN for de coisa, além do que, historicamente, a confusão interpretativa foi eliminada à custa “del sacrificio de una oración pasiva de esta clase con sujeto animado determinado” (p. 22).

Portanto, não haverá passiva com SN animado determinado preposicionado. Observamos que daí decorrem dois fenômenos lexicais: a) a preposição “a” marca o SN como objeto gramatical e b) invariavelmente o verbo vai para o singular, atribuindo à construção acima a propriedade sintática de impessoal.

Por outro lado, se o SN é animado, mas não está determinado, conforme se vê abaixo, não se usa a preposição “a”:

(1.51)
Se necesitan directores técnicos

Verifica-se na construção acima que a concordância entre o SN e o verbo marca sintaticamente a oração. Portanto, de acordo com o autor, devido à concordância a oração acima será passiva.

Na seqüência o autor trata do polêmico caso que divide lingüistas, catedráticos e gramáticos tradicionais: a alternância de uso entre orações com e sem concordância, como as que se exemplifica abaixo:

(1.52)
a) Se alquilan habitaciones / Se alquila habitaciones
b) Se buscan aprendices / Se busca aprendices.

Molina Redondo, ao contrário da tradição que rechaça as que não têm concordância, se posiciona de modo enfático a que as duas formas existem na língua espanhola e mais especificamente legitima a manifestação destas construções com o verbo no singular e o SN plural, como “una posibilidad latente del español que, según una opinión a la cual nos sumamos, está convirtiéndose de modo acelerado en una realidad patente” (p. 25).

Contrariando, então, a tradição, Molina Redondo afirma que a distinção básica, primária, que se deve fazer é aquela mediante a qual se separam orações pessoais das impessoais. Ou seja, o autor assume a existência de uma das formas acima como impessoal. O segundo argumento do autor versa sobre a relação de correspondência de que, de modo geral, uma oração ativa corresponde a uma passiva. Observe-se que o autor recorre, neste ponto, à tradição. Contudo, como visto no início de sua teoria, observamos que esta correspondência nem sempre é verdadeira.

Aplicando, então, às orações acima estes conceitos, e os anteriores feitos pelo autor, depreendemos que as que detêm concordância verbal e possuem uma suposta correspondente passiva perifrástica, são passivas. Por outro lado, as que não detêm estes traços característicos, segundo o autor, são impessoais.

No intuito de dar credibilidade às suas concepções Molina Redondo esquematiza sua teoria com base na relação entre orações ativas pessoais, impessoais e passivas. Observe-se que o esquema do autor, que reproduzimos abaixo, parte de duas orações transitivas ativas.

a) Juan aseó a los niños	→	pasiva	→	Los niños fueron aseados por Juan
impersonal				
Se aseó a los niños	→			∅
Asearon a los niños	→	pasiva	→	Los niños fueron aseados
b) Juan vende objetos usados	→	pasiva	→	Objetos usados son vendidos por Juan
impersonal				
Se vende objetos usados	→	pasiva	→	Se venden objetos usados
Venden objetos usados	→	pasiva	→	Objetos usados son vendidos

(MOLINA REDONDO, 1994, p. 26)

Nesse esquema está exposta toda a teoria de Molina Redondo, onde expressa claramente que o autor constrói sua base em cima da sintaxe. Assim, há que se pensar em SN preposicionado e não-preposicionado, SN animado e não-animado (coisa), SN

determinado e não-determinado, SN no singular ou no plural e concordância e não-concordância entre SN e verbo. Do ponto de vista analítico, são estas propriedades que distinguem passivas de impessoais. Observe-se, no entanto, que o esquema não dá conta de casos como os que se apresenta abaixo:

(1.53)
Se vende chatarra

Neste caso, Molina Redondo sai pela tangente e diz que “es inútil tratar de seleccionar uno de los dos sentidos con exclusión del otro, puesto que la diferencia formal queda neutralizada” (p. 24). Veja-se que o próprio catedrático espanhol, embora tendo conhecimento profundo da língua, esbarra em conceitos lingüísticos adequados que reduzem seu estudo a um caso sem solução. No capítulo IV apresentamos nossa versão sobre a análise desta construção.

A conclusão do autor, após essa reflexão toda, e que nos parece interessante, ainda que marcada pela tradição, é que “el marcador o índice de la pasividad en las oraciones que hemos estado comentando no es, por tanto, *se*, sino la concordância entre verbo y nombre” (p. 26). Esse dado é interessante no sentido de que contradiz alguns conceitos tradicionais pré-estabelecidos, que têm o clítico <se> como elemento determinante de passivização, impessoalização, reflexivização ou reciprocidade.

Para o autor, a diferença entre passivas e impessoais está, apenas, no plano sintático. Enquanto “las impersonales no poseen sujeto gramatical ni expreso ni sobreentendido las pasivas con *se*, sí lo tienen (es el objeto directo de las impersonales (sic)” (p. 26).

Entretanto, acreditamos que a distinção entre passivas e impessoais não se deve unicamente a propriedades sintáticas entre elas. É isto, sim, e muito mais. Há que se pensar, por exemplo, que quando o falante escolhe uma das construções de (*Se alquilan*

habitaciones / Se alquila habitaciones) ele não pensa em uma relação sintática-funcional entre ativa e passiva.

1.5.10. Leonardo Torrego (1^a ed. 1992)

Torrego (1998), distingue a impessoalidade entre semântica e sintática. As orações semanticamente impessoais se caracterizam por ocultar o agente ou o ator da ação verbal, ocultamento esse que, segundo o autor, se deve à indeterminação, generalização ou encobrimento pragmático. Por outro lado, as orações sintaticamente impessoais se caracterizam pela ausência do sujeito lexical, cuja posição argumental detém uma função sintática. Como exemplo destas últimas, o autor apresenta as seguintes construções:

(1.54)

- a) Conviene lavarse los dientes todos los días
- b) No es de buena educación cantar en las comidas
- c) Ver mucha televisión no es aconsejable

Quanto às construções *pasivas-reflejas*, o autor as classifica como impessoais exclusivamente semânticas. Segundo o autor, estas se caracterizam por levar a partícula gramaticalizada <se>, que não desempenha função nominal e categorialmente não é pronome, por ter sujeito léxico (nominal ou preposicional) e por não levar agente ou ocultar o ator. As seguintes construções seriam impessoais exclusivamente semânticas (*passivas-reflejas*).

(1.55)

- a) Se convocarán nuevas elecciones próximamente
- b) Se dice que no hay dinero²⁴
- c) En la reunión se tratarán asuntos de interés

²⁴ A passiva com <se>, semanticamente, não ocorre com este tipo de oração. Veja-se quadro no capítulo IV.

Há certa anuência de que a primeira e a terceira oração acima se assemelham às passivas, uma vez apresentam propriedades semântico-sintáticas lingüísticamente favoráveis a tal argumento: os SNs *nuevas elecciones* e *asuntos* estão em concordância, segundo Molina Redondo (op cit), com os verbos *convocar* e *tratar*, respectivamente, além do que há uma perifrástica correspondente a cada uma delas, cujo agente está oculto ou generalizado.

Por outro lado, é discutível o fato de que a segunda construção seja passiva. Observa-se, a partir deste fato, que o autor não tem muito claros os conceitos do que seja uma passiva. Para Torrego, todas as construções subordinadas são iguais, ou seja, têm as mesmas propriedades sintáticas e os verbos que as comportam também o são.

Seu maior pecado é ignorar a transitividade do verbo *dizer* e prender-se à tradição. Torrego, talvez de forma involuntária, caracteriza este verbo junto aos inacusativos, como *parecer* (*parece que María enfrenta problemas*). No entanto, o verbo dicendi *dizer* é um verbo que predica um complemento predicativo e a subordinada *que no hay dinero* em *Se dice que no hay dinero* não é o sujeito gramatical da oração; é, antes, o objeto semântico de *dizer*. Portanto, a oração não pode ser passiva, como quer o autor.

Na seqüência, comprovamos o que dissemos sobre o autor não ter a concepção de passiva muito clara. Torrego afirma que as seguintes construções são passivas:

(1.56)

- a) Se considera que los infinitivos propiamente dichos tienen sujetos interpretados
- b) ¿Qué se debe?

Para o primeiro exemplo, o autor toma o mesmo critério de análise da oração anterior. Neste caso, o problema é mais uma vez a grade argumental do verbo *considerar*. Sintaticamente, o clítico <se> preenche a grade do argumento externo (sem ser o sujeito)

e a subordinada, a do argumento interno. Logo, em (1.56a) a oração *que los infinitivos propiamente dichos tienen sujetos interpretados* é o objeto do verbo *considerar* e não o sujeito, como propõe Torrego. Por tanto, a construção não pode ser passiva.

O mesmo critério é usado pelo autor para classificar a segunda construção como passiva. Note-se que o autor se apóia na tradição de ver apenas as estruturas a partir do ponto de vista sintático, ou seja, da estrutura SVO. Dizer que o “qué” é o sujeito lexical é tornar irrelevantes muitos aspectos, principalmente verbais, como a transitividade, natureza e semântica do verbo *deber*. Ainda que o falante que profere tal construção pense em si (em um “yo” que “debo” ou que “debe”) o interrogativo “qué” é antes o objeto do verbo e a oração não pode ser passiva.

Neste caso, o verbo *deber*, assim como *comer*, *beber*, *estudar* é um verbo transitivo que está de-transitivizado.²⁵ No nível semântico-pragmático, o “qué” é, então, o objeto do verbo *deber*, que em 3ª pessoa singular, juntamente com o clítico <se> adquire traços sintático-semânticos específicas que dão à construção propriedades lingüísticas que permitem distinguir passivas de impessoais.

Ao que parece, Torrego não sabe o que fazer com o clítico <se>, atribuindo-lhe, então, uma propriedade sintático-semântica totalmente vazia de conteúdo, ou seja, nestas construções Torrego diz que o clítico <se>, por estar gramaticalizado, não desempenha nenhuma função sintático-semântica.

Já as impessoais, Torrego as concebe como as que levam impessoalidade tanto sintática quanto semântica. Seriam impessoais as construções do tipo,

(1.57)

a) Lllaman a la puerta

b) Me han suspendido en Matemáticas.

²⁵ Veja-se “de-transitivização” no capítulo II.

porque os respectivos sujeitos não são recuperáveis, por uma forma pronominal.

Portanto, estas são construções de *sujeito zero*, ou seja, mesmo que o verbo seja de 3ª pessoa plural, este não faz referência a nenhum elemento contextual recuperável como sujeito sintático ou semântico.²⁶ O autor justifica seu ponto de vista argumentando que semanticamente se pressupõe um “agente” que é “arreferencial”.

Observe-se que os conceitos do autor se limitam aos níveis sintático-semânticos.²⁷

Por outro lado, em,

(1.58)

- a) Se vive feliz en España / Se trabaja bien aquí / Se tratará de política en la próxima reunión
- b) Se es feliz en ocasiones
- c) Se recibió con aplauso a los jugadores

Torrego afirma que estas são sintática-semântica-pragmaticamente (sic) impessoais, porque são construções de sujeito zero e de agentes/atores ocultos, arreferenciais ou de caráter generalizante.

O conceito de impessoalidade em Torrego se liga à tradição de fazer referência ao sujeito sintático. Observe-se que a impessoalidade sintática está referenciada a verbos intransitivos, verbos copulativos e verbos transitivos cujo complemento objeto seja de pessoa, ou seja, com preposição “a”.

Este último conceito será crucial em Torrego para distinguir construções passivas de impessoais, como se pode verificar abaixo:

(1.59)

- a) Ya se han elegido los nuevos representantes

²⁶ Veja-se Bello e Gili Gaya.

²⁷ Pragmaticamente, o verbo de terceira pessoa plural, na oração *llaman al teléfono*, nos remete a um agente de primeira pessoa singular – é uma só pessoa que chama ao telefone.

b) Ya se ha elegido a los nuevos representantes.

Do ponto de vista semântico, Torrego afirma que estas são equivalentes, ou seja, ambas detêm o mesmo significado. Já do ponto de vista léxico-sintático são distintas. Então, a primeira seria passiva porque apresenta como sujeito sintático o SN *los nuevos representantes* e não se diz nada do agente. A segunda seria impessoal porque “ese mismo sintagma (sic) desempeña la función de c. directo” (p. 18), ou seja, o sujeito sintático é zero e se oculta o agente.

A pergunta é: como um mesmo sintagma pode ser sujeito sintático em uma construção e complemento direto em outra? Não dá para aceitar este argumento como único parâmetro distintivo entre passiva e impessoal. Se nos detivermos um pouco mais em ambas as construções veremos que, sintaticamente, apresentam traços estruturais muito distintos: o verbo no singular e a preposição “a” na segunda construção. Ainda que semântico-pragmaticamente ambas tenham o mesmo significado, sintaticamente apresentam estruturas distintas. Em outras palavras, se vamos distinguir passivas de impessoais, o façamos por completo, sintática, semântica e pragmaticamente, não sintaticamente pela metade. Observe-se que o sintagma distintivo do autor não é o mesmo nas construções.

Torrego (p. 9) enumera alguns traços de uso entre passivas e impessoais:

a) Emprega-se a passiva com <se> quando

- o sujeito léxico-sintático é representado por um SN,
- o sujeito léxico-sintático é representado por uma proposição,
- o sujeito léxico-sintático é representado por um SN de pessoa indeterminada.

b) Emprega-se a impessoal com <se> quando

- o SN que segue ao verbo é uma pessoa determinada

Para comprovar sua teoria, o autor exemplifica com,

(1.60)

- a) Se dieron a conocer los datos (pasiva refleja)
- b) Se dice que no hay valores éticos (pasiva refleja)
- c) Se buscan mecanógrafas (pasiva refleja)
- d) Se nombró director a D. Rafael (impersonal sintáctica)
- e) Se recibió con aplauso a los jugadores (impersonal sintáctica)

em que *los datos* em a) é o sujeito léxico de coisa; *que no hay valores éticos* em b) é uma proposição sujeito e que *mecanógrafas* em c) é o sujeito indeterminado. Por outro lado, as duas últimas seriam impessoais porque o SN pós-verbal é uma pessoa determinada com preposição “a”.

O questionamento que fazemos é: são esses os únicos traços distintivos entre passivas e impessoais? Se nos detivermos com mais detalhes sobre as construções acima veremos que há muito mais que isto, conforme veremos no capítulo IV.

Outro problema em Torrego é o fato de omitir-se em classificar ou conceituar como passivas ou impessoais as construções abaixo.

(1.61)

- a) Se vende pisos
- b) Se habla idiomas
- c) Se necesita donantes de sangre.

A única observação do autor sobre estas construções se refere à gramaticalidade com SN indeterminado, afirmando que nestas a gramaticalidade é maior se comparadas com,

(1.62)

a) # Se habla los idiomas de siempre

b) # Se alquila dos habitaciones.

Observamos que embora Torrego pela primeira vez distinga impessoalidade sintática de impessoalidade semântica, cremos que estes conceitos não estão muito claros. Distinguir passivas de impessoais não se faz simplesmente atribuindo a esta ou àquela determinação de um sujeito sintático ou ocultamento de um agente semântico. É isso e muito mais.²⁸

Verificamos em Torrego que o mesmo se mantém preso à tradição. Ainda que se esforce em avançar na lingüística, justificando estas construções dentro de sua teoria, notamos que a herança tradicional subjaz aos conceitos e concepções. Não há uma evolução esclarecedora que permita distinguir passivas de impessoais. Seu maior pecado, talvez, seja desprezar ou ignorar a transitividade verbal.

1.5.11. Antonio Quilis et al (1ª ed. 1989)

Antonio Quilis et al é um exemplo daquilo que se pode afirmar, sem o menor receio de incorrer em equívoco, como um legítimo representante da geração tradicionalista. Falecido em dezembro de 2003, deixou uma contribuição sem precedentes sobre fonética, fonologia e gramática, de língua espanhola. Como nosso estudo versa sobre as construções impessoais e passivas o interesse pelo texto de Quilis et al se deve ao fato deste autor ser, ou pelo menos haver sido, uma referência atual no estudo da língua

²⁸ Observemos que Torrego não consegue perceber os traços sintáticos distintivos, determinantes e quantificadores, nas construções acima.

espanhola, uma vez que representa uma geração de autores que se mantêm ligados à tradição.

É justamente essa ligação à tradição que marca, portanto, o texto de Quilis et al. Seus estudos se fundamentam e se estruturam na sintaxe da oração, fato que dificulta a interpretação das construções supracitadas.

As construções impessoais se caracterizam, segundo Quilis et al, estruturalmente, pela ausência de um dos núcleos oracionais: o sujeito. Para o autor, então, estas construções são estruturadas unicamente pelo predicado, nas quais o verbo de terceira pessoa singular marca a categoria não-pessoa, conforme se observa nas construções abaixo:

(1.63)

- a) Allí se recibía bien a todo el mundo
- b) Se dice que este verano será muy caluroso
- c) Se puede pensar que la paz es difícil

Segundo Quilis et al, estas últimas construções “presentan ausencia del sujeto por indiferencia hacia el realizador de la acción” (p. 340). Percebe-se claramente que a noção de impessoalidade do autor et al se fundamenta essencialmente sobre a estrutura sintática da oração, mesmo que esta concepção se interligue, implicitamente, a conceitos semânticos, como se observa acima. A falta de parametrização sintático-semântico fica patente quando o autor et al não consegue diferenciar “sujeito” de “el realizador de la acción”. Para Quilis et al, ambos são a mesma entidade léxico-semântica (veja-se capítulo III – reflexividade), ainda que a semântica seja aqui ignorada.

Observe-se que, diferentemente de Torrego, a segunda e a terceira construções acima para Quilis et al são impessoais. O problema, então, é saber: quê e quais fatores levam os autores espanhóis a distinguir, conceituar e classificar as construções com <se>

como passivas ou impessoais? Entendemos que é justamente essa falta de clareza conceitual, que divide os próprios gramáticos espanhóis, que dificulta a análise, o entendimento e a interpretação destas construções espanholas.

O próprio autor enfatiza que,

Hay que distinguir estas construcciones impersonales con *se* de las llamadas pasivas reflejas, en las cuales aparece un sujeto gramatical que concuerda con el verbo y puede transformarse en pasiva con *ser*:

<<Se creó un centro de educación especial>> = fue creado un centro de educación especial.

<<Se crearon centros de educación especial>>

<<Se vende piso céntrico>> = <<Se venden pisos céntricos>>. (QUILIS et al, 1989, p. 340)

Se nos fixarmos mais detidamente sobre as construções do fragmento, depreendemos que, para o autor et al, as propriedades que distinguem passivas de impessoais são duas, uma vez nestas se verifica concordância verbal e a possibilidade de equivalência perifrástica. No entanto, acreditamos que para Quilis et al, a concepção de passiva e de impessoal é um tanto obscura. O autor et al ressalta que na fala coloquial, se pode empregar a forma da segunda pessoa singular para “impessoalizar” a ação, ou seja, apesar de empregar uma pessoa marcada, o sujeito será indeterminado.

(1.64)

Alquilas la casa y luego no echas a los inquilinos en la vida

equivale a

(1.65)

Se alquila la casa y luego no se echa a los inquilinos en la vida

Esta última construção, então, será, ao mesmo tempo, equivalente impessoal à primeira porque a ação está impessoalizada (conceito semântico). Observe-se, no entanto,

que nesta construção há, sintaticamente, uma mescla de traços de passiva e de impessoal, segundo a própria concepção passivizante do autor et al.

Que a segunda construção da oração (1.65) é impessoal não há dúvida, uma vez que em espanhol (cf. Molina Redondo) não poderá aparecer um SN preposicionado na função de sujeito. A dúvida de interpretação recai sobre a primeira construção da referida oração. Esta construção terá interpretação passiva ou impessoal, já que o SN *la casa* está em concordância com o verbo e a mesma pode passar a uma passiva perifrástica, ao mesmo tempo em que também apresenta impessoalização da ação?

É essa indefinição de parâmetros sintático-semânticos, que acabam por se transformar em falta de critérios dos autores, que prejudicam e dificultam a análise interpretativa deste tipo de construção espanhola. Veja-se que muitos autores confundem o leitor-estudante ao invés de aclarar a interpretação. Temos a impressão que cada um, ainda que ligados à tradição, interpreta à sua maneira, *ad hoc*, essas construções de clítico. Quilis et al não foge à regra e se perde entre os conceitos sintáticos e semânticos. Seu maior pecado é, justamente, ignorar a semântica composicional das construções de clítico <se>.

1.5.12. Amaya Mendikoetxea (1999)

E por último, selecionamos o texto de Mendikoetxea, sobre o qual se pode afirmar que é o único texto descritivo em língua espanhola, no qual, em uma reflexão mais profunda e mais contundente, a autora procura desenvolver uma análise interpretativa-descritiva a partir de uma perspectiva sintático-semântica, o que dá a texto maior representatividade lingüística. Seu texto faz parte da *Gramática descriptiva de la lengua española* (Espasa, 1999, 5280 pp), organizada por Ignácio Bosque e Violeta Desmonte, cuja obra se tornou a principal referência no meio acadêmico hispânico atual.

Para a autora,

Sintácticamente, lo que caracteriza a las oraciones pasivas es que tienen como sujeto gramatical (o sintáctico) un sintagma nominal que se interpreta como el objeto nocional (o semántico) de la acción denotada por el verbo. Es tradicional establecer un paralelismo entre el sujeto gramatical de una oración pasiva y el objeto gramatical de la correspondiente oración activa, [...]. (MENDIKOETXEA, 1999b, p. 1636)

De acordo com a autora, então, a passiva com <se> corresponde, em termos gerais, formal e semanticamente, à passiva perifrástica, uma vez que ambas têm como sujeito gramatical o objeto semântico do verbo. A diferença entre ambas é que na perifrástica está explícito o agente, antecedido pela preposição “por”, enquanto que na primeira, além da presença de <se>, não há sintaticamente explícito um sintagma agentivo, como se observa abaixo:

(1.66)
Se pasaron los trabajos a ordenador

Da mesma maneira que a passiva com <se>, a impessoal com <se> também não pode levar explícito um sintagma preposicional agentivo. Assim, segundo a autora,

(1.67)
Se agredió a una periodista de TVE

é uma construção impessoal porque, formalmente, o objeto do verbo transitivo aparece preposicionado por “a”.

Tradicionalmente, a gramática espanhola estabelece como propriedades formais distintivas de passivas e impessoais, a concordância e a realização do sujeito / objeto, dado que às primeiras se estabelece um significado passivo e às segundas, um significado impessoal ativo. No entanto, a autora enfatiza que do ponto de vista semântico, a

interpretação como passiva ou como impessoal não é tão simples assim, já que ambas podem aparecer em contextos - dependendo do enfoque que se dê ao caso - passivo (alguém que sofre a ação de algo ou de alguém, sem determinar) ou ativo de sujeito indeterminado (alguém que opera sobre algo ou sobre alguém). Observe-se:

(1.68)

Durante el transcurso de la manifestación se paralizó el tráfico y se agredió a los periodistas.

De acordo com a autora, daí decorrem duas interpretações: i) durante a manifestação, pessoas desconhecidas fizeram duas coisas: paralisaram o trânsito e agrediram os jornalistas (interpretação impessoal); ii) durante a manifestação ocorreram dois fatos que afetaram o trânsito e os jornalistas: o primeiro foi paralisado e os segundos agredidos (interpretação passiva). Para Mendikoetxea, a interpretação parece depender mais de fatores lingüísticos ou extralingüísticos, aspecto verbal, etc, do que fatores formais das orações.

Embora reconhecendo que a interpretação destas construções se dê nos níveis subjetivos – semântico-pragmáticos – a autora, retoricamente, adota, em sua análise, o formalismo sintático, como se observa no fragmento abaixo:

En suma, la distinción entre pasivas con *se* y oraciones impersonales con *se* que adoptamos en este capítulo es una distinción basada en sus características formales: sintácticamente, estas oraciones se diferencian en que, con verbos transitivos, el objeto nocional del verbo es el sujeto gramatical en las pasivas con *se*, al igual que en las perifrásticas, mientras que en las impersonales con *se* el objeto nocional es también el objeto gramatical (introducido por *a*), como en la oración activa con sujeto referencial explícito, y no hay un sintagma nominal sujeto con el que pueda concordar el verbo. Además, en las oraciones impersonales pueden aparecer también verbos no transitivos. Las diferencias formales no entrañan diferencias semánticas: ambos tipos de oraciones pueden interpretarse desde una perspectiva activa o pasiva (circunstancia que se atribuye a la determinación del sujeto nocional, pero son relevantes en el sentido de que hay procesos sintácticos que afectan a las pasivas con *se* y otros que afectan a las impersonales con *se*, y su correcta identificación depende de los criterios formales de clasificación de las distintas oraciones con *se*. (MENDIKOETXEA, 1999b, p. 1639)

Observe-se que para a autora, as diferenças formais não significam necessariamente diferenças semânticas, mas que existem processos sintáticos que afetam a ambas construções e que são estes processos que permitem classificar estas construções como passivas ou como impessoais. No entanto, apesar de se intitular formalista, percebemos no transcorrer da leitura de Mendikoetxea que sua teoria está toda baseada na semântica e na pragmática.

Para sustentar sua posição analítica formal a autora postula a existência da voz média no espanhol, na qual “la acción o proceso verbal ‘afecta’ al sujeto” (p. 1639) e que “se predica una cualidad inherente al sujeto gramatical (objeto nocional del verbo” (p. 1641), como se verifica abaixo:

(1.69)

- a) Esta camisa se lava muy bien con lejía
- b) Las luces reflectantes se ven fácilmente
- c) Los trabajos escritos a máquina se leen más deprisa

Mendikoetxea conceitua a oração média com <se> como uma proposição estativa, de aspecto genérico, que necessita a presença de algum modificador adverbial, como *muy bien*, *fácilmente* e *más deprisa*. Observe-se que, como na média o sujeito se vê afetado, na passiva também o será.²⁹ Então, as orações acima são uma subclasse das construções passivas e, por conseguinte, se chamam *médias-passivas*.

Da mesma maneira, seria possível distinguir uma subclasse de orações médias das orações impessoais, e estas se chamariam *médias-impessoais*. Por exemplo, em

(1.70)

A estos niños se les asusta fácilmente,³⁰

²⁹ Observe-se que o sujeito gramatical corresponde ao objeto semântico do verbo.

³⁰ Sobre advérbio terminados em *mente*, veja-se Maldonado (1994).

cuja interpretação seria de que *los niños* têm a propriedade de que se assustam facilmente, seria uma impessoal.

Depreendemos que, ainda que se denomine formalista, a autora constrói seus conceitos, aceitáveis ou não, em cima de aspectos morfo-sintático-semânticos, uma vez que sua interpretação se baseia no fenômeno anteposição/posposição do SN ao verbo. No entanto, observa-se que uma das preocupações da autora parece estar em nomear as orações, etiquetá-las e rotulá-las. Se nos detivermos mais atentamente nas construções acima veremos que a interpretação destas é a mesma se invertermos a posição do SN ao verbo. Observe-se que o termo “média” se refere à propriedade sintática de antepor o SN ao verbo, já que o significado é o mesmo na ordem inversa.

Seguindo o raciocínio de oposição sintática e semântica em Mendikoetxea, concluímos que estes conceitos merecem uma melhor reflexão. Contraditoriamente, ao interpretar as construções com <se>, a autora sai da sintaxe e afirma que “se aprecia una confusión entre critérios puramente semânticos, de la oración, y critérios pragmáticos (del contexto lingüístico o extralingüístico) que influyen en la interpretación de las distintas oraciones con *se*” (p. 1642). Assim, para a autora, as passivas e as impessoais com <se> descrevem uma ação ou uma atividade que implica necessariamente e obrigatoriamente a intervenção de um agente com intencionalidade, que não se menciona porque só interessa destacar a ação verbal.

Isto fica claro quando, ao tratar das questões semânticas e pragmáticas relacionadas à indeterminação do sujeito, a autora afirma que a interpretação do sujeito implícito, nestas construções, se relaciona “a menudo” (freqüentemente) com o aspecto sintático *perfectivo* ou *imperfectivo*. Então, nas construções,

(1.71)

a) Se quemó el bosque para acabar con la plaga de orugas

b) Ya se ha avisado a los bomberos

a interpretação do sujeito implícito se dá pela noção da leitura existencial de um sujeito inespecífico não-genérico e não por meio de questões formais.

Para que interpretemos as construções acima é preciso que tenhamos em mente a pressuposição de que “existe uma pessoa X tal que essa pessoa X realiza a ação Y”. Além do que a autora afirma que a primeira construção é passiva e a segunda impessoal, mas não diz, nem apresenta pelo menos até aqui, que e quais critérios sintáticos, segundo sua postura assumida no início, as diferenciam entre si. Veja-se que o dilema está em distinguir sujeito sintático de sujeito semântico-pragmático.

De acordo com a autora, os verbos que aparecem nas passivas expressam eventos que denotam realizações (eventos durativos e delimitados) como *construir, comprar, vender, lavar, pintar, leer, limpiar, comer*, etc. – cujo evento é executado externamente por um agente, experimentante ou fonte - que afetam ou causam uma situação alheia ao sujeito sintático, como se observa abaixo:

(1.72)

El año pasado se construyó un puente sobre el río Guadalix.

Mendikoetxea estabelece algumas propriedades sintáticas que permitem caracterizar as médias-passivas. Junto à anteposição do SN, o sujeito sintático da média-passiva está determinado por artigos definidos, demonstrativos, etc, enquanto na passiva o sujeito gramatical pode aparecer indeterminado, como se vê nas construções abaixo:

(1.73)

- a) Las camisas de algodón se lavan fácilmente
- b) Estos libros no se pueden leer
- c) Se venden casas de nueva construcción
- d) Se hace retratos

Não se pode esquecer que Mendikoetxea tem o objeto semântico da ativa como sujeito sintático da passiva, o que lhe assegura o reconhecimento da impessoal somente com preposição. Veja-se, ainda, que a teoria da autora, quanto aos determinantes, se aplica aos verbos pluralizados, com caráter generalizante, mas não quando estes aparecem no singular.³¹

(1.74)

- a) La camisa de algodón se lava fácilmente
- b) Este libro no se puede leer
- c) ?? Se vende casa de nueva construcción
- d) # Se hace retrato

De acordo com a autora, o processo de anteposição/posposição do SN ao verbo também se aplica às impessoais e médias impessoais.

(1.75)

- a) No se conoce muy bien a las mujeres
- b) A las mujeres no se las conoce muy bien

A diferença entre as duas construções de (1.75) não é exclusivamente formal. Segundo Molina Redondo (op cit) o que permite distinguir impessoais de médias é a anteposição/posposição do SN ao verbo. Semanticamente, porém, depreendemos que em “a” o interesse recai sobre o conhecer ou não muito bem as mulheres, enquanto que em “b” a topicalização do SN muda o foco de interesse do falante. Este SN anteposto estende, de modo generalizante, a todas as mulheres a propriedade de não serem bem conhecidas; o foco recai sobre as mulheres e não sobre a propriedade de serem ou não bem conhecidas.

³¹ Este caráter generalizante pode denotar um conjunto definido ou uma classe de elementos que compartilham a mesma propriedade que se predica do sujeito.

Outro fator sintático observado em Mendikoetxea é que o SN posposto, tanto em passivas quanto em impessoais, pode aparecer com ou sem quantificadores.³²

(1.76)

Se necesitan (unos, varios, ciertos, muchos...) ayudantes)

A autora enfatiza que a passiva se estende a verbos transitivos e intransitivos, como os das construções abaixo:

(1.77)

- a) Se divulgaron rumores sobre un nuevo encarcelamiento
- b) Se dan los buenos días al cruzarse con los vecinos
- c) Se vive la vida alegremente / Se ríe la risa de un tonto
- d) Se llora el llanto de un niño / Se cantan canciones...

Até o presente momento a autora ignora a forma sintagmática nominal singular, ou seja, em todos seus exemplos o verbo está no plural em concordância com o SN posposto. Seria este um critério distintivo de passivas e de impessoais? Veja-se:

(1.78)

- a) Se buscam camareros
- b) Se necesitan vendedores

Outra característica de passiva retirada de Mendikoetxea relaciona-se ao fato de que esta construção não é possível com sujeitos animados e com determinantes definidos, como se observa abaixo (compare-se com 1.78):

(1.79)

- a) # Se buscan estas personas
- b) # Se cuidan los niños

³² Observemos que entre os SNs sem determinantes, ou de determinantes indefinidos (não-quantificados) se destacam, principalmente, os de traço [+animado] e [+pessoa].

Em (1.79), a única interpretação plausível seria de impessoal com o SN animado preposicionado por “a” e o verbo no singular. Portanto, segundo a autora, não podem formar passivas com <se> os verbos que vão sempre introduzidos pela preposição “a”, como *avisar, llamar, ayudar, amenazar, azotar, saludar, impresionar, asustar*, etc, independente do grau de determinação do objeto de pessoa.

Já a presença ou a ausência da preposição “a” frente a outros verbos pode dar à construção uma interpretação passiva ou uma interpretação impessoal, como se vê abaixo:

(1.80)

- a) Si se quiere (una) mujer, hay que salir a buscarla
- b) Si se quiere a una mujer se hace cualquier cosa por ella

A diferença entre um e outro significado se relaciona à maneira como se pressupõe o grau de impessoalidade e o significado do verbo destas construções. A interpretação da primeira está atrelada ao sentido de *desejar, procurar* (interpretação passiva), enquanto que a segunda se relaciona a uma interpretação no sentido de *amar a / querer a alguém* (interpretação impessoal). Portanto, conclui-se que está na pragmática (do falante) a construção do sentido e do significado de uma e de outra proposição, uma vez que os aspectos formais das orações são apenas uma representação da organização composicional da língua espanhola, que permite expressar a intenção do falante.

Sobre o caso paradigmático que trata da questão da (falta de) concordância, como se observa em,

(1.81)

- a) Se vende libros
- b) Se venden libros

a autora considera a primeira como uma “variante” da segunda, que é uma passiva.³³

Mendikoetxea enfatiza, ainda, que a não concordância pode ser favorecida pela coordenação de SNs em orações complexas, pela distância entre verbo e o SN ou em perífrases aspectuais e verbos modais que apareçam com infinitivos que se interpõem entre o verbo e concordante e o SN.³⁴

(1.82)

- a) Sólo se oía el blando batir de las alas y el canto monótono de un grillo
- b) Se conoce en la mayoría de los casos los hombres de los culpables
- c) Se puede pagar los envíos por medio de un cheque

A autora afirma que os fatores descritos acima não retiram destas construções a propriedade de passivas.

Vale a pena observar que Mendikoetxea ao adotar um critério formal para as impessoais, como “reservándose el término ‘impersonal’ a aquellas oraciones en las que el objeto nocional de un verbo transitivo va introducido por la preposición *a* (p. 1677), além de outros SNs preposicionais como *de*, *en*, etc. impossibilita qualquer aceção de impessoalidade de verbos transitivos que não sejam preposicionais. Isto será importante, principalmente, no momento da autora analisar as construções nas quais apareçam verbos com complemento oracionais de infinitivos. A decorrência disso é que este tipo de construção transitiva dificilmente será caracterizada, pela autora, como impessoal. Com raras exceções, estas construções serão sempre passivas, como se vê abaixo:

(1.83)

Se desea venir, se quiere trabajar, se prohíbe fumar

³³ É interessante notar que a autora associa este giro não-concertado como sendo próprio de falantes não-cultos da Espanha e a falantes cultos de algumas regiões d América.

³⁴ Mendikoetxea recorre várias vezes aos exemplos de Fernández Ramírez (1951).

Com exceção da última, que denota um processo causativo e devido à grade temática do verbo flexionado, aceitar a passividade destas construções a partir somente de aspectos formais não é lá muito produtivo; semântico-pragmaticamente, pressupomos que os verbos de infinitivo não são os sujeitos passivos, como quer a autora (para isto, recorre-se à paráfrase perifrástica).

Por outro lado, as construções,

(1.84)

- a) Se quiere mejorar los salarios de los profesores
- b) Se quiere que se mejoren los salarios de los profesores

Mendikoetxea (p. 1681) afirma que são impessoais. Justamente neste ponto a interpretação de Mendikoetxea se torna obscura porque a autora não dá nenhuma pista das características ou das propriedades que as caracterizam como impessoais. Portanto, além de estarmos em um terreno movediço, como afirma a própria autora, estamos também num terreno pedregoso e espinhoso.

Mendikoetxea nos apresenta ainda uma amostra de como as impessoais se inserem em contextos com verbos causativos, de percepção e infinitivos como objetos sentenciais, como em,

(1.85)

- a) Se ve a los ancianos sufrir
- b) Desde mi ventana se ve caer las gotas de agua
- c) Se hizo destruir los documentos

Denotamos disto que o verbo de infinitivo tem como sujeito sintático o objeto do verbo de percepção, assim como o sujeito semântico da causativa tem como objeto uma

oração de infinitivo. Outro fenômeno apresentado por Mendikoetxea diz respeito às impessoais cujos verbos têm uma cláusula reduzida³⁵ como objetos.

(1.86)

- a) Se cree inocentes a los culpables
- b) Se considera invalidas las pruebas

Este tipo de construção pode gerar concordância anômala, principalmente com cláusulas reduzidas de traço [+ humano]. Na seqüência verificamos o caso dos pronomes clíticos nas construções impessoais de <se>, como,

(1.87)

Se nos odia sin razón

que reproduzem a estrutura transitiva com objeto sintático-semântico explícito.

No entanto em,

(1.88)

Se *les* adora (a los niños)

Mendikoetxea diz que o uso do clítico *les* em vez do correspondente *los*, se deve a contextos históricos³⁶ e que a fórmula <se + lo(s)> até recentemente havia desaparecido da língua espanhola. O uso de *le(s)* nas impessoais de <se> se explica pelo fato do objeto gramatical ter a preposição “a” – que implica ser de pessoa – e que levou a estender a fórmula <se + le(s)> para as acusativas de pessoa. Trata-se, portanto, do *leísmo*.

Alguns autores qualificam o fenômeno de *americanismo* pelo fato do uso ser mais freqüente, mas não exclusivo, fora da península.

³⁵ A cláusula reduzida é, sintaticamente, uma oração sem verbo e pode ser considerada como um atributo da oração.

³⁶ A autora observa que a história original das construções com estrutura *se le(s)*, independente do gênero gramatical, é anterior ao século XVIII. É neste período que começa a aparecer o uso do *se la(s)* para sintagmas nominais femininos e com menos freqüência o *se lo(s)* para o masculino.

A autora relata também a seqüência <se{le(s)/lo(s)/la(s)} com referente de coisa.

(1.89)

- a) Los cipreses, si se *les* riega abundantemente, crecen mucho más deprisa
- b) ... en cuanto *al dinero* ...si se *lo* maneja con prudencia ...
- c) Cuando no se acaba con *la pobreza* y se *la* envía al extrarradio...

Veja-se que no par,

(1.90)

- a) Se (les) entregan los premios a los ganadores
- b) Se les entrega los premios a los ganadores

é impossível distinguir a passiva da impessoal pelo aspecto sintático da concordância. A interpretação vai depender do contexto do sujeito semântico (que está implícito).

Na América também é possível encontrar impessoais do tipo,

(1.91)

A mí se me lo permitió

em que o uso está restrito a contextos de primeira e de segunda pessoa.

Um caso não menos complexo verificado em Mendikoetxea diz respeito às impessoais em contextos de verbos intransitivos, incusativos, copulativos e passivos (perifrásticos), como os apresentados abaixo:

(1.92)

- a) Se canta, se baila, se trabaja
- b) Se crece más si se desayunan cereales
- c) Se es o no se es / Se está o no se está
- d) Se ha invitado a la fiesta / Se es querido

A autor enfatiza, no entanto, que o aparecimento destas construções depende de certos contextos, nos quais influenciam determinados fatores, principalmente aspectuais,

cujos verbos denotam aspecto perfectivo/imperfectivo, existência, estado, mudança de estado físico, etc. Veja-se que no último exemplo, a primeira construção tem um significado duplamente impessoal.

Outro caso complexo das construções impessoais com clítico <se> aparece também em contextos de verbos infinitivos, como *parecer*, verbos modais e gerundivos.

(1.93)

- a) Parece verse el mar desde aquí
- b) Debe barrerse la facultad todos los días
- c) Se puede desmentir la noticia en cualquier momento
- d) Convocándose elecciones generales, se logró calmar el clima del país.

Mendikoetxea constrói sua tese com base em teorias respeitáveis como Perlmutter, Levin, Burzio, Cinque, Vendler e outros. Nosso estudo não cobre todas as questões discutidas pela autora porque muitas das questões são por demais complexas e merecem um estudo mais aprofundado. Nesse nosso estudo nos limitamos a constatar a profundidade do texto da autora ao mesmo tempo em que reconhecemos sua reflexão lingüística, uma vez que esta analisa, discute e responde questões que os outros autores espanhóis se recusam a ver.

1.6. Conclusão

Desde que nos propusemos a estudar as construções de clítico <se> em espanhol não sabíamos dos matizes lingüísticos que cada oração guarda. Ao optarmos pelas passivas em oposição às impessoais, e reflexivas, pudemos perceber que alguns gramáticos não as têm bem definidas, o que reflete a falta de critérios lingüísticos claros e lógicos que permitam caracterizá-las como tais. Muitos autores renomados, centrados na visão tradicional, não conseguem ultrapassar os limites da sintaxe e vêm apenas critérios

formais, o que reduz a análise destas construções ao ambiente morfo-sintático. Outros, um pouco mais arrojados, sabem que existe algo mais além da sintaxe e que a interpretação destas construções ultrapassa, inclusive, as fronteiras da semântica. Mas não encontrando sustentação teórica que possa dar conta de suas concepções, se voltam à tradição. Mendikoetxea avança para os campos da semântica e da pragmática e o resultado é uma reflexão teórica que permite ver além das estruturas formais, porque está respaldada pela lingüística, contudo, não abandona a tradição formalista.

Vimos que distinguir passivas de impessoais não é tarefa das mais fáceis, principalmente em se tratando de construções complexas. No entanto, a análise destes autores serviu de base para formularmos um quadro panorâmico de como estas construções são vistas na língua espanhola. Pudemos verificar que os conceitos distintivos não são bem claros entre os gramáticos, o que gera certo desconforto no momento que nos deparamos com elas. No capítulo IV apresentamos uma proposta de análise na qual pretendemos tornar um pouco mais claro a interpretação destas construções, desde o ponto de vista sintático-semântico.

CAPÍTULO II – A DESTTRANSITIVIZAÇÃO

2.1. Corpus

É curioso como a tradição gramatical, de maneira geral, parte para a análise e interpretação de fenômenos lingüísticos a partir da oração prototípica. É de se esperar que desse processo ocorram falhas, ou conclusões imprecisas, na apreciação dos fenômenos lingüísticos que se manifestam nas línguas naturais. A maneira como os autores citados no capítulo I tratam suas construções com <se>, totalmente descontextualizadas, nos permite classificá-las como anômalas, desde o ponto de vista semântico. Seria demasiadamente ingênuo querer reduzir a análise e interpretação das passivas e impessoais de <se> a estruturas formais apenas. É necessário contextualizá-las, estabelecer relações sintático-semânticas dentro de uma composição textual e não fixar-se em frações soltas.

Dentro dessa perspectiva de análise e interpretação das construções com <se>, e levando-se em consideração os objetivos estabelecidos na Introdução, nossa proposta nesse estudo é fazer uma reflexão analítica destas construções de clítico a partir de critérios sintático-semânticos que possam dar conta de sua interpretação. Como no Brasil não existe um banco de dados de língua espanhola fomos buscar no banco de dados da Real Academia Espanhola – RAE – o corpus que serviu de base para nossa investigação.

O banco de dados da RAE está estruturado, desde 1993, em duas seções, uma diacrônica (corpus diacrônico do espanhol – CORDE) e outra sincrônica (Corpus de referência do espanhol atual – CREA). As duas seções oferecem um total de 320 milhões de registros. Para este nosso estudo, em função do tema, centramos a pesquisa no CREA porque este reúne dados do espanhol contemporâneo, de diversas procedências, do qual é possível extrair informações em contextos variados. Usamos este corpus porque, segundo

a própria RAE, “un corpus de referencia es aquel que está diseñado para proporcionar información exhaustiva una lengua un momento determinado de su historia y, por tanto, ha de ser lo suficientemente extenso para representar todas las variedades relevantes de la lengua en cuestión”.

Até o final de 2004 é intención da RAE chegar aos 160 milhões de registros, sendo que um grande número se refere à língua falada, representada por transcrição de documentos procedentes, na grande maioria, de rádio e de televisão, assim como conversas telefônicas.

O CREA contém um conjunto de informações orais obtidos partir de convênios com diversas instituições de ensino de diversos países de fala hispânica. O corpus oral constitui 10% do total de registros e está selecionado de acordo com o meio de gravação (rádio, televisão, gravação direta, telefone, secretária eletrônica e outros), sendo que, do total de informações, 50% é da Espanha e 50% á da América. Como nosso enfoque é o espanhol peninsular, desconsideramos a amostragem hispano-americana.

2.2. Metodologia

A partir do corpus da RAE (CREA) selecionamos o material de pesquisa de acordo com alguns critérios, os quais descrevemos a seguir. Embora a nova etapa do CREA abranja uns 20 milhões de palavras, optamos por estender nossa investigação desde 1975, início da formação do banco de dados da RAE, por entendermos que haveria maiores possibilidades de manifestação das construções com <se>. O grau de formalidade foi livre e variou entre a alta e a baixa, envolvendo interlocutores em canal cara a cara, ou outro meio de oralidade, contemplando gêneros orais variados, tais como reportagens, entrevistas, debates, documentários, magazines, variedades, revistas desportivas, etc.

Os fragmentos escolhidos para nossa investigação fazem parte de um conjunto de amostras que expressam uma aproximação de uma contextualização mais objetiva, que privilegia a interpretação das construções de clítico <se> numa ambiente muito próximo do real.³⁷

De posse de uma amostragem razoável de construções de clítico <se>, o passo seguinte foi separar as construções por tema, ou seja, em construções passivas, reflexivas ou impessoais, usando-se como ferramenta distintiva critérios sintáticos e semânticos que veremos no capítulo IV. Não nos interessou naquele momento quantificar o corpus, pois nos interessava, antes, o conteúdo deste. Assim, selecionamos uma razoável amostragem de cada tipologia específica de construção e passamos a trabalhar com estas amostras. Portanto, os exemplos constantes neste nosso estudo fazem parte de um contexto maior, o corpus da RAE, no qual insere-se uma grande variedade de manifestações orais da língua espanhola. Em anexo estão algumas amostras deste corpus selecionado que poderão ser consultadas para eventuais dúvidas.

O corpus da RAE, apesar dos recursos tecnológicos de pesquisa, é limitado no sentido de que não abarca todas as formas de construção com <se>, não da maneira como nós o idealizamos. Transitar por este corpus é exercer uma atividade de garimpagem, pois o mesmo guarda possibilidades finitas de uma variedade infinita de manifestações, que é a língua espanhola.

A pesquisa foi feita no site <http://www.corpus.rae.es/creanet.html> em que se abre uma página de interface na qual se acessa a várias janelas que deverão ser preenchidas pelo pesquisador. No anexo apresentamos um modelo desta janela de pesquisa da RAE.

Na primeira janela de “consulta” entra-se com a palavra-chave, em seguida seleciona-se o “meio oral”; na janela “geográfico” seleciona-se o país e no “tema”

³⁷ Se aproximamos nossa amostra da oração prototípica foi para atender aos critérios de análise estabelecidos nos objetivos iniciais deste estudo.

seleciona-se a área de pesquisa, como astronomia, lingüística, etc. Ao clicar-se em “buscar”, abre-se outra página com o “resultado” da pesquisa. Se for um resultado muito grande, por exemplo 945 casos e 59 documentos, pode-se fazer um filtro na janela “filtro”, onde o resultado cai para 10% do total. Em seguida na janela “concordância” e “normal” clica-se em “recuperar” e aparece uma lista de parágrafos com a palavra-chave selecionada no início da pesquisa.

2.3. A detransitivização

2.3.1. Um olhar sobre a transitividade

Ultimamente o estudo dos tempos verbais ganhou destaque na lingüística moderna a partir dos estudos de Vendler (1967) e de Dowty (1979). De acordo com alguns autores como Mira Mateus et al (1983); Godoi (1992); De Miguel (2000); Bosque (1990), entre outros, os verbos podem ser classificados pela semântica aspectual que os caracteriza na oração, cujas implicações temporais envolvem eventos durativos e delimitados. Tais eventos dizem respeito ao Aspecto verbal³⁸ que, B. Comrie (apud Godoi, 1992), definiu como sendo “different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation”.

De acordo com Mendikoetxea (1999b), a categoria lingüística Aspecto pode ser expressa por processos gramaticais e/ou por processos lexicais. O Aspecto gramatical, ou sintático, corresponde ao significado manifesto nas desinências verbais e que, para muitos gramáticos consiste em dar a ação como terminada (aspecto perfectivo/télico) ou não (aspecto imperfectivo/não-télico). Já o Aspecto lexical diz respeito ao Aktionsart³⁹ e engloba uma grande diversidade de eventos, durativos e delimitados, inerentes ao

³⁸ Existem conceitos lingüísticos mais contemporâneos que tratam desse assunto, como é o caso da Semântica Composicional.

³⁹ Do alemão: *tipos de ação*.

significado das classes aspectuais e seus predicados - características intrínsecas. De modo geral, as gramáticas tradicionais só abordam os processos gramaticais.

Vendler (1967) formulou uma classificação para os verbos em quatro categorias lingüísticas, relacionando-as a intervalos de tempo. A classificação verbal quadripartida proposta por Vendler está formulada sob as categorias *estado*, *atividade (processo)*, *accomplishments* e *achievements*.⁴⁰

A transitividade se liga ao Aspecto verbal no sentido de que evidencia uma interpretação sentencial de todo um evento ou estado, incluindo as propriedades e características não só do verbo, mas de toda sua estrutura argumental: a relação sintático-semântica entre sujeito - sintático e semântico - e complemento.⁴¹ O assunto não é termo esgotado na lingüística moderna uma vez que sua interpretação quer do ponto de vista sintático quer do ponto de vista semântico, continua sendo objeto de discussão nos meios acadêmicos. Portanto, parafraseando Galeano, interpretar a *transitividade*, do ponto de vista semântico-pragmático, significa poder ver além da estrutura do bloco de pedra.

Tradicionalmente, se oferece uma classificação dos verbos a partir da oposição dual transitivo versus intransitivo: verbo transitivo exige complemento direto, verbo intransitivo recusa complemento direto. Desse ponto de vista sintático, os verbos de ligação são verbos de predicação completiva.⁴² Porém, o comportamento semântico-pragmático de transitivo ou intransitivo parece ser antes algo intrínseco ao significado léxico do verbo, do que dependente do uso sintático “com” ou “sem” complemento direto.⁴³

⁴⁰ Vendler (1967), ao estudar os verbos, propõe para esta soma classificação quadripartida de acordo com a duração temporal: verbo de *estado* é o que denota uma situação que se mantém ao longo do intervalo; de *atividade* é o que denota mudança de estado do evento; de *accomplishment* o evento vale para o intervalo inteiro e não os subintervalos e o de *achievement*, que denota ou bem o início ou bem o fim de um evento pontual.

⁴¹ Neste nosso estudo, o Aspecto será importante no instante de diferenciar as passivas perifrásticas das passivas de <se>, conforme veremos no capítulo IV.

⁴² Cuidado especial deve-se tomar com os verbos copulativos (ser, estar, parecer, etc.), os quais não regem semanticamente o complemento, senão que é o complemento atributivo que rege semanticamente o sujeito.

⁴³ Note-se que a tradição, ao conceituar verbo transitivo e intransitivo, centra-se na relação verbo-objeto e exclui o sujeito do conjunto de complementos argumentais.

Enfim, analisar e interpretar a transitividade nos leva a pensar e refletir a estrutura temática verbal sob outra ótica, e não somente sob aquela apresentada pela tradição; há que se estender a interpretação da transitividade para o nível composicional da oração. Neste nível, porém, observamos que a transitividade é um fenômeno complexo que envolve propriedades sintáticas e semânticas de fatores lingüísticos e extralingüísticos que se inter-relacionam para além de uma oração prototípica.⁴⁴

Portanto, para uma possível interpretação da transitividade deve-se levar em consideração três fatores: i) a agentividade – que predica se o sujeito semântico é ou não *agente* ii) o Aspecto – maneira como se concebe a ação como durativa ou delimitada (principlamente para as passivas) e iii) o tema/ (ou tópico) – elemento complemento sobre o qual se processa ou não mudança de estado do evento. A questão é: como interpretar as construções abaixo, retiradas do corpus da RAE⁴⁵, a partir da noção de transitividade?

(2.1)

a) Y mi abuelo materno era de Castilla y *ese estudió la carrera de ingeniero industrial*⁴⁶ y fue destinado a Valencia [...] (81, Estudios de cultura general, Canal = cara a cara).

b) [...] porque mago era el que *mago es el que hace la magia* y que la magia era ya la magia [...] (90, TVE 1, Magazines).

(2.2)

a) Ya me dirá usted. *¿Dónde estudió usted?* Yo aquí, en Madrid, en el colegio de las teresianas y en fin, ya antes de la guerra, iba a este colegio (81, Mujer de 42 años, Canal = cara a cara).

b) # Pues entonces *mi amiga le hizo* (91, Conversación entre amigos, Canal = cara a cara).

⁴⁴ A oração prototípica (simples) é a base da descrição gramatical de uma língua. As orações complexas – como a passiva – são variações desta.

⁴⁵ As construções que usamos neste estudo estão transcritas no Anexo.

⁴⁶ Grifo nosso.

Do ponto de vista da lingüística espanhola, Campos (1999), observa que a transitividade é dependente do tipo de predicado. Para o autor, quando o predicado expressa uma qualidade do sujeito, se fala em “oração atributiva” (verbos copulativos *ser*, *estar*, *parecer*, etc) e quando o predicado expressa uma situação ou um fenômeno em que participa o sujeito, se fala de “oração predicativa”. Segundo Campos, a predicação pode ser completa ou incompleta: na predicação completa o verbo expressa por si só o que se deseja dizer do sujeito; a predicação incompleta ocorre quando podem aparecer outros elementos junto ao verbo, os quais vêm a complementar o que se quer dizer do sujeito.

Para entendermos melhor essa relação transitiva, tomemos como exemplo as seguintes construções emprestadas de Campos (op cit), retiradas da RAE (não do nosso corpus da RAE):

(2.3)

- a) El árbol floreció.
- b) Maggie le compró un vestido a Gabrielita.
- c) Roberto trabajó el fin de semana.

Note-se que em (2.3a) a predicação é completa enquanto que em (2.3b-c) a predicação é incompleta. Assim, a oração *un vestido a Gabrielita*, que completa a predicação do verbo *comprar* e a oração *el fin de semana*, que completa a predicação do verbo *trabajar*, se denominam *complementos*. Campos chama *complemento periférico* ao complemento circunstancial. O autor observa que para a Real Academia Espanhola,

‘Complemento u objeto directo’ es el sintagma que <<precisa la significación del verbo [transitivo], y denota a la vez el objeto (persona, animal o cosa) en que recae directamente la acción expresada por aquel>>. [...] *un vestido* desempeña el papel de complemento directo. ‘Complemento indirecto’ es aquel <<que expresa la persona, animal o cosa en que se cumple o termina la acción del verbo [transitivo] ejercida ya sobre el complemento directo. [...] *Gabrielita* es el complemento indirecto. ‘Complemento circunstancial’ es el sintagma que <<determina o modifica la significación del verbo, denotando una circunstancia de lugar, tiempo, modo, materia, contenido, etc.>>. [...] *el fin de semana pasado* es el ‘complemento circunstancial’. (RAE, 1973, § 3.4.3)

Percebemos, portanto, que do ponto de vista da RAE a transitividade é um tanto quanto limitada, uma vez que não consegue dar conta dos verbos de “posse” (*ter, incluir*), de “percepção sensorial” (*ver, ouvir*), de “percepção intelectual” (*saber, entender*), de “vontade” (*querer, desejar*), de “afeição” (*odiar, amar*), entre outros, porque tais verbos não denotam ação, como quer a Academia. A RAE (§ 3.5.1) predica que muitos verbos transitivos podem aparecer sem o complemento direto quando este é definido pela pragmática, como veremos adiante. Portanto, na interpretação de (2.2a-b), para os verbos *estudiar* e *hacer*, a RAE recorre à pragmática.

Para a Academia espanhola, a explicitação do complemento direto depende da intenção expressa do falante em cada ocasião concreta da fala real. O que se percebe, no entanto, das orações (2.2a-b), é que essa intenção *expressa* da RAE parece depender do tipo de verbo, como podemos observar nas construções anteriores reproduzidas abaixo.

(2.4)

a) Y mi abuelo materno era de Castilla y *ese estudió la carrera de ingeniero industrial* y fue destinado a Valencia [...] (81, Estudios de cultura general, Canal = cara a cara).

b) [...] porque mago era el que *mago es el que hace la magia* y que la magia era ya la magia [...] (90, TVE 1, Magazines).

(2.5)

a) Ya me dirá usted. *¿Dónde estudió usted?* Yo aquí, en Madrid, en el colegio de las teresianas y en fin, ya antes de la guerra, iba a este colegio (81, Mujer de 42 años, Canal = cara a cara).

b) # Pues entonces *mi amiga le hizo* (91, Conversación entre amigos, Canal = cara a cara).

Do ponto de vista semântico, Campos (op cit, p. 1527) diz que é “una propiedad léxica de cada verbo específico el que pueda o no aparecer con un complemento directo a nivel fonético. Pero vemos que, aun cuando en el nivel fonético estos verbos aparezcan sin complemento, mentalmente todavía interpretamos un complemento directo”. Veja-se

que para Campos, o nível fonético nos remete à estrutura sintática. Mesmo assim, o autor entende que é imprescindível conjugar a transitividade com os níveis semântico-pragmáticos, quando joga a interpretação da existência de um complemento direto para a “mente” do falante/ouvinte.

Portanto, conforme definido na nota 17, para analisarmos e interpretarmos as construções de clítico <se>, neste estudo adotamos os termos *sujeito semântico* para referir-nos ao argumento que desempenha o papel de agente da estrutura semântica argumental e os termos *objeto direto*, *complemento objeto* ou *objeto semântico*, ao argumento que desempenha o papel de paciente ou tema, nessa estrutura argumental.

2.3.2. O processo da destransitivização⁴⁷

Campos (p. 1531) interpreta o papel semântico de *agente* como sendo o argumento que “designa al realizador directo, animado o inanimado, de la acción que el verbo menciona o la causa voluntaria o involuntaria de la misma”. Para o autor, o *agente* é o elemento que desempenha um papel causal sobressalente na realização do evento. Por outra parte, o autor propõe que o argumento *paciente* seja relacionado a três tipos de complementos: i) complemento *afetado*, ii) complemento *efetuado* e iii) complemento *deslocado*. Do ponto de vista do complemento *paciente*, o autor classifica ainda os verbos em dois grandes grupos: a) grupo em que o sujeito é *agente* ou *causa* e o complemento direto é *paciente* afetado, efetuado ou deslocado e b) grupo dos verbos de atividade cognitiva, em que o experimentante é um complemento *envolvido* e *afetado* pela ação do verbo.

Considerando-se a transitividade, há duas maneiras de se interpretar as orações (2.4) e (2.5). Em um nível puramente sintático, os verbos *estudiar* (estudar) e *hacer* (fazer) podem ser usados como transitivos ou não. Por outro lado, no nível de

⁴⁷ Antes de iniciarmos o estudo sobre a reflexividade, que apresentamos no capítulo III, é imprescindível que entendamos o que se discorre abaixo.

interpretação semântico-pragmática, notamos que a relação transitiva se faz completa em (2.4a-b) e (2.5a), ao passo que não se faz completa em (2.5b) – pelo menos neste contexto. Ao que parece, a possibilidade do verbo se realizar com complemento objeto implícito, ou não, está restrita a propriedades léxicas de cada verbo em particular: *estudar* admite a elisão do complemento objeto (veja-se (2.4a), (2.4b e (2.5a) ao passo que *fazer* não aceita a elisão (conforme (2.5b).

Campos enfatiza ainda que o uso absoluto do verbo transitivo – uso sem complemento – é característico de verbos que indicam “percepção física” ou “mental” (*comer, jantar, almoçar, beber, etc.*); “atividades intelectuais” (*estudar, ler, escrever, etc.*) e verbos como *dançar, e cantar*. Para o autor, nestes casos, o complemento está ausente no nível sintático, mas presente no nível semântico de interpretação.

E por que não interpretamos (2.5b) da mesma maneira que interpretamos (2.5a)? O fato de que a interpretação da oração (2.5a) se realiza sem a presença do complemento objeto nos leva a refletir sobre o caso. Senão vejamos as construções abaixo:

(2.6)

a) *El pequeño no hace nada más que pincharle al otro. Que si se pone a fumar y no abre la ventana le empieza a pinchar ¿Y el otro no fuma? El otro sí fuma, pero como él abre la ventana...* (92, Universidad de Alcalá de Henares, Canal = cara a cara).

b) [...] *hombre, yo creo que la década se abrió con el golpe de estado y se cierra con la persistencia de los socialistas en el poder[...]* (89, TVE 1, Entrevistas).

Quando comparamos as orações de (2.4) e (2.5) com as de (2.6) acima, observamos que em (2.4a) e (2.4b) e (2.6a) o processo transitivo se faz completo no sentido de que os verbos transitivos *estudiar, hacer e cerrar* regem sintaticamente a seus complementos em uma estrutura argumental. Por outro lado, em (2.5a), de acordo com Mendikoetxea (1999a), a elisão ou ausência do complemento objeto tem lugar quando

este complemento objeto não expresso é interpretado como objeto prototípico de um verbo em particular, ou seja, a elisão parece apresentar restrições semânticas a verbos específicos.

Em (2.5a), portanto, se interpreta que existe semanticamente um complemento objeto, ainda que não se encontre sintaticamente realizado na oração, com quem o verbo mantém uma relação semântica argumental. Assim, ao menos – semântico-pragmaticamente - no mundo que compartilhamos, em (2.5a) entendemos que o sujeito *usted* estudou “algo” que, sintaticamente, não aparece expresso e que o evento atribuí, à oração a interpretação de um estudo genérico.

Por outro lado, o verbo *abrir* em (2.6a) atribuí ao sujeito *el pequeño* o papel semântico de *agente* e ao complemento objeto *la ventana* (a janela) o papel semântico de *complemento afetado*. De acordo com o conceito de transitividade visto anteriormente, verificamos que em (2.6b) não aparece sintaticamente expresso um complemento que possa ser regido pelo verbo transitivo *abrir*.

Se, entretanto, separarmos as duas construções apresentadas em (2.6) e as reconstruirmos segundo a transitividade do verbo *abrir*, teremos:

(2.7)

a) El pequeño abre la ventana / El golpe de estado abrió la década.

b) La década se abrió con el golpe de estado y se cierra con la persistencia de los socialistas.

Para fins explicativos desconsideraremos a primeira construção de (2.6a); nos interessa neste estudo, a segunda construção de (2.7a).

Considerando que o Aspecto verbal seja o mesmo nas duas construções, (2.7b) será interpretada a partir de um processo resultante da segunda construção de (2.7a), do qual decorrem três fatores léxicos:

(2.8)

i) em (2.7b) ocorre o “apagamento” do sujeito sintático *el golpe de estado* de (2.7a);

ii) o complemento *la década* é demovido da função de objeto sintático de (2.7a) e se converte no sujeito sintático, em (2.7b);

iii) aparece o clítico <se>, em (2.7b).

Em outras palavras, (2.7b) é resultante da demissão da sentença *El golpe de estado* da função de sujeito sintático de (2.7a); em (2.7a) há, também, a demissão do complemento *la década* da função de objeto sintático, ao mesmo em tempo que ocorre sua promoção a sujeito em (2.7b) – ou seja, o complemento *la década* perde a função sintática de objeto de (2.7a) e assume a função sintática de sujeito em (2.7b). Ao processo sintático do verbo transitivo *abrir* “perder” o complemento objeto, chamaremos *destransitivização*.⁴⁸

Observe-se que para que a destransitivização se concretize é necessária a presença do clítico <se> no processo. A ausência do clítico <se> nestas construções acarretaria ambigüidade ou dubiedade interpretativa. Podemos observar, portanto, que o clítico <se> é quem arremata este processo, principalmente em espanhol, no sentido de que é o responsável por atribuir sentido à construção⁴⁹.

Em suma, o fato de não haver sintaticamente expresso um complemento em (2.5a) e (2.6b) nos leva à seguinte conclusão: os verbos transitivos *estudiar* e *abrir*, faltando-lhes o complemento objeto de regência estão, sintaticamente, *destransitivizados* em (2.5a), (2.6b) e (2.7b). Para Mendikoetxea (1999b), porém, tais verbos não deixam de ser transitivos uma vez que - no nível semântico-pragmático - requerem a existência de um complemento objeto com o qual possam manter uma relação semântica argumental. Portanto, a destransitivização verbal ocorre no nível sintático apenas, jamais no nível

⁴⁸ O termo foi retirado de Mendikoetxea (1999b).

⁴⁹ De acordo com De Miguel & Lagunilla (1999) o <se> constitui um operador aspectual de natureza quantificacional, enfocador de uma fase do evento denotado pelo predicado em que aparece

semântico, sendo que o clítico <se> é elemento chave do processo, no sentido de que atribui significação a (2.6b).

2.3.2.1. Dois tipos de verbos intransitivos

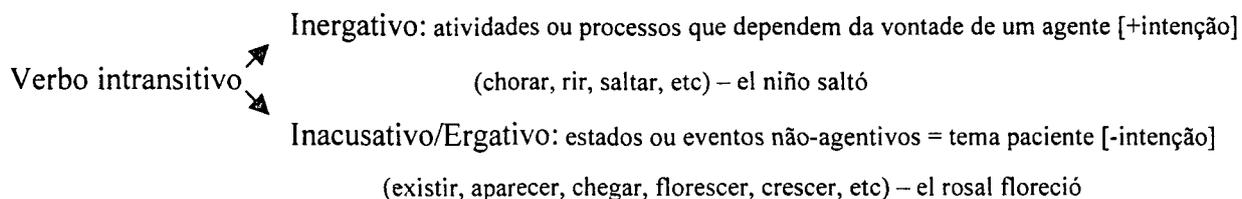
Para explicar o processo de de-transitivização dos verbos *estudiar* em (2.5a) e *abrir* em (2.6b), faremos uso da teoria do Caso abstrato. Burzio (1986, apud Levin, 1987), baseado na Hipótese de Inacusatividade de Perlmutter (1978, apud Mendikoetxea, 1999a), idealizou uma aproximação teórica do Caso abstrato, a qual ficou conhecida na literatura como *Generalização de Burzio* (GB). A GB postula que todas as línguas naturais são, morfologicamente ou não, marcadas por Caso e que um verbo só atribui papel temático a seu sujeito se atribuir Caso a seu objeto.

Em (2.4a) e (2.6a) os verbos transitivos *estudiar* e *abrir* atribuem Caso nominativo aos sujeitos *mi abuelo materno* e ao *al pequeño*, respectivamente, e Caso acusativo aos complementos objeto *la carrera de ingeniería* e *la ventana*, processo que não se verifica em (2.5a) e (2.6b), porque não existe sintaticamente expresso um complemento objeto para atribuir Caso acusativo. Mendikoetxea (1999a), postula que a impossibilidade de marcação de Caso acusativo pelos verbos do tipo *estudiar* e *abrir* nas construções acima, permite alternância interpretativa destes com os verbos ditos *inacusativos*.

Para a autora (1999a), a GB tem os verbos intransitivos como uma classe heterogênea e com distintas propriedades sintático-semânticas, dividida em duas subclasses: a dos verbos *inergativos* e a dos *inacusativos* ou *ergativos*⁵⁰, conforme esquematizamos abaixo:

⁵⁰ A diferença entre verbo intransitivo-inergativo e ergativo é que o primeiro não possui complemento paciente, só sujeito agente; o ergativo não possui sujeito agente, só complemento paciente.

Esquema 1



Segundo a autora, os inergativos denotam atividades ou processos que dependem da vontade de um agente, enquanto que os ergativos denotam estados ou eventos não-agentivos, cujo único argumento se interpreta como o elemento em que se produz ou manifesta a eventualidade que denota o verbo: isto é, o argumento deste verbo é um tema/paciente.

Reproduziremos abaixo as construções (2.5a) e (2.6b) para melhor aclarar o conceito de detransitivização e de ergatividade.⁵¹

(2.9)

a) Ya me dirá usted. *¿Dónde estudió usted?* Yo aquí, en Madrid, en el colegio de las teresianas y en fin, ya antes de la guerra, iba a este colegio (81, Mujer de 42 años, Canal = cara a cara).

b) [...] hombre, yo creo que *la década se abrió con el golpe de estado y se cierra con la persistencia de los socialistas* en el poder[...] (89, TVE 1, Entrevistas).

A detransitivização se alinha à ergatividade no sentido de que ambas apresentam um processo sintático em que o sujeito sintático é interpretado como tema-paciente afetado ou não. Desta maneira, se interpreta *estudiar* em (2.5a) como *inergativo*, porque há um sujeito agente-experienciador, enquanto que *abrir* em (2.6b) se interpreta como *ergativo*, uma vez que o sujeito sintático *la ventana* é o tema/paciente, sobre o qual se

⁵¹ Veja-se que, segundo a autora, a interpretação ergativa implica o traço [-intenção]

manifesta o evento. Para entender melhor este o conceito de ergatividade vejamos as seguintes construções:

(2.10)

a) recuerdo una tarde aciaga, aquí, en Madrid, en la que *un espectador saltó a la arena* con la entrada en la mano y llegó a agredir a Curro Romero, (91, TV 1, Magazines).

b) [...] son toda una serie de hallazgos cerámicos que estamos todavía estudiando de *un barco* del siglo dieciséis italiano *que se hundió* en el estrecho de Gibraltar [...] (91, Madrid, Canal = cara a cara).

Observe que em (2.10a) está implícito a idéia de que a atividade de *saltar* denota uma intenção, uma vontade, de um sujeito sintático e semântico marcado com o traço [+agente]. Neste caso há coincidência entre sujeito sintático e sujeito semântico. O verbo, portanto, é intransitivo-inerativo - há um sujeito sintático que é ao mesmo tempo agente semântico.

Em (2.10b), por outro lado, há um sujeito sintático de um verbo inacusativo/ergativo que não é o sujeito agente. Portanto, *un barco* de *un barco que se hundió* detém o papel de sujeito sintático, mas não o de sujeito semântico. Este sujeito sintático *un barco* é o objeto semântico do verbo transitivo *hundir* (afundar) que está sintaticamente destransitivizado, mas não o está semanticamente.

2.3.2.2 – Um paralelo ao caso brasileiro

Ainda que não faça parte desse nosso estudo analisar o clítico <se> no PB, como docente de língua espanhola cremos de suma importância abriremos um parêntese neste capítulo por entendermos que esta análise, ainda que superficialmente, contribuirá para que compreendamos melhor as duas línguas. Neste item 2.3.2.2, abordaremos o controverso paradigma que trata da concordância expressa no par (2.11), existente tanto

em PB quanto em espanhol. Nossa análise visa apenas dar uma contribuição interpretativa ao caso, uma vez que o tema é lingüisticamente polêmico.

(2.11)

a) Vendem-se casas

b) Vende-se casas

Duarte (1993), ao estudar o <se> no PB, corrobora as afirmações feitas nos parágrafos anteriores sobre as estruturas intransitivas investigadas por Burzio (apud Mendikoetxea (1999a) e Levin, (1987)), nas quais se encaixam construções sintáticas como (2.9a) e (2.9b). Segundo Duarte, Burzio denominou esse grupo de construções tais como (16a) e (16b) de estruturas *ergativas* e postulou a hipótese ergativa, na qual as estruturas ergativas diferem das intransitivas em duas propriedades específicas: (i) só exibem uma posição temática, a de objeto direto, (ii) o objeto direto não recebe Caso do verbo ergativo.

Em contrapartida, em construções como (2.10b) notamos a presença de um SN na posição do sujeito sintático e um verbo, que em princípio, é semanticamente transitivo, ainda que possa denotar uma falsa reflexividade (veja-se capítulo III). Ocorre, porém, como visto anteriormente, que na hipótese ergativa de Burzio este sintagma na posição de sujeito não pode ser interpretado como sujeito semântico, sujeito agente. Veja-se que ocorre neste tipo de construção um processo sintático que modifica a relação transitiva do verbo, relação que chamamos destransitivização.

Assim, de acordo com a teoria burziana, em (2.6a) o verbo transitivo *abrir* seleciona *el pequeño* como sujeito agente e o complemento *la ventana* como tema paciente, atribuindo a estes, Caso nominativo e acusativo, respectivamente. Já em (2.6b), o mesmo verbo não selecionam nenhum argumento agente, embora haja sintaticamente presente o SN *la década*, que é interpretado como tema/paciente, sobre o qual se manifesta a eventualidade do verbo. Portanto, em (2.6b) não há atribuição de Caso acusativo, passando o verbo *abrir* a caracterizar-se, dentro da teoria burziana, como verbo

inacusativo ou ergativo. Mesmo que este sintagma *la década* aparecesse na posição pós-verbal, a atribuição de Caso e papel temático estaria incompleta, conforme se vê neste exemplo:

(2.12)
Se cerró la puerta

As construções de (2.9), que na Teoria de Burzio são ergativas no sentido de que não atribuem Caso ao sintagma posposto porque não podem atribuir papel temático ao argumento externo, apresentam, segundo Duarte, um problema para a Teoria do Caso: não há atribuição de Caso, via cadeia expletiva, porque não há concordância com o sintagma posposto. Mas como este tipo de construção é perfeitamente corrente tanto no PB quanto em espanhol, é de se supor que recebem Caso do verbo ergativo.

Por outro lado, Duarte (1993) enfatiza que no PB a concordância entre o verbo e o SN pós-verbal, analisado como sujeito posposto apresenta tendências de enfraquecimento, principalmente na linguagem coloquial e informal, como se observa nas construções de (2.11), do PB, as quais reproduzimos abaixo:

(2.13)
a) Vendem-se casas
b) Vende-se casas

O enfraquecimento no PB se deve a que os falantes não sentem os sintagmas nominais pospostos como sujeito, mas sim como objeto.⁵² Menon (1993, p. 172) considera que para que ocorra essa interpretação, o falante utiliza o método tradicional de identificação do sujeito, que consiste em perguntar “quem vende casas”? obtendo como resposta “se”, equivalente a “alguém”, “qualquer um”, “um organismo”.

⁵² Para o PB, veja-se Galves (1996), Nunes (1991) e Menon (1993). Para o espanhol, veja-se Mendikoetxea (1999a).

Duarte entende que para o PB sempre que a posição inicial canônica de sujeito se encontra vazia, os falantes têm dúvidas sobre a função do SN pós-verbal. Para o autor, apenas dois tipos de sintagmas podem aparecer livremente em posição posposta ao verbo: o sujeito de construção passiva e o de verbo ergativo.⁵³ Do exposto acima enfatizamos que a interpretação de sujeito ou de objeto posposto diz respeito apenas à transitividade sintática.

Nunes (1991), ao estudar o percurso diacrônico do clítico <se> em PB, explica que sintaticamente em (2.13a) o clítico <se> absorve o papel temático do argumento externo e caso acusativo e o SN *casas* é detentor do papel temático do argumento interno e recebe caso nominativo via cadeia com o expletivo que ocupa a posição de sujeito. Para (2.13b), o autor observa que há na posição de sujeito um pronome referencial *pro*, que é indeterminado pelo clítico <se>; o SN *casas* continua detendo o papel temático do argumento interno, recebendo agora caso acusativo. De acordo com Nunes, então, (2.13a-b) estariam assim representadas:

(2.14)

a) (expl)	alugam-se	casas
	θ_e /Acc	θ_i /Nom
b) pro	aluga-se	casas
	θ_e	θ_i
	indet.	Acc

Onde θ_e representa o papel temático reservado ao argumento externo, θ_i representa o papel temático reservado ao argumento interno e θ_0 representa a ausência de absorção de papel temático. No entanto, neste estudo não é nosso objetivo o aprofundamento desta análise, não no sentido sintático; as orações nos interessam pela interpretação semântica, conforme veremos no capítulo IV.

⁵³ A conclusão em Duarte sobre a anteposição ou posposição de um sintagma nominal se dar livremente no PB se deve ao fato de que a inversão funcional do sintagma nominal estar limitada aos verbos marcados [-transitivo], quais sejam os intransitivos, passivos e ergativos.

2.3.2.3. A detransitivização nas Gramáticas Tradicionais espanhola e brasileira

Como vimos anteriormente, o processo de detransitivização ocorre em função do clítico <se>, no sentido de que este clítico marca todos os casos em que um verbo transitivo passa a caracterizar-se como um verbo intransitivo/ergativo. Mendikoetxea (1999b), confirma nossa hipótese ao afirmar que “Se podría decir [...] que *se* es un elemento ‘intransitivizante’, o una marca de que un verbo transitivo aparece en una oración intransitiva” (p. 1651).

Dito de outra maneira, e paralelizando o processo com o PB, teríamos que no espanhol a detransitivização é “gramaticalizada” pelo clítico <se> uma vez que é impossível a formação de sentenças como (2.9b) e (2.10b) sem o clítico <se>. No PB, por outro lado, o processo de detransitivização empregando-se o clítico <se> apresenta tendências de enfraquecimento acentuado, conforme vimos em Duarte (op cit) e Menon (op cit). De acordo com Galves (1987) e Nunes (1991), podemos observar que o processo detransitivizante no PB se realiza independentemente de ter ou não marcação morfológica - a presença do <se> - como se verifica nas construções abaixo:

(2.15)	espanhol	português
	a) la pierna de la mesa se rompió	a perna da mesa (se) quebrou
	b) la puerta se abrió	a porta (se) abriu
	c) el barco se hundió	o barco (se) afundou
	d) el bosque se quemó	o bosque (se) incendiou
	e) la niña se vistió	a menina se vestiu.

Reiteramos que para o espanhol, o <se> é elemento chave no processo detransitivizante enquanto que no PB o <se> pode ou não aparecer marcado no processo. Nos chama a atenção o fato de que em (2.15e) o clítico <se> não pode estar ausente nas duas línguas sob condição da sentença se tornar agramatical. Esta construção só não seria agramatical se houvesse o preenchimento de um sintagma lexicalizado na posição de objeto: a menina vestiu *a blusa*. Nos parece que a condição do clítico <se> aparecer

lexicalizado, como em (2.15e), está associada às propriedades do sujeito com o traço [+agentivo e +animado]. Estudaremos este caso no capítulo III, que trata da reflexividade.

Retomando (2.9a) e (2.9b), ao referenciarmo-las sob a ótica da transitividade sintática, temos um paradigma a resolver já que a GT, de ambas as línguas, não dá conta do caso: a noção de verbo transitivo e intransitivo está referenciada à clássica oposição que classifica o primeiro como o verbo que exige objeto direto e o segundo como verbo que não exige objeto direto, como visto anteriormente.

A dificuldade da gramática tradicional em resolver casos como os de (2.9a-b) se deve a que a transitividade/intransitividade ser analisada sob o prisma de implicar presença ou ausência de objeto direto na sentença. Para Perini (1998), a distinção dos termos acima estaria referenciada a certas propriedades de alguns verbos e, em consequência, da relação contextual em que estes verbos podem, ou não, ocorrer.

O autor, no entanto, ao abordar transitividade não consegue se desvencilhar dos conceitos tradicionais e, com efeito, insere uma terceira opção de análise para acomodar o caso acima. Nesta terceira via criada por Perini, os verbos *estudar* e *abrir* de (2.9) seriam transitivos quando ocorressem com objeto direto e intransitivo quando ocorressem sem objeto direto. Para o autor, a transitividade verbal é marcada a partir da combinação da função sintática OD - exigência, recusa ou livre ocorrência – com as funções complemento do predicado, predicativo e adjunto circunstancial.

Para o caso de que o verbo possa ter livre ocorrência, como quer Perini, a interpretação de (2.9a-b) se viabiliza pela pragmática, através de certas regras da comunicação, as chamadas “máximas da conversação”. Para o autor, a máxima em (2.9) é de que quando uma afirmação é altamente previsível, não é necessário explicitá-la. No entanto, percebemos que a explicação cabal dos fenômenos observados pelo autor precisa lançar mão de todos os componentes, lingüísticos e não-lingüísticos.

Do ponto de vista da transitividade, Moura Neves (2000), considera que a mesma se dá na especificação dos complementos verbais, uma vez que à relação transitiva está

implicada a valência verbal⁵⁴, isto é, a capacidade de os verbos abrirem casas para preenchimento por termos (sujeito e complemento), compondo-se a estrutura argumental. A valência verbal descrita por Moura Neves para compor a estrutura sintática argumental, igualmente não dá conta de (2.9a-b) - considerando que a teoria da autora abarca o nível sintático: destransitivização.

Em conclusão, grosso modo, neste nosso estudo entendemos que, sintaticamente, o processo ergativo exclui o acusativo ao processar a destransitivização de um verbo transitivo através do clítico <se>. Na língua espanhola, a destransitivização é marcada gramaticalmente no sentido de que exige a participação do clítico <se> no evento, enquanto que no PB, o processo é vago, ou seja, pode ou não se dar na presença do clítico <se>.

2.4. A questão da agentividade⁵⁵

O conceito de ergatividade tradicionalmente aparece ligado aos estudos de Dixon (apud Levin, 1987; Mendikoetxea, 1999; Holmer, 2001) sobre a língua australiana Dyirbal, língua que se caracteriza por apresentar como principal propriedade lingüística a relação ergativa de um elemento que é sempre paciente, como se observa abaixo:

(2.16)
 Numa yabu-Ng bura-n
 El padre la madre vio
 ABS ERG NÃO FUTURO
 Literal: la madre vio al padre

No Dyirbal, o sujeito sintático *el padre* é marcado com Caso Absolutivo e recebe o papel semântico de *paciente* enquanto que o complemento objeto *la madre* recebe Caso Ergativo e papel semântico de *agente*.

⁵⁴ Veja-se Busse & Vilela (1986).

⁵⁵ Este traço semântico será imprescindível para a interpretação de reflexividade, a qual trataremos no capítulo III.

Seguindo a interpretação do sistema ergativo, que se caracteriza por expressar o agente do processo – marcá-lo com Caso ergativo -, Levin (1987), ao estudar a relação da construção média com a ergatividade na língua Dyirbal, apresenta um modelo de análise construído em cima da proposta ergativa de Marantz (1984). A postulação de Marantz (apud Levin) diz respeito à relação agente/paciente de uma sentença nas línguas acusativas em paralelo com as línguas ergativas. Essa relação é definida por Marantz como “Hipótese da Ergatividade”, a qual representamos abaixo:

(2.17)

The Ergativity Hypothesis

Accusative language

agent-D-subject

patient-D-object

Ergative language

agent-D-object

patient-D-subject

Como podemos notar a Hipótese de Ergatividade de Marantz está fundamentada nos níveis de representação lingüísticos sintático-semânticos postulados na Teoria de Princípios e Parâmetros de Chomsky (1957): D-structure (DS) - estrutura profunda - e S-structure (SS) - estrutura superficial. A interpretação apresentada por Marantz em (2.17) nos diz que em DS, para as línguas acusativas, o papel de agente é atribuído ao elemento que assume a função de sujeito e que o papel de paciente é atribuído ao elemento que assume a função de paciente. Nas línguas ergativas o contraste é feito pela associação reversa: o elemento que assume a função de sujeito recebe papel de paciente enquanto que o elemento que assume a função de objeto recebe papel de agente.

A partir dos dois níveis de representação sintática, DS e SS, podemos estabelecer uma interpretação para os elementos que assumem os papéis de *agente* e de *paciente* de uma relação verbal das línguas acusativas, como a espanhola e portuguesa brasileira (PB). Considerando as construções abaixo, temos:

(2.18)

- a) La mujer compró el coche
- b) El coche fue comprado por la mujer

Na construção ativa (2.18a), o sintagma *la mujer* é o S-sujeito (sujeito sintático) da oração enquanto que *el coche* é o S-objeto (objeto sintático), na estrutura sintática SS. Em contraparte, na passiva perifrástica temos que o S-sujeito sintático *el coche* detém a mesma relação semântica atribuída a ele na construção (2.18a), ou seja, *el coche* detém o papel semântico de tema/paciente do evento em ambas as construções, enquanto que a interpretação do papel semântico de agente é atribuída ao sintagma *la mujer*, igualmente nas duas situações. Entendemos neste nosso estudo que a interpretação semântica dos elementos de (2.18a-b) ocorre na estrutura profunda DS, correspondendo à mesma relação semântica do verbo *comprar*.

Assim, observamos que a interpretação de (2.18) ocorre na DS, porque *el coche* detém o mesmo papel semântico nas duas construções. Temos, então, que o S-sujeito da construção passiva corresponde ao D-objeto da construção ativa. Por outro lado, na ativa temos que o S-sujeito é igual ao D-sujeito e S-objeto é o D-objeto, ou seja, ambos os elementos mantêm a mesma relação semântica.

Portanto, se deve observar a correspondência sintático-semântica entre as estruturas:

- i) Ativa: S-sujeito e D-sujeito = Agente
 S-objeto e D-objeto = Paciente do evento
- ii) Passiva: S-sujeito = D-objeto da ativa = Paciente do evento
 D-sujeito da ativa = Agente nas duas construções

Então, podemos concluir que a relação denotada pelo evento está relacionada à agentividade, sendo que esta propriedade léxica é marcadamente dependente de alguns traços lingüísticos.

Dowty (1979), ao abordar a agentividade de uma sentença, postula que esta está relacionada aos traços [+ animado] e [+humano] e é dependente de outros fatores lingüísticos, tais como, [+intenção]. Dowty, propõe distinguir a agentividade através de um teste sintático-semântico, no qual se oporiam verbos estativos de não-estativos, com o uso do operador agentivo inglês DO, conforme abaixo.

(2.19)

A sentence contains an *agent* if

- (i) it can occur as complement of *persuade*, *command*, causative *have*.
- (ii) it can have an instrumental phrase.
- (iii) intentional adverbs can be added to the sentence.
- (iv) it can occur as an imperative. (DOWTY, 1979, p. 112)

De acordo com (i) acima, a agentividade é característica de verbos não-estativos e pode nunca ocorrer em contextos agentivos com achievements causativos, tais como as sentenças abaixo. Note-se que a agentividade, no sentido de “causar”, não funciona com esta categoria verbal:

(2.20)

- a. # Harry persuaded John to recognize his long-lost brother in the crowd.
- b. # Harry ordered John to detect a strong odor in the room.

(2.21)

- a. #John deliberately recognized his long-lost brother in the crowd.
- b. #John carefully detected a strange odor in the room.

Observe que (2.21) atende ao item “iii” do teste dowtyano (2.19), com a presença dos advérbios *deliberately* e *carefully* que marcam a intencionalidade do agente [+intenção]. O interessante, como visto acima, é que com esta categoria verbal o teste dowtyano não funciona, devido à semântica do verbo.

Que a agentividade é característica de verbos não estativos pode ser comprovada pelas sentenças dowtyanas abaixo⁵⁶:

(2.22) John is being polite
 careful
 a hero
 an obnoxious bastard

(2.23) John is polite
 careful
 a hero
 an obnoxious bastard

Em (2.22) Dowty afirma que uma propriedade individual do sujeito está evidenciada em um dado momento [- durativo], portanto a ação aspectual é momentânea, o que denota o caráter agentivo de John (registro não-estativo). Já em (2.23), é evidenciado uma experiência individual de John o que implica dizer que denota uma propriedade aspectual mais permanente [+ durativa] do sujeito John, ou seja, um registro estativo, daí a não-agentividade de John.

Portanto, a agentividade não se manifesta em verbos *estado*. Já em

(2.24)
Martín odia coliflor

o sujeito *Martín* não é logicamente interpretado nem como agente nem paciente, senão como experienciador, conforme Campos (op. cit).

O autor enfatiza que a agentividade em certos accomplishments pode ser ambígua entre um registro intencional (proposital) e não-intencional (acidental). Em

(2.25)
John cut his arm

⁵⁶ Veja-se que a agentividade diz respeito à dinamicidade verbal, conforme Mendikoetxea (1999b).

LITERAL: John cortou seu braço
ES: John se cortó el brazo

pode descrever tanto um evento acidental como um proposital.

Observamos que a questão de intencionalidade ou não do sujeito agente ser manifesta nestas construções se liga à reflexividade. No próximo capítulo passaremos revista sobre a reflexividade, caracterizando as construções com <se> a partir de propriedades não só sintáticas, mas principalmente semânticas.

2.5. Conclusão

Do ponto de vista sintático-semântico, o processo de de-transitivização é o principal fator que obscurece o entendimento da conceituação do temo “sujeito”, que os gramáticos tradicionais fazem referência, no momento de definir orações de clítico <se>. Este processo é um feito sintático, porque semanticamente o verbo continua, num nível abstrato de interpretação, fazendo referência a um argumento objeto semântico, ou seja, a um objeto semântico. Muitos autores tratam o verbo de objeto nulo como intransitivos. No entanto, semanticamente, o verbo continua transitivo.

CAPÍTULO III – UMA REFLEXÃO SOBRE A REFLEXIVIDADE

Neste capítulo faremos um paralelo da reflexividade da língua espanhola comparando algumas construções reflexivas de clítico <se>, com suas correspondentes portuguesas brasileiras. Não significa, entretanto, que nosso foco seja a reflexividade do PB; nosso objetivo primeiro neste capítulo é refletir sobre a reflexividade espanhola e depois traçar um paralelo lingüístico dessas construções espanholas com as do PB, no intuito de descrever como se dá o processo de interpretação da reflexividade nas duas línguas a partir da seguinte construção do PB:

(3.1)
O *Ahmed* entrou na linha de tiros dos americanos em Bagdá e *se feriu*⁵⁷

Nortearmos nosso estudo com base no texto de Otero *Pronombres reflexivos y recíprocos*, retirado da *Gramática descriptiva de la lengua española*, elaborada por Ignacio Bosque e Violeta Desmonte (Madrid, Espasa, 1999).

Antes, porém, de entrarmos propriamente na análise das construções reflexivas é preciso que coloquemos em pauta, a discussão de dois termos que raramente têm merecido a devida atenção por parte dos gramáticos: *sí* e *mism-*.

3.1. O reflexivo *sí* espanhol

O reflexivo *sí* por estar vazio de conteúdo significativo fica a mercê de alguma outra palavra da qual possa cobrar sentido. Em termos gramaticais, *sí* remete anaforicamente a um antecedente, ou seja, depende de uma antecedente para adquirir

⁵⁷ Esta construção foi proferida pelo professor Doutor da UFPR José Borges, quando da apreciação do pré-projeto que deu origem a este nosso estudo.

valor interpretativo. Esta dependência a um antecedente é, sem dúvida, a propriedade mais singular e definitória de anáfora, conforme podemos ver no seguinte fragmento, retirado do corpus da RAE:

(3.2)

Este hombre, que sabe tanto de la voluntad de estilo, cree en *un pueblo como el nuestro que no siempre posee la confianza en sí mismo* que tan bien le vendría (96, Cadena Ser, Magacines).

Na lingüística textual a relação de dependência entre dois termos remete sempre a um referente endofórico, ou seja, remete sempre a uma entidade elementar dentro do texto. Esta relação endofórica ocorre de duas maneiras no texto: pela anáfora ou pela catáfora. A diferença entre os dois termos é somente de direção – uma expressão anafórica diz respeito a uma palavra que está atrás, ou melhor, a algo que já foi mencionado no texto; a catáfora, por sua vez, marca direção oposta à anáfora e a relação remete a uma palavra adiante, a algo ainda não mencionado no texto. Neste estudo, por questões óbvias, nos interessará somente a anáfora.

Para a RAE (§ 2.5.1b), anáfora designa a relação entre uma palavra ou frase de qualquer tipo e outra palavra ou frase anterior, como quando uma palavra ou frase remete ao que se acaba de anunciar. Assim, tanto as construções reflexivas como as recíprocas são anafóricas no sentido lato.

Observe-se que, de acordo com os conceitos de anáfora acima, o antecedente de (3.2) *un pueblo como el nuestro* mantém uma relação de dependência anafórica com o subsequente *sí mismo*.

Antes de seguirmos com a análise de *sí*, perguntamos: seria realmente necessário a presença do adjetivo *mismo* no texto ou sem ele a interpretação ficaria comprometida? Para respondermos a esta e outras questões analisemos o *sí*.

O reflexivo *sí* espanhol tem valor correspondente ao *si* (de *si mesmo*) do PB. Este reflexivo *sí*, é um elemento gramatical - pronome –, como dissemos anteriormente, vazio de significação, assim como o clítico reflexivo <se>, o quer dizer que não é masculino nem feminino, não é plural nem singular; podemos até dizer que *sí* é um pronome neutro.

E é justamente essa falta de conteúdo significativo que confere a ele a dependência e a necessidade de outros elementos textuais que lhe atribuam, de alguma maneira, “significação” e, por conseguinte, significado ao texto. Por isso, tanto o reflexivo *sí* quanto o reflexivo <se> não podem ser chamados de pronomes pessoais. São pronomes de “não-pessoa” (cf. Otero, 1999) porque podem referir-se a várias pessoas do discurso, exceptuando-se, claro, as de primeira e de segunda pessoas.

Veamos o que acabamos de afirmar nos parágrafos anteriores, no seguinte fragmento da RAE:

(3.3)

Sus pivots han estado muy bien, los tiradores al final han representado lo que eran, todo el mundo preguntaba se dirigía hacia nosotros consultándonos si Epi estaba jugando siempre así. Nosotros pensábamos que *Epi podía dar más de sí*. (91, Televisión, Revistas deportivas).

De acordo com os conceitos de anáfora acima, depreendemos deste fragmento que o elemento *Epi* é o antecedente anafórico que mantém uma relação de dependência com o antecedido *sí*. O *sí* depende dessa relação anafórica para adquirir valor conotativo para, só, então, a oração adquirir sentido, numa relação de dependência composicional.

Numa relação anafórica, então, o antecedente se liga ao antecedido para dar significação ao texto. O antecedente funciona como um elemento (ligador) que se liga a outro elemento antecedido (ligado) em uma relação anafórica (de ligamento). Observe-se que a relação de dependência anafórica de *sí* se manifesta como um princípio de complementaridade composicional de uma “rede” semântica.

As expressões anafóricas reflexivas espanholas, sem o clítico <se>, podem ser simples (com *sí*) ou composta (com *sí mismo*, as quais veremos mais adiante). O *sí* castelhano é um elemento que possui caso oblíquo e por isso ocorre sempre em posições que aparece com uma preposição. Por ser um pronome de não-pessoa este reflexivo não pode referir-se (remeter) ao próprio falante ou ao interlocutor, ou seja, a um antecedente de primeira ou de segunda pessoa. No entanto, é comum na língua oral espanhola encontrarmos construções do tipo das que se seguem:

(3.4)

a) Porque una vez que que vamos a pedir dinero para hacerlo, puesto que se ha solicitado tantas veces y ya Sí, lo lo que pasa que que pensemos que esos tres millones de pesetas Nada. Si los tuviéramos que invertir nosotros y gastar *nosotros, darian mucho de sí* (91, Conversación entre profesores, Canal = cara a cara)

b) En la tele pues tocamos y bien hacemos un digamos un barrido, una especie de escáner por el cerebro de Manuel Vicent, dentro de lo posible, porque aquí Vamos. *Damos poco de sí.*(94, TVE 1, Magazines)

Otero (op cit) afirma que os casos de (3.4a) (nosotros) *darian mucho de sí* e (3.4b) (nosotros) *Damos poco de sí*, em que fica evidente a referência à primeira pessoa plural, se deve a que alguns falantes do castelhano encontram perfeitamente natural dizer coisas desse teor. Isto se deve também, principalmente, à generalização do uso de algumas locuções fixas de que dispõe a língua espanhola, tais como *fuera de sí, dar de sí, por sí y ante sí, dueño de sí, volver en sí, no las tiene consigo, etc.*

Outra propriedade definida por Otero é que o pronome *sí* não pode aparecer em construções copulativas, como **Carlo ya no era sí mismo* em lugar de *Carlo ya no era él mismo*. Já na impessoal o *sí* não desempenha o papel de pronome reflexivo de não-pessoa com sujeito indefinido [+humano], conforme vemos abaixo.

(3.5)

a) Aquí se habla siempre de{**sí* / uno}

b) (Aquí) se lava siempre a {** sí / *uno*} mismo

Observe que em (3.5a) a reflexividade não ocorre com *sí*, mas ocorre com *uno* que, embora sendo indefinido, detém o traço de pessoa (3^a)⁵⁸. Portanto, a construção de não-pessoa não aceita o *sí*; só aceita o *uno*, conforme se pode confirmar abaixo:

(3.6)
Se tiene vergüenza de **sí / uno*

Observe-se que quando *uno* remete a um sujeito semântico sobreentendido, implícito de não-pessoa, este sujeito não detém o mesmo sentido que *uno* (= *sí* reflexivo), ou seja, não são equivalentes porque não têm o mesmo valor semântico. Quando comparamos

(3.7)
a) Se tiene vergüenza de uno
b) Uno tiene vergüenza de uno

ainda que os dois elementos (<*se*> e *uno* na posição de sujeito semântico) sejam de não-pessoa marcada, vemos que estes elementos distam em muito de serem equivalentes, porque o *uno* da segunda construção implica uma experiência pessoal direta de um sujeito (in)definido, ao passo que na primeira construção o *se* de não-pessoa é vago (não remete a um alguém na multidão).

A forma verbal de não-pessoa é a única que é capaz de predicar algo e, por conseguinte, a única que permite expressar enunciados gerais. Observemos a seguinte construção:

(3.8)
Ø Pensar en *sí / uno* no es crimen

⁵⁸ Em PB, o *uno* se assemelha ao pronome pessoal definido *nós/a gente* ou ao indefinido *alguém*.

Depreende-se de (3.8) que o pronome tácito ou sobreentendido (implícito), representado pela categoria vazia “Ø”, tem especificações próprias - como a de definido, conforme Otero (op cit) - da qual *sí* se apropria em um ligamento anafórico. Otero, diz que neste caso o *sí* não necessita de um elemento antecedente, mas necessita sim de um elemento ligador; daí o termo *pronome reflexivo*. De acordo com o autor, o *sí* é um pronome reflexivo no sentido de que só pode formar parte de construções nas quais possa remeter a um antecedente ligador (o pronome tácito Ø desempenha o papel de ligador no caso acima).

Observa-se que a reflexividade pode ocorrer com antecedente de coisa [-animado] com *sí*, ao passo que não pode ocorrer com <se>, que requer um antecedente [+animado].

(3.9)
 ¿La política influye en el trabajo de hoy en día? La política influye en todo, *la política lo lleva todo detrás de sí* (96, Sociología, Canal = Cara a cara).

Existem casos em que o antecedente de *sí* é um pronome implícito situado dentro de uma cláusula mínima, que se entende/interpreta como idêntico a uma cláusula externa com a qual este está relacionado. Isto quer dizer que o reflexivo *sí* não tem dificuldades em encontrar um antecedente dentro do texto. Retomemos o núcleo reflexivo de (3.3) para refletir sobre o que aqui afirmamos:

(3.10)
 Nosotros pensábamos que *Epi podía* [Ø *dar más de sí*].

Otero (op cit) observa que neste caso o reflexivo *sí* vai buscar seu antecedente tácito dentro da cláusula mínima. A partir disto, Otero adota como hipótese a “Generalización A” para tornar abrangente e viável o que discutimos neste estudo.

(3.11)

Generalización A

Una expresión anafórica reflexiva (sí, por ejemplo) tiene que estar ‘ligada’ (por un antecedente) dentro de un dominio local del que forma parte, dominio que cabe identificar (provisionalmente) como la frase mínima que contiene un ligador en potencia. El antecedente de la expresión anafórica ha de tener mando de constituyente sobre la expresión reflexiva. (OTERO, 1999: p. 1458)⁵⁹

Para se entender esta Generalización A de Otero, confrontemos (3.10) com as construções “b” e “c”, emprestada de seu texto, as quais reproduzimos abaixo:

(3.12)

- a) Nosotros pensábamos que Epi podía [\emptyset dar más de *sí*].
- b) **La madre* de [Juan {1} nunca habla mal de *sí*{1}].
- c) Blas {1} encuentra divertidas [las historias de Ana {2} sobre *sí*{*1, 2}]

Aplicando a *Generalización A* de Otero às construções acima verificamos que: i) *sí* tem como antecedente o sujeito que modifica a frase preposicional na qual está incluído (*Ana* em (3.12c)); ii) *sí* tem como antecedente o sujeito da frase nominal na qual está incluída a frase preposicional da que forma parte (*La madre* em (3.12-b)) e iii) o antecedente de *sí* é um sujeito tácito de uma frase preposicional, correferente com uma frase nominal próxima na oração (\emptyset em (3.12a)).

3.2. O reflexivo *mismo*

Até este momento o *mismo*⁶⁰ não representou nenhum valor expressivo de reflexividade ou de identidade nas construções anteriores. As construções reflexivas sem

⁵⁹ A cláusula reduzida é, sintaticamente, uma proposição sem verbo e pode ser considerada um atributo da oração.

⁶⁰ Segundo Otero, o termo *mismo* deriva do latim vulgar *medipsimus*, combinação do vulgar *ipsimus*, forma enfática de *ipse* (ele mesmo, ele próprio) com *meti* – que se coloca nos pronomes pessoais para reforçar o sentido.

o modificador *mismo* não são menos reflexivas que as que o contém. Por que, então, este modificador acompanha o reflexivo *sí*?

Segundo Otero, a propriedade mais importante de *mismo/a* é também a mais óbvia: a forma *mismo/a* é um adjetivo. Por sua significação, é um adjetivo que expressa uma relação (similar e igual) na qual se reforça o sentido de *sí*, enfatizando-o.

Por outro lado, observe-se que o adjetivo *mismo/a* altera de modo significativo o sentido de um texto quando precede ou antecede ao SN:

(3.13)

- a) Madre Teresa de Calcuta fue la caridad *misma*
- b) Madre Teresa de Calcuta fue la *misma* caridad

Note-se que em (3.13a), a conotação de *misma* atribui a *caridad* um caráter personificador, no sentido de que *Madre Teresa foi a caridade “em pessoa”*, ou seja, uma pessoa que representou a *caridad*. Em (3.13b), a acepção semântica é vaga, não tem sentido. Esta construção só teria sentido nalgum contexto que representasse, por exemplo, a caridade de um correferente catafórico, como *Madre Teresa representó la misma caridad del pueblo indio*. Otero diz que em (3.13a), o *misma* – sem pronome correferente expreso – modifica, não o nome/adjetivo, mas a frase inteira que o antecede imediatamente.

3.3. Expressões anafóricas reflexivas com e sem o clítico <se>

3.3.1. A reflexividade espanhola

O conceito de reflexivo que adotamos para o <se> neste capítulo não é o mesmo que Otero adota para *sí* e para *mismo*. A diferença básica está em duas propriedades

semânticas do sujeito: [+ animado] e [+agente]⁶¹. Portanto, nossa concepção de reflexividade com <se> diz respeito à correferência, ou seja, à relação anafórica entre dois elementos: um antecedente e um referencialmente dependente/coindizados – com os traços semânticos acima.

Antes de partirmos para a interpretação de (3.1), observe-se a seguinte construção com o clítico <se>, emprestada de Otero:

(3.14)
La madre patria se vendió a sí misma a las transnacionales

De acordo com o autor, o aparecimento de <se> se deve a que o antecedente de *sí misma*, com quem o reflexivo <se> mantém uma relação de concordância anafórica, é o sujeito da oração, e o *sí misma* é o objeto. A explicação de Otero é de que,

[...] el *se* extrínsecamente reflexivo (el reflexivo en sentido estricto), motivado por razones puramente sintácticas, no parece ser más que una imagen inacentuada (clítica) redundante de un *sí* sobrentendido en posición de objeto (directo o indirecto) siempre que su antecedente sea el sujeto de la frase verbal extendida, imagen o reflejo que se puede ir o no ir acompañado de un pronombre pronunciado⁶² (OTERO, 1999, p. 1462).

Segundo o autor, a diferença entre expressões com *sí* reflexivo e o correspondente *mismo* está relacionada a matizes de significação e à prosódia. Já em orações com <se> e *sí*, sem o *mismo*, não parece ter o mesmo grau de aceitabilidade das que usam o *mismo*. Veja-se:

(3.15)
 Los estudiantes se cortaran el pelo a sí

⁶¹ Ainda que percebamos que existe um matiz sutil entre o significado de *la puerta se cerró* e *se cerró la puerta*, a primeira não será reflexiva pela característica destes dois traços semânticos.

⁶² De acordo com Otero, a relação de antecedência requer uma “identidade” de valor em uma estrutura hierárquica.

Veja-se que na oração acima o <se>, além de manter uma relação reflexiva anafórica com o sujeito, equivale a um complemento de posseção inalienável⁶³ do sujeito.

Veja-se, no entanto, que o uso do <se> reflexivo apresenta restrições relacionadas à transitividade:

(3.16)

- a) Martín se desafió (a sí mismo)
- b) Martín se suicidó (? a sí mismo)

Percebe-se das orações acima que esta restrição diz respeito ao nível sintático-semântico do verbo, uma vez que é a propriedade interna do verbo que restringe o reflexivo *a sí mismo*, e não o <se>: enquanto *desafiar* pode ser estendido a um elemento externo - *a Martín* -, *suicidarse* não pode. Ou seja, neste caso específico o <se> representa o correferente anafórico dos dois casos acima, com a diferença de que na primeira construção, a ausência do <se> exigiria um objeto externo não reflexivo, ao passo que na segunda, o verbo *suicidarse* não subsiste sem o <se>; daí a distribuição complementária com o *a sí mismo*.

Podemos pressupor que, de acordo com o que foi abordado no capítulo II sobre intransitividade e ergatividade, que a ergatividade é uma propriedade das orações reflexivas com <se>⁶⁴, conforme verificamos nas construções abaixo:

(3.17)

- a) La taza se rompió
- b) La puerta se cerró

⁶³ Posseção inalienável diz respeito a partes do corpo humano e é determinante da ocorrência da reflexividade (cf. Maldonado (1994)).

⁶⁴ O <se> encontra restrições temáticas também com *auto*: *Martín puede autoofrecerse um regalo*, mas dispensa o *a sí mismo*, fato que evita uma dupla redundância.

(3.18)

a) Martín se cortó

b) Martín se cortó el dedo

Observe-se que em (3.17) o <se> promove uma redução de valência nos verbos transitivos *romper* e *cerrar*, ou seja, o <se> converte um predicado transitivo em um predicado ergativo. A diferença entre (3.17) e (3.18) reside na propriedade semântica do sujeito de cada oração. Os sujeitos de (3.17) são marcados pelos traços [-animado], enquanto que os de (3.18), são marcados pelos traços [+animado]. Este traço distintivo, somado a outros, denotará a reflexividade dos dois exemplos: (3.17) não será reflexiva enquanto que (3.18) o será, conforme verificaremos mais adiante.

Assim, de acordo com o exposto acima, podemos pressupor que (3.18a) admite duas interpretações: uma ergativa e outra inergativa. Veja-se, também, que (3.18b) é sintaticamente e semanticamente idêntica a (3.15).

Na construção (3.18b) notamos que a relação reflexiva, predicada pelo verbo achievement *cortar*, entre *Martín* e *el dedo* é feita pelo clítico <se>. O clítico <se>, adjungido ao verbo *cortar*, é então quem atribui a *Martín* e a *dedo* a propriedade de interpretá-los como elementos co-referentes, ou seja, o clítico <se>, no espanhol, é quem faz a co-referência semântica entre o antecedente *Martín* e seu equivalente *o dedo*. Semanticamente, então, estes elementos portam o mesmo índice subjacente de co-referência a uma relação hierárquica anafórica.

3.3.2. A reflexividade em PB

Como neste capítulo fazemos um paralelo da reflexividade espanhola com a do PB, é interessante notar que em PB, a reflexividade se processa mesmo na ausência do clítico

reflexivo <se>. Para tanto, se retomarmos (3.18b), com a equivalente portuguesa brasileira, teremos:

- (3.19)
 a) Martín se cortó el dedo
 b) Martim cortou o dedo

Para que atribuamos uma interpretação reflexiva à (3.19b) temos que lançar mão, ademais da sintaxe, da pragmática do falante brasileiro.

Ainda que o princípio de Projeção Estendido (PPE) edite que “toda relação leva sujeito”, de acordo com Miotto et al (2000), existem, sintaticamente, quatro possibilidades de atribuição de argumentos aos verbos: i) verbos sem argumentos (chover, nevar), ii) verbos de um argumento (dormir, gritar), iii) verbos de dois argumentos (cortar, pintar) e iv) verbos de três argumentos (dar, comprar).

Assim, se tomarmos o verbo *dar* e com ele construirmos a sentença,

- (3.20)
 Leticia deu um presente a Martim

temos o preenchimento pleno da estrutura sintática argumental: um sujeito, um complemento (objeto) direto e um complemento (objeto) indireto.

Ao retomarmos (3.19a-b), Molina Redondo (1994) nos dá uma pista. Segundo o autor, “Las oraciones llamadas *reflexivas* presentan dos rasgos esenciales: i) el sujeto del verbo es al mismo tiempo objeto; ii) el sujeto es a la vez agente y paciente” (p. 39). A reflexividade em espanhol, segundo o autor, se caracteriza de duas maneiras: a) em função do objeto direto e b) em função do objeto indireto. Para o primeiro caso temos (3.18a) *Martin se cortó*.

Observemos que o verbo *lavar*, tanto em PB quanto em espanhol, pode ser reflexivo autêntico ou usado como transitivo. Se este verbo for analisado como transitivo a interpretação será de reflexiva.

(3.21)
Martín lavó a sí mismo

Observe-se que a reflexividade é concretizada pelo objeto direto *a si mismo*, satisfazendo os itens “a” e “b” de Redondo. A reflexividade não ocorreria se, para ambas as línguas, tivéssemos objetos como *el coche* ou *a su hermano*, respectivamente. No caso do uso do reflexivo autêntico o <se> é o elemento reflexivo da relação anafórica com um sujeito [+animado]

Para o segundo caso, o de que a reflexividade ocorre em função do objeto indireto, Molina Redondo escreve que “Cuando el verbo lleva objeto directo distinto del sujeto, el reflexivo sólo puede ser indirecto” (p. 40). Basta darmos uma olhada a (3.19a) para percebermos que temos lexicalizado o objeto direto *el dedo*, sintaticamente distinto do sujeito *Martín* (ainda que pragmaticamente saibamos que os dedos são de Martín). Neste caso, o reflexivo <se> corresponde ao objeto indireto a que se refere Molina Redondo no item “ii” acima.

3.4. A ergatividade nas reflexivas de clítico <se>

Considerando o exposto no capítulo II sobre destransitivização, considerando os estudos de Vendler e de Dowty e considerando a proposição da Hipótese de Ergatividade (HE) de Marantz, observemos as construções do PB e do espanhol abaixo:

(3.22)

- a) a janela fechou / la ventana se cerró
- b) Letícia se pintou / Letícia se pintó
- c) Martim levantou da cadeira / Martín se levantó de la silla

Das construções acima se verifica que enquanto no PB o processo destransitivizante já está consumado, sem o clítico <se> (pelo menos nas variedades faladas, inclusive as cultas) no espanhol, se exige a presença do clítico <se>.

Interpretamos que nessas construções, com algumas dúvidas sobre (3.22a), ocorre o processo reflexivo em ambas as línguas, por meio do processo ergativo, no sentido da HE (sujeito paciente). Observe-se que de acordo com o que verificamos no capítulo II, em (3.22a), o sintagma *a janela* assume a posição sintática de sujeito, com Caso nominativo.

De acordo com a Generalização de Burzio (GB), abordada no capítulo II, em (3.22b), se verifica que o clítico reflexivo <se> atribui - via cadeia - papel temático à posição que está ocupada com uma categoria vazia⁶⁵ expletiva *ec*, conforme abaixo:

(3.23)

Letícia se pintó *ec*

Observe-se que o clítico <se> satisfaz o Princípio de Projeção Estendido (PPE) - forma lógica de interpretação -, tornando-se a parte visível do Caso marcado, o Caso acusativo. Assim, a relação predicada pelo verbo destransitivizado *pintar* atribui à *Letícia mesma* o papel semântico de objeto, ou seja, sintático-semanticamente, Letícia além de ser sujeito é objeto e, ao mesmo tempo, agente e paciente. Através do clítico <se> o verbo *pintar* atribui ao objeto Letícia uma propriedade de co-referência semântica, com o sujeito Letícia. Em outras palavras, o verbo *pintar* rege o sujeito antecedente Letícia que porta o

⁶⁵ Pelo princípio de vinculação anafórico (cf. Miotto et al).

mesmo índice subjacente de co-referência que seu objeto equivalente (Letícia) numa relação hierárquica dentro da oração, conforme a Generalização A, de Otero.

Portanto, neste estudo, a relação semântica que nos permite interpretar um elemento antecedente como tendo uma relação de co-referência com seu equivalente, chamamos *reflexividade*.

O problema que nos salta aos olhos é como se interpreta a reflexividade do PB em (3.22c). Como se pode ver, nas construções espanholas há o clítico <se>, gramaticalmente lexicalizado, que permite atribuir ao sujeito uma relação de co-referência, ao passo que no PB não existe tal elemento que possa processar esta relação reflexiva. Uma análise mais pormenorizada desta construção nos leva a refletir que a reflexividade no PB parece ser dependente do tipo de verbo de-transitivizado e do tipo de objeto: (3.22c) é ambígua uma vez que Martim pode ter levantado um objeto externo ou ter levantado a si mesmo da cadeira.

Por outro lado, se retomarmos (3.18a), notamos que a reflexividade desta oração é indefinida ou genérica, uma vez que não faz menção ao elemento cortado. Porém, observamos que quando acrescentamos à oração o complemento objeto direto, como em (3.19) espanhola, a gramaticalidade se torna duvidosa no PB.

(3.24)
? Martim se cortou o dedo

É interessante notar que (3.24) é a forma corrente do espanhol. Já em (3.18a) a reflexividade em ambas as línguas será interpretada como segue:

(3.25)
Martim se cortou (a si mesmo)

Por outro lado, a interpretação reflexiva de (3.19b), em PB, ocorre não somente em função da semântica do verbo *cortar*, mas também pela semântica do objeto, já que Martim poderá cortar o cabelo, a barba, o dedo, uma árvore, o bolo ou uma folha de papel. Portanto, a reflexividade em (3.19b) ocorrerá pelas implicaturas e inferências da pragmática brasileira.

Observamos que se Martim corta elementos correspondentes ao corpo humano⁶⁶, a interpretação em PB é de que os “elementos cortados” são co-referentes ao próprio corpo de Martim, ou seja, a si mesmo, ao passo que se ele corta elementos externos, que não pertencem ao corpo humano, não haverá interpretação reflexiva, como se observa abaixo.

(3.26)

- a) Martim cortou o braço, o cabelo, a barba, o dedo, a mão. (interpretação reflexiva – a si mesmo)
- b) Martim cortou uma árvore, o bolo, uma folha, etc. (interpretação não reflexiva)

Em PB, para que não haja atribuição de reflexividade ao sujeito da sentença, se faz necessária a explicitação do complemento objeto:

(3.27)

Martim cortou o dedo/o braço *de Pedro*

Voltemos a (3.22a). Que interpretação será atribuída a esta sentença? Reflexiva ou não? De acordo com M. Redondo (1994), o sujeito sintático *a janela/la ventana* é ao mesmo tempo o objeto semântico, já que corresponde ao elemento fechado (que sofreu a ação do verbo). Porém, como o sujeito sintático *a janela* não detém o papel semântico de *agente*, a construção acima não pode ser interpretada como reflexiva, porque o sujeito sintático *a janela* não tem o traço semântico [+ animado].

⁶⁶ Veja-se nota 63

Se analisarmos (3.22) mais detalhadamente veremos que os únicos traços que distingue as orações são os traços [+ agente] e [+ animado]. Portanto, (3.22a) não poderá ter uma interpretação reflexiva porque o sujeito *a janela* não detém nenhum destes traços semânticos⁶⁷.

Semanticamente, podemos observar que existe uma certa relação de dependência do traço [+ agente] para o traço [+ animado], ou seja, para que haja o traço [+ agente] deverá obrigatoriamente existir o traço [+ animado]. Semântico-pragmaticamente, podemos acrescentar, ainda, à análise acima o traço [+ humano].

3.5. O dilema de Ahmed

Agora já temos subsídios suficientes para interpretarmos (3.1), na língua espanhola e em PB. Então vejamos:

(3.28)

a) *O Ahmed* entrou na linha de tiro dos americanos, em Bagdá, e *se feriu*.

b) *Ahmed* entró en la línea de tiro de los americanos en Bagdad y *se hirió*.

Para que interpretemos as construções acima, partiremos dos seguintes critérios sintático-semânticos, já citados no capítulo I, os quais retomamos a seguir:

(3.29)

a) se o agente da ação verbal se faz expresso ou não;

b) se o agente é humano ou não;

c) se o agente coincide com o sujeito gramatical da oração ou não;

d) se o sujeito e o objeto da oração são idênticos (mesma entidade lexical) ou não;

e) se o objeto gramatical é animado ou não;

f) se o objeto gramatical aparece preposicionado por “a” ou não.

⁶⁷ Segundo Molina Redondo (1994), Mendikoetxea (1999b), Maldonado (1994) e Otero (1999).

Antes, porém, de seguirmos com a análise, se faz necessário conceituarmos o termo *média*. Molina Redondo (1994) diz que *média* é “un término relacionado con la categoría gramatical de la voz (o *diátesis*), que sirve para indicar un determinado tipo de relación entre el verbo, el sujeto y el objeto de una oración”. Ou seja, a construção *média* se relaciona ao fato de que “cuando el sujeto – sea o no agente – es al mismo tiempo el objeto de la acción indicada por el verbo”.

Enfim, para efeitos deste nosso estudo, podemos definir que as características da construção *média* são: a destransitividade do verbo transitivo, a demissão do agente, a promoção de um não-agente a sujeito sintático ou tópico e a estativização do verbo.

Partindo-se das informações acima podemos especular a respeito das interpretações, em língua espanhola e PB, que delas se retiram de (3.28).

Em espanhol, a primeira interpretação é: se pressupusermos que o Ahmed entrou espontaneamente na linha de tiro dos americanos e com a intenção de ferir-se *a si mesmo* (com uma faca, uma pistola ou um fuzil, que ele mesmo carregava), o que caracteriza uma interpretação que o Ahmed é agente [+intenção] - (sujeito gramatical e semântico) que executa a ação sobre si mesmo (objeto sintático-semântico): a interpretação, em espanhol, será de *reflexiva*.

Por outro lado, se a atitude do Ahmed de entrar na linha de tiro dos americanos se deu de maneira voluntária, mas não tinha a intenção de se ferir, ou ainda, se ele não queria entrar, mas foi compelido por uma multidão a fazê-lo e ao estar na linha de tiro não tinha a intenção de se ferir, a interpretação será um tanto quanto controversa. É justamente neste ponto que o terreno começa se tornar “movediço”, porque estamos no limite de interpretação entre *reflexiva*, *passiva* e *média*.

Para fazermos uma interpretação coerente com a significação sentida pelo leitor/falante, ou pelo ouvinte, temos que lançar mão de outros recursos que não só a interpretação gramatical formal.

A solução não está nas características léxicas do verbo *ferir-se*, que tem um caráter naturalmente de reflexivo, o que já caracterizaria uma interpretação, grosso modo, como reflexiva. Neste caso, a interpretação espanhola, primeira, será de *média* se considerarmos que o Ahmed é sujeito gramatical e ao mesmo tempo *objeto* da ação denotada pelo verbo *ferir-se*. Segundo Molina Redondo, esta interpretação, depende se a ação é voluntária ou involuntária: sendo involuntária, a interpretação será de “*média*”⁶⁸.

Note-se que, a interpretação de (3.28) não se dá apenas no contexto formal. É preciso lançar mão das noções do contexto extralingüístico, e quiça, da pragmática.

Por outro viés, se interpretarmos que se o Ahmed entrou na linha de tiro sem querer [- intenção] e que ao estar na linha de tiro dos americanos ele se aproveitou da ocasião e atirou em si mesmo (digamos que para acusar os americanos de assassinato ou para receber um seguro de vida), a interpretação espanhola será de *reflexiva*: feriu-se voluntariamente [+agente] e [+intenção].

Veja-se que se considerarmos que o Ahmed é ao mesmo tempo sujeito agente e objeto paciente da ação verbal, conforme definido acima, (3.28b) jamais teria, em espanhol, uma interpretação *passiva*: seria interpretada, primeiramente, como *média* – se o Ahmed feriu-se sem a intenção de fazê-lo - ou *reflexiva* – se o Ahmed feriu-se com a intenção de fazê-lo a si mesmo.

No entanto, mesmo que o verbo *ferir-se* tenha sentido reflexivo por natureza, o falante/leitor brasileiro dificilmente interpreta (3.28a) como *média* ou *reflexiva*, porque, em PB, estas construções têm uso muito restrito. A interpretação mais natural – primeira - que o brasileiro faz de (3.28) é a que denota uma característica do Ahmed como sujeito sintático-semântico que “sofre” ou “recebe” a ação que é causada, ou praticada, por um agente externo: o Ahmed é “vítima” da linha de tiro dos americanos, ou seja, a

⁶⁸ O autor cita os verbos *cortarse*, *matarse*, *queimarse*, etc.

interpretação, em PB, é de que Ahmed *foi ferido*. Portanto, a construção (3.28a) tem, em PB, uma interpretação *passiva*.⁶⁹

Assim, em espanhol, por mais ridículo que pareça a um lingüista brasileiro, - forçado ou não - não haverá a possibilidade de uma interpretação passiva de (3.28b): o sujeito sintático-semântico Ahmed terá a interpretação espanhola de objeto-paciente da ação verbal. Sendo assim, a interpretação espanhola de (3.28b) será de *média* ou *reflexiva*, jamais passiva, enquanto que a interpretação portuguesa será, quase sempre, de *passiva*.

3.6. Considerações finais sobre a reflexividade

Se verifica do exposto neste capítulo que as hipóteses a) da reflexividade espanhola ser distinta da do PP e b) de que o <se> processa a de-transitivização nas duas línguas, se confirmaram ao longo de nossa análise. Deste processo, derivam dois fenômenos léxicos: i) o verbo transitivo perde a capacidade de marcar o complemento com Caso acusativo e ii) este complemento perde sua função e passa a ocupar a posição de sujeito sintático da oração, com Caso marcado nominativo. Observa-se que os únicos traços que distinguem as construções aqui estudadas são os traços [+agentivo] e [+animado]. Se acrescentarmos a isto o traço [+humano], a reflexividade pode ser sintetizada como segue:

- 1 - em ambas as línguas – pelos traços [+agentivo], [+animado] e [+humano].
- 2 – em Espanhol – a reflexividade é gramaticalizada como OD pelo clítico <se>.
- 3 – Em PB, a reflexividade se processa:
 - a) pelo clítico <se>, sem a presença do OD;

⁶⁹ Vários são os fatores que contribuem para esta interpretação: o poderio de fogo dos soldados americanos, a hegemonia militar, a invasão da cidade de Bagdá, as inúmeras incursões dos soldados sobre os civis. Pelo menos no contexto extralingüístico, as notícias que lemos ou as imagens que vemos (e ouvimos nos telejornais) dão conta de que o *Ahmed* foi vítima da linha de tiro dos soldados americanos em Bagdá. Enfim, é o conhecimento de mundo que compartilhamos que nos leva a interpretarmos estas duas construções da maneira como as interpretamos.

- b) haverá reflexividade sempre que se possa atribuir ao sujeito a relação semântica de co-referencialidade, além dos traços lingüísticos, com o complemento indireto implícito (a si mesmo).

CAPÍTULO IV – UMA PROPOSTA DE INTERPRETAÇÃO

4.1. Introdução

Ao iniciarmos este capítulo que trata da interpretação das construções passivas, impessoais e reflexivas com <se>, em espanhol, a questão que levantamos é: existem critérios, fatores ou propriedades sintáticas e/ou semânticas que possibilitem diferenciar, analisar e interpretar as construções espanholas de clítico <se>? Se sim, que e quais seriam estas propriedades? E por que os autores anteriormente consultados não as identificam em seus textos ou as identificam superficialmente?

Dada a complexidade do tema que envolve o conceito, a distinção, a classificação e a interpretação dessas construções de clítico <se>, nosso objetivo neste capítulo IV é apresentar algumas ferramentas lingüísticas próprias que possibilitam distinguir, analisar e interpretar as construções passivas, impessoais e reflexivas, desde o ponto de vista sintático-semântico. A reflexão que ora fazemos não tem a pretensão de ser um modelo único, fechado. Pelo contrário, a proposta está aberta a críticas e sugestões que visem o enriquecimento do debate sobre o tema.

Não queremos aqui “reinventar a roda” ou resolver tudo num passe de mágica. Partimos da “roda já feita”, do caminho traçado, e apontamos para uma possibilidade que, antes de tudo, é um simples modelo teórico, de entendimento fácil, que conduz a uma interpretação clara e objetiva das construções de clítico <se> de língua espanhola, descritas pelos gramáticos anteriormente analisados no capítulo I, explorando e fixando-nos em propriedades sintáticas e semânticas intrínsecas a cada construção de clítico.

A palavra de ordem em nossa análise será “interpretação”, cuja semântica detém um cunho abrangente e profundo do termo “análise”. Interpretar é conjugar critérios sintáticos e semânticos.

4.2. Terminologia

Nossa intenção primeira neste capítulo não é fixar-nos em termos tradicionalmente consagrados para atender a esta ou àquela corrente lingüística que em nada ajudam a entender e interpretar a língua espanhola. Como vimos, historicamente a caracterização das construções passivas e impessoais com <se>, normalmente, é vista a partir de características formais. Assim, se retomarmos o polêmico caso, exemplificado em (2.9) do capítulo I,

- (4.1)
 a) Se venden botellas
 b) Se vende botellas

a interpretação sintática de “a” será, segundo a tradição, de passiva, pela paráfrase perifrástica e pela concordância, e a interpretação de “b” será de impessoal, pelo mesmo critério.

No entanto, semanticamente, verificamos que a interpretação destas construções ocorre num nível mais profundo, mais avançado, do que a estrutura formal das orações. Semanticamente, estas duas construções têm o mesmo significado, ou seja, ambas significam que um sujeito semântico “implícito” (que detém os traços [+animado], [+humano], [+intenção] e [+agente], representado pela semântica do verbo *vender*, além do traço [+impessoal], representado sintaticamente pelo clítico <se>), participa em um evento, ou executa uma atividade, de vender botellas⁷⁰.

Portanto, para interpretarmos as construções com <se> que tratamos neste nosso estudo é necessário, primeiramente, distinguir quatro componentes básicos da relação verbal, que nem sempre são considerados pelos gramáticos tradicionais, embora estes

⁷⁰ Sintaticamente, o sujeito é uma marca léxica e/ou morfológica de um elemento ao qual se refere o verbo.

gramáticos os usem sistematicamente. Do ponto de vista da transitividade, neste nosso estudo das construções com <se>, faremos referência aos termos *sujeito sintático* e *sujeito semântico*, *objeto sintático* e *objeto semântico*.

O *sujeito sintático* da passiva com <se>, em sentido estrito, será interpretado, neste nosso estudo, como o elemento léxico que está em concordância com o verbo, singular ou plural, e aparece determinado por artigo, por pronomes possessivo, demonstrativo ou indefinido ou ainda quantificado. Este elemento léxico, quando plural, pode aparecer sem estes quantificadores desde que esteja em concordância com o verbo. Da mesma forma o *objeto sintático* será interpretado como o elemento léxico, em concordância ou não, que detém o papel sintático de argumento complemento (ou tema) da relação verbal.

Interpretamos *sujeito semântico* como o elemento léxico, explícito ou implícito na oração, que detém o papel semântico de argumento agente (ou paciente) da relação verbal. Dos textos que consultamos, a maioria dos autores não consegue fazer distinção entre sujeito sintático e sujeito semântico, perdendo-se entre esses dois conceitos. Nieto et al (1998) é o único que distingue sintático e semanticamente esses elementos, conforme verificamos no seguinte fragmento:

En muchas ocasiones, no nos interesa, no queremos o no podemos decir quién es la persona o personas que realizan la acción expresada por el verbo. El español tiene distintos recursos para conseguir indicar esta indeterminación del agente: [...] Pero existe un procedimiento general de particular importancia: la utilización **del se de agente indeterminado**.

Se cuenta que Luis está arruinado
Se conquistó todo el territorio
Aquí se está a merced de los medios de comunicación.

[...]

RECUERDE

Existe un grupo de construcciones que se caracteriza:

- a) Por el empleo de *SE* con **un verbo en tercera persona (no es posible otras formas verbales o pronominales)**.
 - b) Porque el *agente* de la acción queda *indeterminado*.
- Llamamos a este *SE*, '**Se de agente indeterminado**'

(NIETO et al, 1998, p. 151)

Veja-se que o enfoque do autor é justamente sobre um <se> que indetermina o sujeito semântico *agente* e nunca o sujeito sintático. Como os gramáticos tradicionais comumente não fazem referência a qual dos sujeitos se refere o clítico <se>, a explicação de passivas e de impessoais, tradicionalmente, não fica muito clara.

Já o *objeto semântico*, interpretamos, neste nosso estudo, como o elemento complemento léxico da relação verbal, que com verbos destransitivizados, ou em uso absoluto, está implícito na oração (conforme capítulo II).

Por sua vez, o termo “pasiva refleja”, dominante nas gramáticas tradicionais espanholas, assim como todas as passivas que agregam o clítico <se>, independentemente de aspectos formais, interpretamos neste nosso estudo, como *passiva com/de <se>*. Igualmente, para todas as formas impessoais que agregam o clítico <se>, adotamos neste nosso estudo, o termo *impessoal com/de <se>*.

Ao termo “dativo ético o de interés”, chamaremos, neste nosso estudo, objeto indireto, que na forma do clítico <se> tem a função de enfatizar, ou o sujeito semântico ou a relação verbal. O termo “acusativo” corresponde, no nosso texto, ao termo objeto direto sintático, descrito acima; já o termo “ablativo agente”, interpretamos como sintagma preposicional agentivo (*por* ou *de*), enquanto que o “nominativo”, corresponde aqui ao sujeito sintático, acima descrito.

Neste nosso estudo, numa relação verbal, o objeto-complemento do verbo será interpretado como Sintagma Nominal (SN), desde que este SN esteja determinado ou quantificado. Adotamos o termo SN por ser mais abrangente que vocábulo, nome, substantivo, palavra, complemento, etc, uma vez que este termo engloba, sua determinação argumental (por artigo, possessivo, demonstrativo ou quantificador).

4.3. O corpus

Para a interpretação destas construções de clítico <se> em espanhol partimos do mesmo corpus da RAE que usamos para análise no capítulo II, com a diferença de que, neste capítulo IV, incluímos mais algumas construções retiradas da mesma amostragem. Com isso, aumentamos a possibilidade de selecionar as construções de clítico <se>, a fim de verificarmos a aplicabilidade de nossa teoria.

4.4. A metodologia

Nossa metodologia de trabalho parte do conjunto de fragmentos orais transcrito do corpus da RAE, e que contém as construções de clítico <se>, sendo que neste capítulo IV nos centraremos na análise de propriedades sintáticas e semânticas das construções passivas, impessoais e reflexivas, com o objetivo levantar um panorama das propriedades distintivos que permitam classificar, analisar e interpretar estas construções em língua espanhola. Retomando o corpus do capítulo III, buscaremos sintetizar aqui, de maneira clara e objetiva, que e quais propriedades sintáticas e semânticas podem ser levantados para classificar estas construções espanholas de clítico <se> como passivas, impessoais e/ou reflexivas.

Os critérios de análise são basicamente os mesmos estabelecidos no capítulo III, para a reflexividade, quais sejam:

- a) se o agente da ação verbal se faz expresso ou não;
- b) se o agente é animado ou não
- c) se o agente é humano ou não;
- d) se o agente coincide com o sujeito sintático da oração ou não;
- e) se o sujeito e o objeto da oração são idênticos (mesma entidade lexical) ou não;
- f) se o objeto sintático é animado ou não;

g) se o objeto sintático aparece preposicionado por “a” ou não.

Veja-se que para esta análise, diferentemente de muitos gramáticos tradicionais espanhóis, nos baseamos em critérios sintáticos e semânticos, sem os quais acreditamos ser impossível distinguir e interpretar as construções de clítico em espanhol.

4.5. A análise interpretativa

4.5.1. Conceitos de passiva e de impessoal com <se> na Gramática Tradicional

Conceituar passivas e impessoais com <se> é uma tarefa um tanto quanto árdua, uma vez que estas têm propriedades e características semântico-pragmáticas próprias muito próximas uma da outra, fato que normalmente confunde os gramáticos tradicionais de língua espanhola, que não as tem bem definidas entre si. Para exemplificar o que afirmamos, iniciemos este capítulo retomando o conceito de passiva e de impessoal com <se>, a partir do texto de Gili Gaya.⁷¹

Cuando el ablativo agente es desconocido o no interesa a los interlocutores, tenemos las oraciones llamadas, según la terminología de la gramática latina, *segundas de pasiva*, [...] en las oraciones pasivas con *se*, este pronombre es un mero signo de pasiva e impersonal. En la oración *Se cometieron muchos atropellos* expresamos que los *atropellos* (sujeto pasivo) fueron cometidos, y no decimos nada acerca de su autor, el cual queda oculto en tercera persona de significación indeterminada. El *se* es conjuntamente signo de pasiva y de impersonalidad, pero no hay duda de que la oración es pasiva, puesto que el sujeto (*atropellos*) está concertado con el verbo (*cometieron*). Si el sujeto está en singular, el verbo lo estará también: *Se cometió un atropello*. Parece que no debieran confundirse con las impersonales activas, puesto que la concordancia con el verbo asegura el carácter pasivo del sujeto (GILI GAYA, 2000, p. 127).

Citamos Gili Gaya porque, histórica e tradicionalmente, é desta maneira que se conceituam passivas e impessoais com <se> nas gramáticas espanholas. No entanto, veja-

⁷¹ O texto de Gili Gaya representa a concepção da própria RAE para estas construções.

se que Gili Gaya não tem bem definido o limite sintático-semântico que separam passivas de impessoais; para ele o único critério que assegura o caráter passivo do sujeito *atropellos* é a concordância, enquanto que, na mesma relação verbal, não se diz nada sobre o autor do evento que assume significação indeterminada.

O clítico <se> tem, segundo Gili Gaya, uma dupla propriedade intrínseca: ser ao mesmo tempo signo de passiva e de impessoal. Ou seja, para o autor, a passividade expressa uma propriedade sintática – concordância ou não do sujeito com o verbo – e o clítico <se> expressa, além do signo de passiva, uma propriedade semântica – um autor/agente de terceira pessoa singular, indeterminada – da oração. Seriam, portanto, estas duas propriedades as principais características que distinguem passivas de impessoais com <se>? E como entender dos critérios do autor para definir *atropellos* como o “sujeito” da passiva de <se>?⁷²

Por outro lado, se recuperarmos o fragmento de Mendikoetxea (1999b), do capítulo I, a autora diz que,

Sintácticamente, lo que caracteriza a las oraciones pasivas es que tienen como sujeto gramatical (o sintáctico) un sintagma nominal que se interpreta como el objeto nocional (o semántico) de la acción denotada por el verbo. Es tradicional establecer un paralelismo entre el sujeto gramatical de una oración pasiva y el objeto gramatical de la correspondiente oración activa [...]. Las oraciones llamadas ‘pasivas con *se* (o ‘pasivas reflejas’), *Se pasaron los trabajos a ordenador*, se corresponderían formal e semánticamente con las pasivas perifrásticas en términos generales, en cuanto que tienen como sujeto gramatical el objeto nocional del verbo. Semánticamente especifican, al igual que la pasiva, que <<a alguien (o algo) le ha ocurrido algo>>. A diferencia de la pasiva perifrástica, sin embargo, en las oraciones con *se*, el agente no puede, normalmente, aparecer especificado en un sintagma preposicional *por*[...]. (MENDIKOETXEA, 1999b, p. 1636-1637)

A partir deste fragmento, temos que, para Mendikoetxea (op cit) o conceito de passiva está um pouco (mas não muito) mais claro do que em Gili Gaya. Veja-se, no

⁷² Veja-se terminologia no item 4.2.

entanto, que para explicar a passiva com <se> a própria autora recorre à velha fórmula de correspondência desta construção com uma equivalente perifrástica.

Se nos detivermos mais detalhadamente sobre o fragmento de Mendikoetxea veremos que para a autora o SN da passiva com <se> corresponde ao objeto sintático da oração ativa. Como na oração ativa (de verbo transitivo) o sujeito sintático, quase sempre, é igual ao sujeito semântico (agente) e o objeto sintático, quase sempre, corresponde ao objeto semântico (paciente), essa mesma interpretação objeto-paciente é, tradicionalmente, transferida à forma passiva perifrástica, numa relação de equivalência sintático-semântica, resultando a interpretação de que este sujeito sintático da perifrástica é o argumento paciente denotado pelo verbo da ativa.⁷³

De acordo com a autora, nesse processo de equivalência sintático-semântico, como a passiva com <se> corresponde, formal e semanticamente, a uma perifrástica, é de se supor que o SN sujeito da passiva com <se> seja o mesmo sujeito sintático da perifrástica e que este SN sujeito corresponde ao objeto sintático (paciente) da oração ativa. Daí, o fato de, tradicionalmente, este SN ser interpretado como sujeito da passiva com <se>.

A seguir discutiremos melhor esse fenômeno.

4.5.2. Dois níveis de interpretação

Tendo como premissa o fato de que, historicamente, a passiva com <se> é equivalente a uma passiva perifrástica agentiva, antes de seguirmos com nosso estudo, faremos algumas reflexões sobre o caso. Veja-se que todos os autores e catedráticos espanhóis se apóiam neste mesmo critério sintático-semântico que, supostamente, assegura passividade³ (rodapé: veja conceito de passividade no capítulo I) à construção de

⁷³ Veja-se a construção (2.18).

clítico <se> - uma correspondente paráfrase perifrástica –, com a única diferença de que na construção de clítico <se>, o agente não aparece explícito pelo sintagma preposicional *por*. O curioso nesse processo de interpretar a construção de clítico <se> como passiva, é que, sintática e semanticamente, esta construção de <se>, por si só, não se sustenta como passiva.

Do ponto de vista tradicional, é este sintagma preposicional que dá à oração perifrástica o sentido passivo, uma vez que ao sujeito sintático é reconhecido o valor semântico de paciente. Como nas construções com <se> o agente não aparece explícito, a relação entre forma/significado nem sempre é uma relação simples e direta. Daí que seja complicado para alguns catedráticos espanhóis distinguir passivas de impessoais com <se>, sem recorrer ao expediente da paráfrase, já que a relação agente-paciente não se vê aclarada por fatores sintáticos – concordância, transitividade, etc – e/ou semânticos – sujeito indeterminado, implícito ou que não interessa mencionar.

De acordo com o exposto acima, no par,

(4.2)

- a) Se divulgó la noticia
- b) Se escuchó la noticia

“a” e “b” são tradicionalmente interpretadas como passivas de <se>, porque ambas podem ser parafraseadas com suas correspondentes perifrásticas de sintagma preposicional agentivo explícito. Assim, “a” e “b” acima corresponderiam a,

(4.3)

- a) La noticia fue divulgada (por Martín)
- b) La noticia fue escuchada (por Martín).

Veja-se, portanto, que nem os gramáticos mais conceituados de língua espanhola sabem explicar a passividade das construções de clíticos <se>, sem recorrer à perifrástica (por meio de uma paráfrase). Entretanto, se nos detivermos um pouco mais sobre a semântica das construções de (4.3), verificamos que, apesar de ambas apresentarem a mesma estrutura sintática, a interpretação de uma e de outra será distinta. Mesmo que nas duas construções se faça presente o sintagma preposicional *por*, no nível semântico, a relação agente-paciente não é a mesma nas duas construções.

Semanticamente (4.2a) e (4.3a) expressam um evento que tem orientação do sujeito semântico para o exterior⁷⁴, enquanto que em (4.2b) e (4.3b) o evento tem orientação oposta, ou seja, do exterior para o sujeito semântico (paciente indeterminado, em (4.2b)). Assim, nos parece que a passividade, em sentido estrito, é semanticamente manifesta somente em (4.2b) e (4.3b), uma vez que o sujeito semântico destas duas construções detém o traço semântico [+paciente] do evento denotado pelo verbo.

Por isso, nos parece também que a regra da paráfrase nem sempre funciona da mesma forma para todas as construções de <se>, já que, como visto nos parágrafos anteriores, a passividade se manifesta muito mais pela semântica da oração do que pela forma estrutural, ou seja, a passividade é manifesta na estrutura composicional da oração. Para explicar o que dizemos, observemos as construções retiradas de Molina Redondo (1984) e de Mendikoetxea (1999b), respectivamente:

(4.4)

a) Se llena la sala / #La sala es llenada

b) Se sabe la lección / #La lección es sabida

⁷⁴ Veja-se Godoi (1988).

Veja-se que aqui a passiva perifrástica não encontra relação de correspondência com a ativa, fato que nos leva a concluir que a regra da paráfrase perifrástica nem sempre é verdadeira, uma vez que, como dissemos, a passividade se manifesta, além da forma, pela semântica da oração.

Com isso, depreendemos que existem certas restrições sintáticas e semânticas (léxicas) – restrições gramaticais e aspectuais - quanto à correspondência de passiva com <se> e a perifrástica. Para aprofundar um pouco mais esta nossa reflexão, recuperemos (4.2), (4.3) e (4.4), fazendo o seguinte experimento:

(4.5)

- a) Se divulgó la noticia/ La noticia es/?era/fue divulgada/
- b) Se escuchó la noticia/ La noticia fue/?es/?era escuchada/
- c) Se llena la sala / #La sala es/era/fue llenada
- d) Se sabe la lección / #La lección es/era/fue sabida

Nos parece que a forma perifrástica tem marcada preferência por eventos categorialmente *accomplishments* e *achievements*, fazendo com que a categoria *atividade* passe a *estado* (divulgar la noticia X la noticia divulgada), enquanto que a construção de <se> parece privilegiar a categoria *estado*. Temos conosco que o clítico <se> transforma esta categoria em *atividade*, no presente do indicativo, e depois para *estado* novamente, com sentido habitual.

Se verificarmos mais apuradamente estas construções de (4.5) percebemos que o clítico <se> aparece em todas as primeiras construções, o que significa dizer que ele não tem restrição nem sintática nem semântica. Isso explica linguisticamente a marcada preferência da língua espanhola pelas construções de <se> em detrimento à perifrástica, fato que vem a confirmar nossa hipótese levantada na Introdução.

Se a própria passiva perifrástica encontra restrições de correspondência semântica nos contextos de (4.5) é de se supor que os complementos das construções de <se> não são os sujeitos sintáticos destas, como quer a tradição espanhola. Se esses elementos não são os sujeitos sintáticos, semanticamente correspondem, antes, a sintagmas objetos, de uma relação verbal que expressa um evento ativo no qual teve a participação de um sujeito semântico que detém os traços [+animado], [+humano] e [+intenção].⁷⁵

De acordo com o exposto, podemos concluir que a interpretação das construções com <se> toma um viés muito mais profundo que o nível sintático-semântico, quiçá vá para a pragmática, uma vez que a passiva com <se> por si só não se sustenta nem pela sintaxe nem pela semântica. Então nos é lícito indagar: existe em espanhol uma forma passiva com <se>, distinta da interpretação feita pela tradição, que recorre à paráfrase perifrástica? Nosso parecer é de que não existe, em espanhol, uma construção de clítico <se> que seja semanticamente passiva. Não seguiremos adiante com esta questão porque não é nosso objetivo neste estudo tratar desse caso, ficando a interpretação dessa nossa hipótese aberta para futuras pesquisas.

4.5.3. Uma proposta de análise

Como se vê, distinguir, interpretar e classificar as construções espanholas com clítico <se>, como passivas, impessoais e/ou reflexivas, como visto anteriormente, não é tarefa das mais fáceis, uma vez que os critérios de análise não são bem definidos pelos próprios gramáticos, que, inclusive, divergem entre si quanto à terminologia adotada.

⁷⁵ Observe-se que em (4.5b-d) o evento predica um sujeito semântico com traço [+experimentante]. Este termo foi retirado de Mendikoetxea (1999b).

4.5.3.1. Critérios sintáticos

Para esta análise interpretativa que nos propomos a fazer neste capítulo, voltamos nossas atenções às construções com <se> enumeradas nos capítulos I, II e III, levando em consideração a sintaxe destas construções. Observamos no decorrer de nossa pesquisa que alguns critérios sintáticos se manifestavam repetidamente em todas as construções, ainda que a terminologia diste muito de ser uniforme nas análises daqueles autores. Percebemos, também, que alguns dos gramáticos citados no capítulo I não se dão conta dos traços sintáticos que levantamos e com os quais elaboramos nossa proposta de análise. Portanto, esses autores não reconhecem essas propriedades lingüísticas como critérios distintivos entre passivas e impessoais. Contudo, verificamos que são estes critérios as ferramentas básicas para, sintaticamente, se distinguir, se analisar e se classificar as construções de clítico <se> em espanhol, inclusive a reflexiva.

Portanto, de acordo com nossa proposta metodológica de trabalho, centramos a análise dessas construções em dois fatores lingüísticos: critérios sintáticos e critérios semânticos. Os critérios sintáticos foram retirados dos textos dos próprios gramáticos citados no capítulo I, embora muitos deles nem houvessem percebido que tais critérios são manifestos nas construções por eles analisadas. Os critérios sintáticos são: 1) anteposição/posposição do SN na oração; 2) número (singular ou plural); 3) determinado (artigo, possessivo, demonstrativo, quantificado); 4) verbo transitivo e intransitivo; 5) de-transitivização; 6) concordância verbal e 7) presença/ausência de preposição.

4.5.3.2. Critérios semânticos

Um dos critérios que igualmente nos permite distinguir as orações espanholas de clítico <se> entre passivas e impessoais, e que é sistematicamente desprezada pela tradição gramatical, é o traço semântico [+ humano].

Assim, se nos detivermos um pouco mais sobre (4.6), (4.7), e (4.8), depreendemos que *vender sueños, necesitar voluntarios, abrir la puerta, instar a los ciudadanos, vender los paraguas, llegar a México, contagiar el sida, tomar las adecuadas precauciones, trabajar, holgar, beber, ayunar, morir de hambre, construir muebles, falsificar antigüedades, zurcir bordados antiguos, fabricar bañuelos, componer porcelanas rotas o cencertar robos* estão, semanticamente, associados à idéia de que o evento denotado por tais verbos é proveniente de um sujeito semântico com traços [+animado], [+humano], [+agente] e [+intenção].

Portanto, a análise que nos propomos a fazer a seguir também se fundamenta nestes traços semânticos. Como nem a sintaxe por si só nem a semântica por si só dão conta de interpretar as construções de clítico <se>, levamos a análise dessas construções para um nível mais avançado. O caso toma, então, um viés sintático-semântico, uma vez que, ao que parece, nenhuma destas duas áreas da lingüística consiga dar conta do caso, isoladamente.

Nossa análise, então, conjugará os traços lingüísticos sintáticos e semânticos, no intuito de consolidar uma proposta que dê conta da análise distintiva das construções espanholas com clítico <se>.

4.6. A análise

Passemos a seguir a caracterizar as construções passivas e impessoais a partir destes critérios.

Nos propomos neste capítulo apresentar uma teoria metodológica que dê conta de distinguir, analisar e classificar estas construções de clítico <se>, tendo como base alguns critérios sintáticos e semânticos da língua espanhola. Para tanto, observemos a esta série de construções retiradas do corpus da RAE, que fazem uso do clítico <se>:

(4.6)

a) *En cada escuela norte-americana se vende el mismo sueño, que un niño puede llegar a presidente del país más poderoso del planeta por la vía del voto* (88, TV1, Reportajes).

b) *Y hemos pasado la noche repartiendo leche caliente entre lo... mendigos. Se necesitan voluntarios.* (96, Telemadrid, Reportajes).

c) *Yo creo sí, continuamos la última frase de este gran serial. La puerta se abrió y apareció Briselda cantando* (93, TV1, Magazines).

d) *Es la presunción de culpabilidad a través del testimonio de la policía. Crea una figura extraña, que es la detención sin detención. Se instará a los ciudadanos a que se identifiquen* (91, Televisión, Debates).

e) [...] *el doctor Fontán es el que ha hecho los estudios inmunológicos para diagnosticar esta enfermedad, que es una enfermedad muy rara y difícil de diagnosticar, pero pero, bueno, pues aquí se trabaja muy bien, creo yo* (91, Radio Madrid, Entrevistas).

f) [...] *o sea, que reniegan del momento actual, que dicen que tal, que cual, que que se vive tan mal, bueno, no que se vive tan mal, sino que... echándole la culpa a diestro...* (92, Conversación, Canal = cara a cara).

Para tornar nossa reflexão mais interessante, recuperemos também as construções de (1.1), do capítulo I, de maneira a verificar se nossa proposta de análise dá conta de analisar todas as construções espanholas de clítico <se>.

(4.7)

a) [...] porque a lo mejor un año que llueva mucho el día veinticinco, el día veintiséis de diciembre, [...] *se venden los paraguas buenos de cinco o seis mil pesetas* [...] (91, Tele 5, Entrevistas).

b) *Cuando se llega a México hay que saber beber*, porque el (sic) tequila te puede dar el mate (91, Tele 5, Entrevistas).

c) Sin embargo, y a pesar de las apariencias, *el sida no se contagia fácilmente*, si con la información necesaria *se toman las adecuadas precauciones* (87, TV1, Debates).

E para aguçar ainda mais nossa reflexão, retomemos também o exemplo (1.42) do capítulo I, em que Llorach (1995, p. 211) acena para um fator “adjacente” como termo determinante que permite distinguir passivas de impessoais.

(4.8)

Allí se trabajaba, se holgaba, se bebía, se ayunaba, se moría de hambre; allí se construían muebles, se falsificaban antigüedades, se zurcían bordados antiguos, se fabricaban bañuelos, se componían porcelanas rotas, se concertaban robos, se prostituían mujeres.

Primeiramente, no nível sintático, observemos que os verbos em (4.6c) e (4.7c) predicam uma estrutura argumental de um sujeito sintático para os eventos *abrir* e *contagiar*, respectivamente. Sintaticamente, verificamos que *la puerta* preenche a estrutura argumental de *abrir* e *el sida* preenche a estrutura de *contagiar*.⁷⁶ No nível

⁷⁶ Observemos que o valor atribuído a esses sujeitos é apenas estrutural, ou seja, satisfaz uma estrutura formal da ordem canônica de SVO.

semântico, no entanto, o sujeito sintático *la puerta* detém o papel não de agente, mas de paciente lógico da relação verbal, enquanto que, semanticamente, *el sida* não detém nem o papel de agente nem de paciente.

Semanticamente o verbo *contagiar* predica um sujeito semântico que está implícito na relação verbal da oração subordinada que detém os traços [+animado] e [+humano]. Este tipo de construção, segundo Molina Redondo (1994) e Mendikoetxea (1999b) se interpreta, pela forma sintática (SN anteposto), como construção *média*.⁷⁷

⁷⁷ Como dissemos anteriormente, muitos gramáticos, espanhóis e portugueses, quando abordam as construções com <se> não fazem distinção clara entre *passiva*, *impessoal* e *média*. Embora não seja objeto desta pesquisa, mostraremos algumas referências sintáticas que permitem uma caracterização desta construção.

O termo *média* é abordado muito superficialmente por Torrego (2000, p. 119), ao afirmar que ocorre a *média* quando “el pronombre con valor reflexivo no actúa de complemento directo o indirecto, pero es indicador de que algo ha ocurrido en el sujeto”. Molina Redondo (1994, p. 29), no entanto, em uma análise mais aprofundada, complementa afirmando que o termo *média* é “un término relacionado con la categoría gramatical de la voz que sirve para indicar un determinado tipo de relación entre el verbo, el sujeto y el objeto de una oración” e a relaciona ao fato de que “cuando el sujeto – sea o no agente – es al mismo tiempo el objeto de la acción indicada por el verbo”.

A questão é um tanto quanto delicada, pois dentro dessa noção ampla de *média* se incluiriam, segundo Mendikoetxea (1999b), as orações reflexivas, as pseudo-reflexivas, as incoativas – com verbos de mudança física, psíquica e de posição; a simples presença do pronome reflexivo constituiria a característica formal da voz *média*, que é uma subclasse das orações impessoais. Para Molina Redondo (op cit, p. 31), a diferença entre as passivas com <se> e as *médias* é que nas primeiras o agente nunca vai explícito, enquanto que nas segundas o agente pode ir o não explícito. E mais, enquanto para as passivas o agente não expresso é sempre humano, para as *médias* o agente é sempre não-humano.

Na gramática tradicional a construção *média* é, na maioria das vezes, ignorada ou simplesmente banida dos compêndios que caracterizam as construções com <se>. Ela é classificada como, ou embutida dentro das, *reflexivas* (Nebrija, 1992; Seco, 1968; Llorach, 1995; Gili Gaya, 2000; *Esbozo*, 1995; Celso Cunha, 1985; Cegalla, 1997,

Segundo o que foi visto acima, do ponto de vista gramatical e em sentido amplo, a oração *média* expressa, em espanhol, que a ação, ou processo verbal, afeta o sujeito (cf. Molina Redondo). Por este viés, estão incluídas como *médias* as construções reflexivas (*El niño se lava*), as pseudo-reflexivas (*El muchacho se desmayó*), as incoativas com verbos de “cambio” de: estado físico (*El bosque se quemó*), de estado psíquico (*El perro se asustó*) e de posição (*El jarrón se cayó*).

Mendikoetxea (1999b, p. 1635), justifica a análise dizendo que “es necesario abordar el estudio de oraciones con *se* [...] con criterios claros y dentro del marco general de la sintaxis oracional para que se deje de considerar a estas construcciones como algo idiosincrásico y de difícil análisis en el sistema gramatical [...]”.

Assim se tomarmos a construção ativa *Juan cerró la puerta* com sua correspondente portuguesa *João fechou a porta*, podemos elaborar o seguinte esquema entre ativa, *média* e passiva, nas duas línguas:

Juan cerró la puerta	La puerta se cerró	La puerta fue cerrada por Juan
João fechou a porta	A porta (se) fechou	A porta foi fechada por João
Ativa	! Média !	Passiva

Valendo-se, então, dos traços semânticos [+animado] e [+humano], notamos que em (4.6a) e (4.7a e na subordinada de 4.7c), aparece sistematicamente um SN com o traço sintático [+determinado] (por artigo ou por outro determinante) e em concordância com o verbo. Este será, portanto, nosso segundo critério que nos permite distinguir e classificar este tipo de construção de <se> como passiva, já que o primeiro critério, como visto anteriormente, é o traço sintático [+concordância]. Assim, se a construção com clítico <se> é dotada de um SN que porte os traços sintáticos [+determinado] (por artigo, por possessivo, por demonstrativo ou quantificado), [+concordância] e o traço semântico [-animado], será analisada, neste nosso estudo, como uma construção passiva.⁷⁸ Por se tratar de verbos ativos, podemos, ainda, pressupor que os sujeitos semânticos de tais construções portam também o traço [+agente].

Por outro lado, em (4.6b) temos um SN [-determinado] (por qualquer dos determinantes/quantificadores especificados acima) e que porta o traço semântico [+animado]. No entanto, verificamos que este SN porta o traço sintático [+concordância] com o verbo. Assim, pelo traço sintático [+concordância] e pelos traços semânticos [+animado] e [+humano] este tipo de construção é, tradicionalmente, interpretado como passiva.

Agora, se nos concentrarmos em (4.8), verificamos que na primeira série de construções com clítico, os verbos portam o traço sintático [+intransitivo], enquanto que na segunda série de construções com clítico, os verbos portam o traço sintático [+transitivo]. Como tradicionalmente nesta segunda série as construções podem ser parafraseadas por uma passiva perifrástica, ainda que esta passiva apresente restrições lexicais, é de pressupor que tais construções todas sejam, pelo método de equivalência, passivas.⁷⁹ Nossa proposta de análise terá, então, como critérios distintivos: o SN

⁷⁸ Veja-se que estes critérios atendem a tradição gramatical espanhola e que, mesmo assim, os gramáticos mais conceituados nesta língua não os distinguem como critérios distintivos deste tipo de construção.

⁷⁹ Veja-se que adotamos o método sintático-semântico de equivalência tradicional.

posposto, os traços [-animado], [+indeterminado], [+plural], e [+concordância], traços que darão a essas construções uma interpretação passiva, principalmente pelos traços [+concordância] e [+indeterminado].

Por outro lado, em (4.6e-f), (4.7b) e na primeira série de construções de (4.8), os verbos apresentam o traço [+intransitivo] e o sujeito semântico porta o traço [+agente]. Pelos critérios expostos acima, esse tipo de construção não pode ser analisado como passiva. Concluimos, portanto, que estas construções que portam o traço [+intransitivo] será interpretada como impessoal. O traço [+intransitivo] será um traço marcado das construções impessoais de clítico <se>.

Nos falta, contudo, analisar (4.6d) e (4.7b). Observe-se que em (4,7b), apesar da preposição “a” (que é uma marca léxica de *destino*), o verbo porta o traço [+intransitivo], fato que já assegura a esta construção a característica de impessoal. Em (4.6d), no entanto, a questão não é tão simples assim. Observemos que o SN posposto porta os traços [+determinado], [+animado] e [+humano] ou [+pessoa] e [+plural]. Esta questão merece uma maior reflexão.

Para aguçar a nossa análise vejamos esta outra construção do corpus da RAE:

(4.9)

Yo estoy encantado de el pues, me gusta, tiene sus dificultades, bueno, riesgos también y, vamos entres un poquitín con yo, por ejemplo, que ando por la zona donde *se mataron estos dos compañeros* (90, TV1, Reportajes)

De acordo com o que vimos anteriormente em Gili Gaya (2000) e em Molina Redondo (1984), no capítulo I, fenômeno semelhante se verifica nos exemplos (1.26) e (1.27) e (1.47), respectivamente.

Historicamente, neste tipo de construção, havia o problema de interpretação passiva reflexiva ou recíproca. Se atribuirmos a *se mataron estos dos compañeros* o

sentido de que *os companheiros mataram a si mesmos*, a interpretação será de uma reflexiva: *os dois companheiros se mataram a si propios* – cada um matou a si mesmo. Por outro lado, se atribuirmos a *se mataron estos dos compañeros* uma conotação de que *os companheiros mataram um ao outro*, a interpretação será de uma recíproca: *os dois companheiros mataram um ao outro*. Se, ainda, atribuirmos a esta construção um sentido de que *os companheiros foram mortos*, a interpretação será de uma passiva: tem-se a *estos dos compañeros* como pacientes do evento.

Para resolver essa tripla ambigüidade, a língua espanhola foi, ao longo do tempo e da história, estendendo a prática de pôr o verbo no singular e acrescentar a preposição “a” antes do SN que detém a propriedade [+animado]. Assim, a construção acima se converte em,

(4.10) *Se mató a estos dos compañeros*

onde o SN *estos dos compañeros*, preposicionado por “a” já não é mais interpretado como sujeito sintático, mas como complemento (objeto direto de pessoa). Este processo morfo-sintático retira qualquer possibilidade de interpretação reflexiva ou recíproca e como não há o traço [+concordância] esta construção não pode ser passiva. A única interpretação analítica possível é de impessoal.

Feito isso, basta analisarmos comparativamente (4.6d) para verificarmos que esta explicação vale para aquele exemplo.

Ocorre, entretanto, que uma vez generalizado a este tipo de construção com complemento [+pessoa/+humano], e verbo em singular, este fenômeno lingüístico tende a se propagar com complemento de coisa [-animado] sem a preposição “a”, resultando o fenômeno que verificamos no exemplo (1.29), de Gili Gaya, o qual recuperamos abaixo.

(4.11)

a) Se venden botellas

b) Se vende botellas

Uma vez estabelecidos os critérios de nossa proposta, passaremos agora a analisar estas construções de (4.11). Semanticamente, os sujeitos semânticos de ambas as construções apresentam os mesmos traços [+agente], [+humano], [+intenção e [+animado]. Sintaticamente, ambas as construções apresentam o clítico <se> e o SN posposto porta os traços [+plural], [-animado] e [-determinado]. No nosso modelo de análise, (4.11a) será analisada como passiva, pelos traços sintáticos [+concordância] e [-animado] e (4.11b) será analisada como impessoal, pelos traços [-concordância] e [-animado].

De tudo o que foi exposto anteriormente como critérios classificatórios de construções impessoais e passivas, observe-se que nossa proposta teórica deverá, em princípio, dar conta de construções como a que se segue, com verbo em singular e SN [+indeterminado] singular.

(4.12) Se vende chatarra

A interpretação de (4.12) pode ser tanto de uma passiva quanto de uma impessoal, segundo os critérios anteriormente estabelecidos. Semanticamente, a interpretação é caracterizada pelos traços [+humano], [+agente] e [-determinado]; sintaticamente, porém, existe um problema a ser resolvido. Molina Redondo (op cit) afirma que quando o nome está no singular, é inútil tratar de selecionar uma das interpretações com exclusão da outra, posto que a diferença formal fica neutralizada. Contudo, de acordo com os mesmos critérios de equivalência entre ativa e passiva adotada pela tradição gramatical,

em que a passiva deriva de uma ativa, (4.11) não pode ter uma correspondente passiva # *sucata é vendida*, pois o SN *chatarra* não pode ser interpretado como sujeito da oração, por não apresentar os traços sintáticos [+determinado] (artigo, possessivo, demonstrativo ou quantificador).

Portanto, sintaticamente, (4.11) não pode ser entendida como uma construção passiva. A única, ou pelo menos a última, interpretação de (4.11) é de impessoal: verbo de 3ª pessoa singular e objeto [- animado] e [-indeterminado], cuja evento é derivado de um sujeito semântico [+agente], [+ humano], [+intenção] e [+animado].

Outro traço sintático que marca este tipo de impessoalidade pode ser referenciado ao [não-contável], cujo cunho semântico nos remete a algo genérico.

Assim, em conformidade com as construções extraídas do corpus da RAE, elaboramos um quadro resumido em que aparecem sistematicamente as características sintáticas e semânticas das construções passivas, impessoais e reflexivas com <se>.

QUADRO DE PASSIVAS, IMPESSOAIS E REFLEXIVAS COM <SE>

	PASSIVA	IMPESSOAL		REFLEXIVA
SN (animado o inanimado)	a) <u>Inanimado</u> (coisas) a1) determinado (por artigo (det/ind) ou por possessivo ou por demonstrativo) a2) indeterminado pl. (concordância) b) <u>Animado</u> b1) determinado (quantificado/ indefinido) b2) indeterminado pl. (concordância)	a) <u>Inanimado</u> a1) indeterminado (singular / plural) b) <u>Animado</u> b1) indeterminado	c) <u>Animado</u> determinado com a preposição "a"	a) [+animado] b) [+intenção] c) [+singular] d) [+agente]
POSICÃO DO SN	Posposto	Posposto		Anteposto
NÚMERO	Singular e plural	Singular e plural		Singular e plural
VERBO	Verbo transitivo - concorda em número com os SNs	Verbo transitivo direto 3ª pessoa singular		Destransitivizado ou não
EXMPLOS	a1) Se recibió <i>el giro</i> ayer / Se han suspendido <i>las negociaciones</i> / Se rechazará <i>su propuesta</i> / Se estrenará <i>una</i> bonita comedia a2) Se alquilan <i>casas</i> / Se venden objetos usados b1) Se necesitan tres directores técnicos / Se necesitan unos directores técnicos b2) Se buscan representantes / Se buscan aprendices	a1) Se vende pan / Se vende hierro viejo / Se alquila habitaciones b1) Se desea un representante (genérico) / Se busca aprendices c) Se auxilió a los heridos / se amonestará a los infractores se aseó a los niños	- Martín se lavó la cara - Leticia se cortó el pelo - Martín se duchó - Leticia se pintó - Las chicas se pintaron - Leticia y Martín se sentaron rápidamente.	

Observações:

1) Com nomes animados determinados, as construções com <se> são sempre impessoais – não podem ser passivas.

2) Serão impessoais as construções:

VT + oração subordinada: se espera que mejore / Se piensa que acudirán a los tribunales

VT em uso absoluto: Se lee en España / Se escribe en abundancia en estos tiempos

Verbo Intransitivo: Se baile / Se trabaja mucho aquí / Se vive mal / feliz en este pueblo

É fácil ver, a partir do exposto, que a nossa proposta dá conta de casos como os de (1.24), que trata do SN *muchos atropellos*, recuperado no fragmento inicial deste capítulo. Igualmente, nossa proposta responderá às perguntas feitas na página 43, assim como das orações subordinadas. Quanto a estas últimas, estamos de acordo com Molina Redondo (1984) que vê nas propriedades da oração o critério que define este tipo de construção como impessoal e não como passiva, como quer Torrego (1998).

4.7. Conclusão

A grande questão que discutimos aqui é o que diferencia sintática e semanticamente passivas de impessoais e estas de reflexiva, que empregam o clítico <se>. Verificamos que a marcada preferência pela passiva de clítico <se>, em detrimento da perifrástica, pelo falante espanhol é que gera todo o processo, uma vez que semanticamente estas construções se alinham às impessoais num limite muito próximo.

4.8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme vimos no capítulo I, que trata da incoerência, da falta de critérios sintáticos e semânticos e da instabilidade sintática das construções com clítico <se>, temos que a análise e a interpretação dessas construções é um tema que desafia a própria lingüística espanhola. Como pudemos observar naquele capítulo, alguns gramáticos espanhóis, por mais conceituados que sejam no meio acadêmico, não têm bem delimitados os conceitos dessas construções de clítico. Ocorre que essa heterogeneidade conceitual, causada pela inconsistência de parâmetros lingüistas claros, acaba por refletir o quão distante está a uniformização de critérios sintáticos e semânticos que possibilitem a análise das construções com <se>.

Portanto, no intuito de entender a problemática dessas construções espanholas de clítico <se>, elaboramos o presente trabalho. Desconhecemos qualquer modelo de estudo, em espanhol ou em português, semelhante ao nosso, que se ocupe da análise e interpretação dessas construções e que se apóie em parâmetros lingüísticos claros e objetivos, tal como o fazemos neste estudo. O que aqui fizemos foi estabelecer critérios de análise dessas construções com clítico <se>, tendo por base a sintaxe e a semântica espanhola. Portanto, se aplicarmos esta nossa proposta de análise a todas as construções de clítico <se> exploradas nos capítulos anteriores, responderemos aos questionamentos que levantamos ao longo deste nosso estudo.

Assim, antes de finalizarmos este nosso trabalho, se retomarmos nossa hipótese inicial, de que o falante espanhol prefere a passiva com <se>, conforme levantamos na Introdução, verificamos que essa hipótese se confirmou ao longo do capítulo IV. Vimos que a marcada preferência espanhola pela forma clítica em detrimento da perifrástica apresenta restrições sintáticas, restrições que não se verifica em português brasileiro.

Por isso, uma construção do PB, como,

(4.13)
O jornalista que era mantido refém, foi solto

terá restrições de uso no espanhol, que privilegia a passiva de clítico <se>. (Veja-se que o PB tem marcada preferência pela passiva perifrástica).

Em espanhol, a construção (4.13) terá a seguinte interpretação:

(4.14)
El periodista que se mantenía cautivo, fue suelto

Veja-se que o aspecto estativo denotado pelo verbo *manter* é o mesmo nas duas formas verbais, em ambas as línguas: em PB com a passiva perifrástica e em espanhol, com a passiva clítica.

Já o evento denotado pelo achievement *ser solto* merece melhor atenção. Por que a língua espanhola pretere a passiva de clítico para este evento? A resposta é muito simples: para evitar ambigüidade. Se fosse usada a forma clítica, a interpretação, tanto espanhola quanto brasileira, seria de uma construção reflexiva (se soltó a sí mismo). A forma perifrástica mantém a noção semântica de passiva [-agente], [+paciente] espanhola.

E por que não há interpretação de reflexividade na primeira forma verbal de clítico? A semântica do adjetivo *refém/cautivo* remete a interpretação ao traço semântico-pragmático [-intenção]. Pelo menos no mundo que compartilhamos, ninguém, em sã consciência, se mantém refém porque quer.

Isso explica a primeira questão que levantamos na Introdução, sobre o estudante/professor brasileiro que “domina” o espanhol, se denunciar como “estrangeiro” quando usa a passiva perifrástica, enquanto que o falante espanhol prefere a passiva de clítico.

Assim, se queríamos uma proposta que desse conta de distinguir, analisar e classificar, sintática e semanticamente, as construções de clítico <se>, em espanhol, aqui a temos. Conforme dissemos no início deste capítulo, não é um modelo definitivo, fechado, único. O mesmo está aberto a críticas e sugestões. Contudo, esperamos que este nosso modelo sirva de base e torne clara a análise destas construções, tidas por gramáticos, professores e estudantes de espanhol, como de difícil entendimento distintivo. Nosso objetivo é que este modelo teórico sirva de referência àqueles que se dedicam ao estudo da língua espanhola, uma vez que entre os próprios hispânicos, estudantes ou não, a conceituação destas construções, nunca se fez bem clara.

Nosso desejo é que nosso modelo seja útil a todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, N. M. **Gramática Latina**. 27ª ed. São Paulo: Saraiva, 1997.
- BUSSE, W & VILELA, M. **Gramática de valências**. Coimbra: Almedina, 1986.
- BOSQUE, I. **Tempo y aspecto en español**. Madrid: Cátedra, 1990.
- CAMACHO, R. G. **Construções passiva e impessoal: distinções funcionais**. São Paulo: Alfa, 2000.
- CAMPOS, H. Transitividad e intransitividad. In: BOSQUE, I; DEMONTE, V. **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Epasa, 1999. p. 1519-1574.
- CEGALLA, D.P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 40ª ed. São Paulo: Nacional, 1997.
- CHOMSKY, N. **Syntactic structures**. Mouton: The Hague. 1957.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. **Novíssima gramática do português contemporâneo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: 1985.
- <http://www.corpus.rae.es/cordnet.html>
- DE MIGUEL, E. El aspecto léxico. In: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid: Epasa, 1999. 2977-3071.
- DE MIGUEL, E. & LAGUNILLA, M. F. **El operador aspectual *se***. Revista española de lingüística, nº 30, p. 13-43. In <http://www.ed.es/sel/castellano/enero-junio00.htm>.
- DIAZ-PLAJA, G. **Historia de la literatura española a través de la crítica y de los textos**. Buenos Aires: Ciordia & Rodriguez, 1953.
- DOWTY, D. R. **Word meaning and montague grammar: the semantics of verbs and times in Generative Semantics and in Montague's PTQ**. D. Reidel Publishing Company, Londres: 1979.
- DUARTE, Y. **A hipótese inacusativa e as evidências do português**. São Paulo: D.E.L.T.A. vol. 9, nº 1, 1993.
- ESBOZO DE UNA NUEVA GRAMÁTICA DE LA LENGUA ESPAÑOLA – RAE. 14ª ed. Madrid: Espasa Calpe, 1985.
- FERNÁNDEZ RAMÍREZ, S. **Gra´matica española. 4.El verbo y la oración**. Madrid: Arco/Libros, 1986.
- GALVES, C. C. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Editora da Unicamp. Campinas: 1996.
- GILI GAYA, S. **Curso superior de sintaxis española**. 15ª ed. Barcelona: Vox, 2000.

GODOI, E. **Construção passiva em português: uma abordagem aplicacional**. Curitiba, 1988, Dissertação de Mestrado em Lingüística de Língua Portuguesa - UFPR.

_____. **Aspectos do aspecto**. Campinas, 1992. 294 f. Tese de Doutorado em lingüística – Instituto de Linguagem, UNICAMP,.

GONZÁLEZ, N. T. M. **Cadê o pronome? O gato comeu: Os pronomes pessoais na aquisição/aprendizagem do espanhol por brasileiros adultos**. São Paulo, 1994, Tese de Doutorado em lingüística – USP.

HOLMER, A. **The ergativity parameter**. Working Papers 48, Lund University, 2001.

LEVIN, B. **The middle construction and ergativity**. North-Holland, Cambridge, 1987.

LLORACH, E. A. **Gramática de la lengua española**. 7ª ed, Madrid: Espasa Calpe, 1995.

MALDONADO, R. Reflexividad y niveles de actividad. In: **Segundo Congreso Nacional de Lingüística**. México. Universidad Autónoma de México, 1994. p. 49-67.

MATEUS, M. et al. **Gramática da língua portuguesa**. 5ª ed. Coimbra: 1983.

MENDIKOETXEA, A. Construcciones inacusativas y pasivas. In BOSQUE, Ignacio e DEMONTE, Violeta. **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid, Espasa, 1999. 1575-1630.

_____. Construcciones con *se*: Medias pasivas e impersonales. In BOSQUE, Ignacio e DEMONTE, Violeta. **Gramática descriptiva de la lengua española**. Madrid, Espasa, 1999. 1631-1722.

MENON, O. Considerações em torno do *se*. 1. *Se* passivo? In: **Revista Letras**. Curitiba, Ed. Da UFPR, 1992-93, p. 171-193.

MIOTO, C. et all. **Manual de sintaxe**. Florianópolis: Insular, 2000

MOLINA REDONDO, J.A. **Usos de se**. 6ª ed. Madrid: SGEL, 1994

MORALES, J. L. O. **La gramática de la Real Academia Española resumida y aclarada**. 2ª ed, Madrid: Playero, 1994.

MORENO, F.F. **Qué españolenseñar**. Madrid, Arco/Libros, 2000.

MOURA NEVES, M. H. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Unesp, 2002.

MOZAS, A. B. **Ejercicios de sintaxis – teoría y práctica**. 4ª ed. Madrid: Edaf, 2000

NEBRIJA, E. A. **Gramátic acastellana**. Madrid: SGEL, 1992

NIETO, J. B; ARSENCIO, J.J. G; LOS MOZOS, E. P. **Temas de gramática española – teoría y práctica**. Universidad de Salamanca, Salamanca: 1998.

NUNES, J. N. *Se* apassivador e *se* indeterminador: o percurso diacrônico no português brasileiro. In **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas: 1991.

ONOFRE, M. B. **Operações de linguagem e implicações enunciativas da marca “se”**. Araraquara, 2003, Tese de Doutorado em Lingüística – USP.

PERES, J. A. & MÓIA, T. **Áreas críticas da língua portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1995.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. 41ª ed. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo, Ática, 1998.

SECO, R. **Manual de gramática española**. 9ª ed, Madrid: Aguilar, 1968.

SOARES BARBOSA, J. **Língua portuguesa ou princípios da gramática geral**. 7ª ed. Lisboa: 1803.

TORREGO, L. G. **Valores Gramaticales de “se”**. Madrid: Arco Libros, 1998.

_____. **La impersonalidad gramatical: descripción y norma**. 3ª ed. Madrid: Arco Libros, 1998.

_____. **Gramática dedáctica del español**. 7ª ed. Madrid: Ediciones SM, 2000.

VENDLER, Z. **Linguistics in philosophy**. Ithaca, New York, Cornell University Press, 1967.

WACHOWICZ, T. C. **As leituras aspectuais da forma do progressivo do português brasileiro**. Campinas, 2003, Tese de Doutorado em lingüística – Instituto de Linguagem, UNICAMP.

ZATARANI, I.M. Los adverbios en *-mente*. Una alternativa de clasificación y algunos problemas relativos a su constitución. In: **Segundo Congreso Nacional de Lingüística**. Universidad Autónoma de México, 1994. p. 69-104.

ANEXOS

Real Academia Española - Corpus de Referencia del Español Actual (CREA)

Consulta:

Criterios de selección:

Autor:

Obra:

Cronológico:

Medio:
Libros
Periódicos
Revistas
Miscelánea

Geográfico:
Argentina
Bolivia
Chile
Colombia

Tema:
1.- Ciencias y Tecnología.
101.- Biología.
102.- Veterinaria.
103.- Ecología.
104.- Tecnología.

CORDE

[Consulta](#)

[Ayuda.](#)

Párrafos (RAE)

Consulta: *se vende, en Orales, en ESPAÑA*
 Resultado: 28 casos en 24 documentos.

OBTENCIÓN DE EJEMPLOS

Concordancias. Normal. Clasificación:

Agrupación: Marcas:

Párrafos.

Pantalla: 1 de 1.

Párrafo nº 2.

han dado la victoria. La verdad es que, en principio, parece un hombre sin carisma, sin embargo ha duplicado la ventaja a Jessie Jackson, a su rival en el partido. Un partido, por otro lado, que en los últimos años ha sufrido muchas divisiones internas y que, por primera vez en <NUM>dieciséis</NUM> años, con Dukakis, parece que puede entrar en la Casa Blanca. Un partido que se enfrenta a <DISTINCT TYPE="TITU">re</DISTINCT><PAUSE> al partido republicano, al partido de Bush, que está muy cargado de <FOREIGN LANG="FRE">affairs</FOREIGN> negativos, por ejemplo, recordemos, el Iran Gate <DISTINCT TYPE="REPE">o</DISTINCT> Noriega. Javier Martín Domínguez, nuestro corresponsal en Nueva York, nos va a contar en el siguiente reportaje cómo Dukakis intentará cumplir su promesa, quiere cumplir su promesa de hacer realidad el sueño americano. <EVENT DESC="CAMPAÑA PUBLICITARIA">

<U TRANS="SMOOTH" WHO="REPO00009.PER012">En cada escuela norteamericana se vende el mismo sueño, que un niño pueda llegar a presidente del país más poderoso del planeta por la vía del voto. El sueño parece cada vez más inalcanzable. Se necesitan posición y dinero, mucho dinero, para afrontar las millonarias campañas electorales. Un sueño casi impensable para las numerosas y variopintas comunidades étnicas dominadas por un <FOREIGN LANG="ENG">establishment</FOREIGN> anglosajón. El sueño que nunca soñó un griego llamado Panos Dukakis, que tomó a principios de siglo el barco de la emigración desde la isla griega de Lesvos hasta la bahía de Nueva York. Pero el hijo de Panos y <UNCLEAR CERT="UNCERTAIN">Uterpe Dukakis, nacido hace <NUM> cincuenta y cuatro</NUM> años en América volvió a contagiarse de ese sueño que con tesón, suerte y votos, puede materializarse dentro de <NUM> cinco</NUM> meses <EVENT DESC="GENTE APLAUDIENDO Y COREANDO EL NOMBRE DE MICHAEL DUKAKIS">. Michael Stanley Dukakis, alias el Duque, ya es

AÑO: 1988
 AUTOR: ORAL
 TÍTULO: Informe Semanal, 11/06/88, TVE 1
 PAÍS: ESPAÑA
 TEMA: 09.Reportajes

Ir arriba Pantalla: 1 de 1.

Nueva consulta: [CREA](#) [CORDE](#) [Ayuda](#).

Párrafos (RAE)

Consulta: *se mataron, en Orales , en ESPAÑA*
Resultado: 3 casos en 2 documentos.

OBTENCIÓN DE EJEMPLOS

Clasificación:
Agrupación: Marcas:

Párrafos.

Pantalla: 1 de 1.

Párrafo nº 1.

porque vienen si llega el peligro que llegue para mí solo, no para para mi hijo también, ¿verdad? Sí, esto es una cosa que Claro. vamos tando de compañeros Tú date cuenta el accidente que pasó ahí, por ejemplo, el accidente que pasó la semana pasada ahí, que habían sido dos hermanos o padre e hijo, y cayeron los dos . Yo estoy encantado de el pues, me gusta, tiene sus dificultades, bueno, riesgos también y, vamos entres un poquitín con yo, por ejemplo, que ando por la zona donde **se mataron** estos dos compañeros, pues entres con un poquitín de recelo, ¿no?, un poquitín de miedo, recelo, como se le pueda llamar, pero, bueno, ya, luego ya después de estar adentro, si vas a pensar en lo que pasó o lo que pueda pasar, entonces, bueno, ye que ya no entres en la mina. Algunos, por esas siete horas al día, cinco días a la semana, se llevan ochenta mil pesetas mensuales a casa, otros pueden llegar a las trescientas mil trabajando a destajo. El dinero, en ocasiones, puede compensar este duro y arriesgado trabajo que, como mínimo, destroza los pulmones y puede costar la vida. El peligro siempre existe, desde que se introducen en la jaula que les llevará a la galería, pero en eso más vale no pensar, aunque es difícil olvidarlo, sobre todo después de accidentes como los ocurridos los últimos días.

AÑO: 1990
AUTOR: ORAL
TÍTULO: Informe Semanal, 06/01/90, TVE 1
PAÍS: ESPAÑA
TEMA: 09.Reportajes

Ir arriba Pantalla: 1 de 1.

Nueva consulta: [CREA](#) [CORDE](#) [Ayuda.](#)

Párrafos (RAE)

Consulta: se vive, en Orales, en ESPAÑA
Resultado: 58 casos en 44 documentos.

OBTENCIÓN DE EJEMPLOS

Clasificación:
Agrupación: Marcas:

Párrafos.

Pantalla: 1 de 1.

Párrafo nº 57.

comernos las gachas estaba ahí la sartén y tenía agua por encima. Y estaban tan buenas, y todo .
¿¿¿Joder????! Claro que nos la comimos, frías y todo, pero si, ya ves tú, si es lo que te digo que... o sea que...
Pues, mira, yo al** algunas veces *me ha tocado de de discutir*, o sea, he he discutido con con personas que
no quieren reconocer... o sea, que reniegan del momento actual, que dicen que tal, que cual, que que que se
vive tan mal, bueno, no que **SE VIVE** tan mal, sino que... echándole la culpa a diestro... Sí, que hay
pegas. ... y siniestro y a lo loco y pegas... Sí que hay pegas, hay pegas ????. Digo: "Vosotros sois muy frágiles
de memoria". Yo... desde luego, se me olvida todo de de inmediato, pero lo que tengo grabado, o sea, la
situación que se vivía... y yo, claro, soy de después que... Sí sí sí.

AÑO: 1992
AUTOR: ORAL
TÍTULO: Conversación 10, Universidad de Alcalá de Henares
PAÍS: ESPAÑA
TEMA: 09.FORMALIDAD=baja, AUDIENCIA=interlocutor, CANAL=cara a cara

Ir arriba Pantalla: 1 de 1.

Nueva consulta: [CREA](#) [CORDE](#) [Ayuda](#).

Párrafos (RAE)

Consulta: abre la, en Orales , en ESPAÑA
 Resultado: 17 casos en 14 documentos.

OBTENCIÓN DE EJEMPLOS

Recuperar
 Concordancias.
 Normal.
 Clasificación:

Agrupación:
 Marcas:

Párrafos.

Pantalla: 1 de 1.

Párrafo nº 17.

Unos nos llevamos bien, otros nos llevamos todos nos hablamos Sí. lo que pasa es que mira, ahora están los dos pequeños, que están con mi madre, que son los dos que quedan solteros, y un desastre ¡Qué mal se llevan! ¿Tú te crees? Es que no se hablan. Se murió mi padre el año pasado y, bueno, de siempre se han llevado mal, pero es que lo que es ahora, no se hablan. El pequeño no hace nada más que pincharle al otro. Que si se pone a fumar y no abre la ventana le empieza a pinchar ¿Y y el otro no fuma? El otro sí fuma, pero como él **abre la** ventana. Digo: "Pero es que tú no te das cuenta que tú tienes esos fallos, él tiene esos fallos, pero tú tienes otros." Claro. Claro, pero no para de meterse con él. Bueno, y el otro no dice nada nada en absoluto. Es que por no por no eso ni le habla siquiera. Bueno pues, el que le pincha tanto al otro, el otro día, fue a a poner el despertador, que es del mayor, y el otro no le habló ni siquiera, pero cogió el despertador y se le quitó, y ayer dice mi madre: "¿Tú te crees que está bien que anden así los dos?" Ya, pero es que a los chavales no se les pasa. Digo:

AÑO: 1992
 AUTOR: ORAL
 TÍTULO: Conversación 5, Universidad de Alcalá de Henares
 PAÍS: ESPAÑA
 TEMA: 09.FORMALIDAD=baja, AUDIENCIA=interlocutor, CANAL=cara a cara

[Ir arriba](#) Pantalla: 1 de 1.

Nueva consulta: [CREA](#) [CORDE](#) [Ayuda.](#)